

WWW.REVISTABANG.COM

BANG!

A SUA REVISTA DE FANTASIA, FC E HORROR

EDIÇÃO



BANG! Nº 15 / NOVEMBRO DE 2013

**REVISTA
GRÁTIS**

PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL DA SAÍDA DE EMERGÊNCIA

TIGANA DE GUY GAVRIEL KAY

DESCUBRA A OBRA QUE REVOLUCIONOU
A FANTASIA HISTÓRICA

AS GLÓRIAS DA COLEÇÃO ARGONAUTA

POR LUÍS FILIPE SILVA

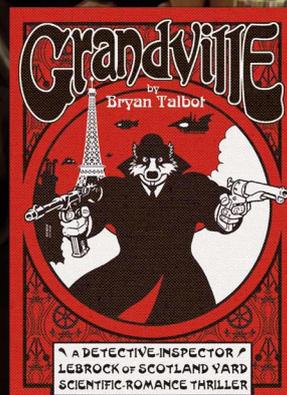
COM A PARTICIPAÇÃO DE
FERNANDO RIBEIRO, AFONSO CRUZ
E OUTRAS ESTRELAS DO FANTÁSTICO

E AINDA:
ENTREVISTAS
BD
CONTOS
ENSAIOS

AS CIDADES
NA FICÇÃO
CIENTÍFICA
POR JOÃO
ROSMANINHO

ENTREVISTA A
EDUARDO SPOHR:
O FENÓMENO
BRASILEIRO
NA LITERATURA
FANTÁSTICA

BEM-VINDO
A GRANDVILLE:
HISTÓRIA
ALTERNATIVA
EM BD
POR JOÃO
LAMEIRAS





LEVE 4 PAGUE 3

**TODA A LITERATURA
LUSÓFONA E TRADUZIDA**

**TODOS OS LIVROS
INFANTIS E JUVENIS**

**E MUITOS MAIS
LIVROS SELECIONADOS**

Campanha válida na Fnac entre 14 de novembro e 24 de dezembro de 2013. Aplicável em todos os livros de literatura (exceto edições estrangeiras), infantojuvenis e outros livros selecionados. Oferta do livro de valor inferior e não acumulável com outras promoções, descontos ou vales.

Condições de Financiamento: informe-se no Cetelem através do 707 27 27 27, de 2ª a 6ª F, das 9h às 20h.

A Fnac é mediador de crédito a título acessório e com caráter de exclusividade.

Toda a seleção disponível em fnac.pt

É o ano de 2046 e o mundo que conhecíamos no início do milénio mudou. Em vez de nações, temos territórios delimitados por zonas de habitação consoante as antigas nacionalidades de cada indivíduo. Todos esses territórios são patrulhados por um punhado de potências mundiais que ditam as entradas e saídas.

Algumas zonas tornaram-se tão hostis que os seus habitantes não têm permissão de viagem para outras áreas mais comercialmente abastadas. A região que era conhecida por uma grande concentração de locais de peregrinação há muito está entregue a uma desolação vedada de “terra de ninguém”, em que os combatentes de várias fés se voluntariam para morrer na defesa de antigos monumentos religiosos. Morrem mártires às dúzias todos os dias.

A tecnologia que parecia ser tão voraz e expandido horizontes tornou-se o pior inimigo. Nenhum aparelho sobrevive incólume a um rigoroso processo de vigilância e espionagem que busca combatentes inimigos mas, na verdade, influencia o curso das grandes operações políticas e financeiras. As novas tecnologias tornaram-se ainda mais viciantes, conduzindo a grandes períodos de isolamento e desprezo ou desinteresse por relações sexuais. Naturalmente, o declínio da taxa de natalidade é maior a cada ano que passa.

Já ninguém acredita em política desde que os políticos se tornaram um mero peão na mão de banqueiros e corporações. Os que ainda podem votar, não votam no líder que mais faz promessas para lhes conceder bem-estar. Em vez disso, votam no homem ou mulher que lhes oferece um prato de comida em troca do voto. Em zonas um pouco mais abastadas, deixa de ser um prato de comida e passa a ser qualquer outro bem material.

Há um estado perpétuo de guerra fria. Quando as pessoas se aperceberam disso, as manifestações foram proibidas e qualquer concentração era rapidamente dispersa pelas forças policiais que foram absorvidas pelos militares. A maioria das pessoas empregadas perdeu um a um os direitos laborais que tinham, os sindicatos foram extintos ou tornaram-se obsoletos, e agora os trabalhadores estão completamente à mercê da boa vontade das empresas que exigem um mínimo de 10 horas diárias de trabalho. Se estiverem em falta, o banco, em conluio com as empresas, pode congelar e vedar acesso à conta bancária.

A medicina atingiu um patamar nunca visto e quase todas as doenças podem ser curadas através de células estaminais e medicina regenerativa. A recente revolução biotecnológica completou o resto. Mas tornou-se de acesso tão limitado que só uns quantos poucos conseguem beneficiar dos novos milagres da ciência. Cerca de 75% da população mundial que resta não tem acesso a serviços de saúde que não sejam básicos.

A cultura ainda é das poucas coisas que permanece mas estranhamente alterada. Todos os produtos culturais – livros, filmes, músicas, arte – que passam pela censura contém mensagens insidiosas e subliminares que encorajam o conformismo, consumismo e estupidificação. A indústria de livros já não permite o luxo de pensar e alimenta apenas cada vez mais livros irrelevantes e de entretenimento. Todos os intelectuais viram as suas vozes silenciadas na voragem da censura, contra-informação e contra-política. Muitos que tentaram denunciar o sistema foram perseguidos e banidos para os confins do mundo. Talvez haja ainda muitos nas suas casas que ainda se atrevam a pensar e reflectir

sobre o estado do mundo, mas falta-lhes a coragem para desafiar o sistema.

A impossibilidade de diálogo entre os extremos ideológicos impediu qualquer tipo de progresso social. A contínua falta de entendimento e cooperação não pára de conduzir a constantes situações de impasse, impotência e frustração. Não ajuda que o jornalismo se tenha demitido da sua função principal e tenha passado a ser um mero megafone dos poderes políticos e económicos.

Num mundo como este, os homens e mulheres só podem ter como maior esperança a hipótese de terem filhos e de deixarem um melhor legado para eles. Mas esses filhos são agora doutrinados nesta nova ordem mundial em que nada é questionado e o passado deixou de ser aprendido. Os erros retornam sempre para assombrar.

Este é o ano de 2046 e, para os que são velhos o suficiente para se interrogarem sobre como o mundo se tornou este sítio tão desolado, basta regressarem um pouco no tempo e recordarem os erros de muitos cidadãos que não viram a tempo, nem se impuseram a tempo, nem souberam evitar as agruras do tempo presente. A cobardia, o crescente distanciamento da realidade, a incapacidade de destruir um sistema que não funciona e substituí-lo por outro tornaram-se fardos – os pecados dos nossos pais – e o ano de 2046 é testemunha do preço elevado que foi pago. **BANG!**



Safaa Dib é coordenadora editorial na Saída de Emergência desde 2008. Já foi tradutora e revisora e, desde 2010, edita em Portugal e agora no Brasil, a revista Bang!. Vive em Lisboa onde faz parte da organização da convenção anual do Fórum Fantástico.

VENHA DESCOBRIR A REVISTA BANG! NA INTERNET
WWW.REVISTABANG.COM

ilustrador da capa

Luis Melo



1. The Undead of Veridon

Ilustração para a capa do segundo volume da trilogia steampunk de Tim Akers.

2. Cats in the Shade

Uma ilustração feita ao estilo de um filme de animação imaginário, sobre dois gatos fugidos à justiça.

3. The Funky Grand Wizard

Ensaio para uma possível BD de ficção científica num universo Funk retro-futurista, em que este feiticeiro cósmico seria a personagem principal.

4. The Ducts of Ryplor Decimus

Sugestão de uma história de FC. Um par de astronautas chateia-se e separa-se, num labirinto de tubos misteriosos, num planeta distante. Como foram lá parar, que labirinto é este e o que acontece a seguir fica aberto à interpretação.

5. Zoujitsu – O Elefante-Ninja

Desenvolvimento de uma ideia pessoal para *pitching* de um conceito de jogo, baseado na ideia de um elefante ninja, a desenvolver pela Spicy Horse Games.

6. À Espera do Nosso Contacto

Imagem feita após uma maratona de documentários (desde Adam Curtis até filmes sobre OVNIS dos anos 70) e de uma breve obsessão por *kraftwerk*, explorando a ideia de uma invasão extraterrestre durante a guerra fria.

Luis Melo nasceu em Lisboa em 1981. Estudou Design de Comunicação na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, porém aprendeu ilustração digital paralelamente, como autodidata, online. Pode-se dizer que deve muito do percurso dentro da sua profissão actual ao envolvimento em fóruns de arte digital.

O seu trabalho é maioritariamente ligado aos videojogos, tendo colaborado tanto como *freelancer* ou integrado em estúdios, em projectos de diversos temas e dimensões, e com clientes nos mais variados países. Considera que a aposta na versatilidade compensou, não só porque é incapaz de se cingir a um estilo, como também por lhe agradar bastante mudar contrastadamente de registo, de projecto para projecto.

Entre 2009 e 2010 fez uma passagem de ano e meio por Xangai para participar, como *concept artist*, no projecto *Alice: Madness Returns*, desenvolvido pela Spicy Horse Games, experiência que considerou extremamente enriquecedora em todos os sentidos.

De volta a Portugal, como *freelancer*, e com uma paixão crescente pela literatura, particularmente a de ficção científica, tem lido bastante e procurado trabalhos editoriais nesse âmbito, tendo já ilustrado capas para vários livros do género. Tentando aprofundar ainda mais este interesse, aventurou-se recentemente pela escrita criativa, que está a levar a sério e que já resultou na produção de vários contos.

A busca por um lado mais autoral do seu trabalho é um aspecto que pretende explorar mais a fundo e que está a ganhar bastante peso na sua produção actual, traduzindo-se em breve na publicação de histórias suas ilustradas e projectos de BD, embora também continue em contacto com o meio dos videojogos. Para contrabalançar a sua actividade principal e também manter uma certa sanidade mental, o Luis reserva outras actividades criativas exclusivamente para o lazer, tais como tocar tambores e cozinhar pratos picantes.

BANG!



8



13



19



23



28



39



54



49



74

Não Ficção

- 02** Ilustrador da capa
Luís Melo
- 08** Metais Pesados: Diamonds are Forever
Fernando Ribeiro
- 10** Enciclopédia da Estória Universal
Afonso Cruz
- 13** Viy - Um Clássico da Literatura Russa
António Monteiro
- 19** Bem-vindo a Grandville
João Lameiras
- 28** As Glórias da Colecção Argonauta - Parte 1: Em Busca do Velo que Antevia o Futuro
Luís Filipe Silva
- 34** Tigana - A Obra-Prima de Guy Gavriel Kay
Safaa Dib
- 39** O Senhor da Fantasia Histórica - Entrevista a Guy Gavriel Kay
Safaa Dib
- 41** Making Of
Ana Santos

- 44** A Voz da Ciência
João Seixas
- 54** As Cidades na Ficção Científica - Episódio 2: O Contexto Europeu
João Rosmaninho
- 62** Entrevista a Eduardo Spohr
Safaa Dib
- 68** Os Livros das Minhas Vidas
Larry Nolen
- 72** E se os Personagens da Guerra dos Tronos estivessem no Facebook?
Equipa Fuel e Luís Corte Real
- 76** 8ª Edição do Fórum Fantástico
Safaa Dib

Ficção

- 23** A Hora do Diabo
Carlos Eduardo Silva
- 49** Contos Breves
Inês Botelho, Fernando Lobo Pimentel, Jorge Palinhos
- 74** A Guerra dos Pombos
Estevão Ribeiro



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE A COLECÇÃO BANG! OU A EDITORA SAÍDA DE EMERGÊNCIA VISITE-NOS EM: SAIDAEEMERGENCIA.COM

Revista Bang! 15 / Novembro de 2013 Propriedade: Edições Saída de Emergência. Todos os direitos (e mais alguns) reservados. Director e escravo das galés: Luís Corte Real Editora (procurada pela Interpol): Safaa Dib Direcção de arte e catering: Ana Santos, Luís Corte Real, Luís Marcela, Maria do Mar Rodrigues Colaboradores explorados nesta edição: Ana Santos, António Monteiro, Carla Barroso, Diana Marques, João Barreiros, Joana Cardoso, João Lameiras, João Rosmaninho, João Seixas, Larry Nolen, Liliana Novais, Luís Filipe Silva, Luís Melo, Marcelo Lourenço, Telma Teixeira. Autores e outros convidados sem voto na matéria: Afonso Cruz, Carlos Eduardo Silva, Eduardo Spohr, Estevão Ribeiro, Fernando Lobo Pimentel, Fernando Ribeiro, Guy Gavriel Kay, Inês Botelho, Jorge Palinhos. Redacção e solário: Rua Adelino Mendes, nº152, Quinta do Choupal 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal Impressão (gralhas incluídas): Printer Portuguesa Tiragem de revirar os olhinhos: 8500 Copyright: Textos e imagens propriedade da editora e/ou dos respectivos autores, etc e tal.

Nota: os preços das lojas Fnac anunciados nesta revista consideram-se correctos salvo erro, gralha tipográfica ou intervenção alienígena.

colecção Bang!

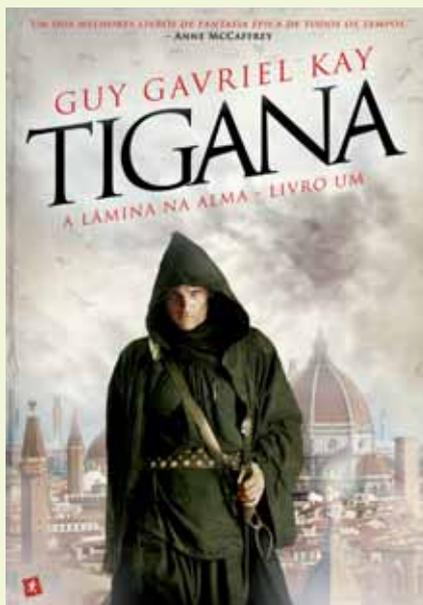
só literatura fantástica

[Resumo das novidades Por Luís Corte Real / editor]

Lançamentos da colecção Bang! da Primavera / Verão de 2013



E assim se passaram 10 anos. A voar. No final de 2003 nascia a Saída de Emergência, um projecto concebido para publicar literatura fantástica. Cedo experimentámos o romance histórico, a literatura romântica, o thriller (felizmente com bastante sucesso), mas a paixão sempre foi a fantasia, a ficção científica, o horror. Com a colecção Bang! iniciámos uma linha de referência, com novidades constantes e muita ambição. Depois veio a revista Bang!, um projecto verdadeiramente revolucionário, onde solidificámos a nossa imagem junto de milhares de fãs do fantástico. Houve altos e baixos, como sempre os há, mas entre clássicos como Lovecraft ou Lord Dunsany e os gigantes da actualidade como Robin Hobb e George R. R. Martin, a Saída de Emergência tem ajudado a construir uma verdadeira comunidade de fãs do fantástico em Portugal. A relação de proximidade com os nossos leitores, mediante o uso das redes sociais, tem ajudado a manter a tocha acesa. Bem como o design apelativo, as capas fortes e as várias iniciativas promocionais. Mas o que tem feito realmente a diferença é o facto dos leitores reconhecerem que somos como eles: adoramos o fantástico. São 10 anos fabulosos, Saída de Emergência e leitores, estamos todos de parabéns.



NOVEMBRO

Tigana - A Lâmina na Alma de Guy Gavriel Kay

Quando publicou *O Senhor dos Anéis* nos anos cinquenta do século passado, J. R. R. Tolkien não podia sequer sonhar que estava a criar alicerces tão profundos para a fantasia épica que, meio século depois, uma multidão de autores ainda o copiaria até à exaustão. Esses alicerces, hoje clichés absolutamente esgotados, são vários: a história dividida nos tradicionais três volumes; as características físicas e culturais dos elfos, anões e outras raças míticas; a inevitável demanda do herói; os poderosos artefactos mágicos; a figura do senhor das trevas, e, por fim, talvez a que mais marcou a fantasia desde então: a separação simplificadora entre o bem e o mal. Com Tolkien o mal é absoluto e corrompe absolutamente (cor-

po e alma). O bem, pelo contrário, é exclusivo aos heróis, quase sempre sem falhas, dúvidas ou arrependimentos. Guy Gavriel Kay, que procura constantemente transcender as fraquezas da fantasia, com *Tigana* marca um corte com essa tradição tolkieniana do bem e do mal. *Tigana* está repleto de personagens em conflito com as suas próprias decisões e com o impacto que essas decisões têm nos outros. Aliás, a grande força desta obra é precisamente a ambiguidade moral das suas personagens. Não são homens bons nem maus, são apenas homens, apesar do poder que lhes foi atribuído e que os coloca na posição de fazerem grande bem ou grande mal. Quem conhece a obra de George R. R. Martin sabe exatamente do que estamos a falar.

Vejam os personagens: Alessan, o herói de *Tigana*, não olha a meios para atingir os fins. Mas será heróico, mesmo quando os fins são tão nobres como o resgate de um povo, recorrer ao assassinio e à própria escravatura? Brandin, o vilão, tem uma capacidade imensa de amar. Vive, inclusive, uma das mais belas histórias de amor da literatura fantástica. Mas é o ódio que o move durante grande parte da vida. Alessan e Brandin são personagens complexas e das mais fascinantes do género. Diga-se que estão em boa companhia: as personagens

secundárias de *Tigana* formam um grupo rico, complexo e memorável. Caros leitores, mais do que uma boa leitura, desejo a todos uma excelente viagem.

Caixa As Crónicas de Gelo e Fogo

de George R.R. Martin

Apresentamos *As Crónicas de Gelo e Fogo* em formato... Tyrion. Ou seja, toda a acção, aventura e emoção que George R. R. Martin nos habituou, mas em formato de bolso. A caixa, com um design espectacular, é composta por dez volumes elegantes e resistentes. Atenção que apesar de serem dez volumes, apenas inclui os primeiros cinco volumes da saga no formato grande, ou seja, de *A Guerra dos Tronos* até *A Tormenta de Espadas*. A segunda metade da saga em formato de bolso chegará em 2014.



JANEIRO

Divina por Escolha

de P. C. Cast

A autora do sucesso *A Casa da Noite* está de regresso ao romance paranormal com o segundo volume da saga Partholon. Shannon Parker, a heroína do primeiro volume, finalmente aceitou a sua vida mítica em Partholon.

NOVOS PROJECTOS:

Viva o Brasil!

Em 2013, a Saída de Emergência não se limitou a fazer 10 anos. Também se expandiu para o Brasil numa parceria ambiciosa com a Sextante, um dos maiores grupos editoriais do país irmão. Para descobrir o que andamos a fazer por terras brasileiras, visite-nos em www.sdebrasil.com

Prémio Bang!

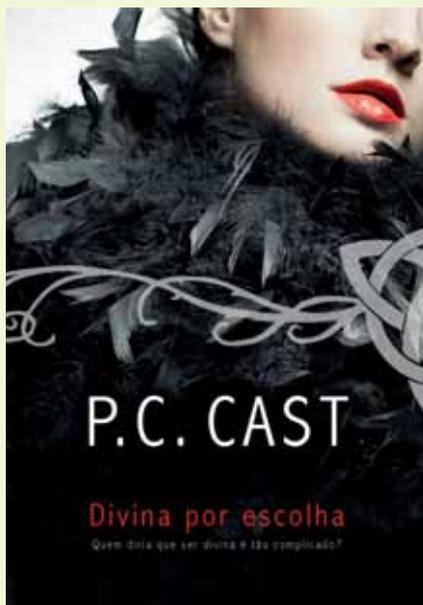
E esta expansão para o Brasil traz de volta o Prémio Bang! Um prémio para a melhor ficção fantástica onde poderão concorrer tanto autores portugueses como brasileiros. O regulamento deverá ser comunicado ainda este ano. Preparem os vossos originais!

Revista Bang! online

A Bang! está na internet, com actualizações diárias, conteúdos fabulosos e grandes colaboradores. Acompanhe tudo sobre literatura fantástica e ajude-nos a divulgar o portal.

Brandon Sanderson

No ano que vem, em Portugal, vamos ver um dos melhores autores de literatura fantástica a chegar à colecção Bang! Brandon Sanderson e a sua saga *Mistborn* começarão a ser publicados ainda no primeiro terço do ano. Esta saga ninguém vai querer perder!



Ama o seu marido centauro (sim, leram bem), a sua ligação à deusa Epona e toda a pompa e circunstância que isso traz. Na verdade, quase esqueceu a sua vida na Terra... especialmente quando descobre que está grávida.

Então, uma erupção abrupta de poder atira-a de volta para Oklahoma. Sem magia, a jovem não consegue regressar a Partholon e, como tal, vai precisar de ajuda. O problema é que essa ajuda virá na forma de um homem tão tentador como o seu marido. Quem diria que ser deusa por escolha seria bem mais difícil do que ser deusa por engano?

O Mago - A Serva do Império - Vol. 2

de Raymond E. Feist

Uma das sagas mais importantes de todos os tempos foi a criação de Raymond E. Feist. Com mais de 16 milhões de livros vendidos e traduzido em mais de 35 países, Feist continua a maravilhar milhares de leitores de fantasia. Figura entre os 10 melhores escritores de fantasia em praticamente todas as listas. Esta saga, escrita em parceria com Janny Wurts, foi elogiada como a melhor saga a resultar de uma escrita a duas mãos. A Saga Filha do Império conta a história de uma mulher e da intriga e manipulação que ela usa para chegar ao poder. Trilhando o seu caminho entre armadilhas e traições que os seus inimigos lhe preparam e... a possibilidade de descobrir o amor. Não se trata de uma destruição de mundo ou de forças do bem contra forças do mal. É um livro de personagens e de intriga. Podemos encontrar fortes persona-

gens femininas, mas também personagens masculinas cativantes. Os eventos ocorrem pela mesma altura do que O Mago – Aprendiz e a maioria dos eventos tomam lugar em Kelewan. A ação centra-se bastante nos Tsuranuanni. A não perder.

Acácia - Vol. 5

de David Anthony Durham

Durham dá continuação a uma série ambiciosa e complexa em que forças morais ambíguas, bem como o grande teatro político e económico, influenciam o destino de muitos povos e culturas. Vários anos decorreram desde os eventos no último livro e a rainha Corinne Akaran governa com mão de ferro, ao mesmo tempo que engrandece os seus poderes de feiticeira. Cada um dos irmãos Akaran está envolvido em planos vitais para a guerra iminente contra os Auldek, os invasores que vêm do gelo e estão prestes a abater-se sobre Acácia. Mas outras ameaças surgem e podem destruir o equilíbrio precário de poder. Conseguirá a rainha de Acácia resistir na guerra que se avizinha?

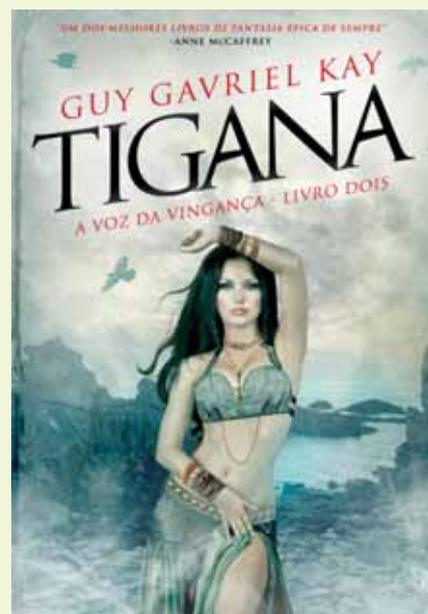


FEVEREIRO

Tigana - A Voz da Vingança

de Guy Gavriel Kay

Segundo volume da obra-prima de Guy Gavriel Kay. Mais do que estar na vanguarda de um movimento destrutor dos alicerces da fantasia, o autor ofere-



ce-nos um mundo de fantasia épica com a sua própria geografia, religião, política e estruturas sociais complexas. Numa península que em tudo nos recorda uma Itália medieval e onde o povo comercializa vinho, cereais e especiarias por terra e por mar, *Tigana* conta-nos uma história poética e poderosa sobre a força da política e da religião, o custo do sangue e o preço do amor. **BANG!**

ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DA COLECÇÃO BANG!

- 210. Justiça de Kushiel
Jacqueline Carey
- 211. Acácia – O Povo das Crianças Divinas
David Anthony Durham
- 212. Dragões de um Alvorecer de Primavera, vol. 3
Margaret Weis & Tracy Hickman
- 213. Sangue Final
Charlaine Harris
- 214. Mago – A Serva do Império
Raymond E. Feist & Janny Wurts
- 215. Divina por Engano, vol. 1
P. C. Cast
- 216. Contos de Algernon Blackwood
Algernon Blackwood
- 217. A Fera Perfeita
Michael Jan Friedman, Robert Greenberger,
Peter David
- 218. A Ironia e Sabedoria de Tyrion Lannister
George R. R. Martin
- 219. Tigana - A Lâmina na Alma, vol. 1
Guy Gavriel Kay

metais pesados

Diamonds Are Forever

por Fernando Ribeiro

Chegamos ao palco do Graspop (Festival de Metal da Bélgica, visitado nesta edição por mais de 60.000 pessoas) meia hora antes do nosso concerto começar. O voo de Lisboa atrasou e apenas um condutor implacável consegue fazer uma distância de hora e meia em talvez 45 minutos, tomando atalhos que provavelmente se abriram só daquela vez, para se fecharem por completo depois da nossa veloz passagem. Vamos directos ao palco, fazemos um linecheck à velocidade da luz, visto-me, sem pudor, ao lado do palco, na zona técnica. São duas da tarde, a tenda está cheia, o concerto é óptimo.

Não podia perder este festival por nada desta vida. Quem fecha o nosso palco são os Ghost e o cabeça de cartaz King Diamond e quando chega a hora, estou lá no público para apreciar o regresso do verdadeiro Príncipe das Trevas do Heavy Metal. Claro que não me refiro ao Papa Emmeritus, líder dos Ghost, aos quais só dedico umas breves linhas porque esta banda (que recria ambientes litúrgicos, apelando a uma musicalidade que tem tanto de Blue Oyster Cult e NWOBHM, e a uma teatralidade que pisca o olho a filmes



Não podia perder este festival por nada desta vida. (...)quando chega a hora, estou lá no público para apreciar o regresso do verdadeiro Príncipe das Trevas do Heavy Metal

como *Rosemary's Baby* e outros clássicos mais obscuros dos anos Setenta) é, no momento, o nome mais quente e vibrante do Metal actual, tendo por isso um tempo de antena que só não é descomunal porque esta banda o merece verdadeiramente. Um encanto obscuro.

Já é de noite quando o palco de King Diamond é mostrado aos seus ávidos seguidores. Este cenário recria uma casa, que podia ser o interior de uma mansão oitocentista do Sul dos EUA, que se pretende assombrada. Há uma grade trabalhada que preenche toda a frente do pal-

co. Ninguém entra, ninguém sai daqueles portões e o festim começa. Desfilam histórias de todos os discos, pequenos contos de terror que abordam a possessão espiritual, o vodu, o coveiro solitário. Toda a performance tem uma encenação fílmica, com uma banda sonora infernal, entre virtuosismo e puro *storytelling*. O Rei (Diamante) canaliza em si todas estas energias à solta e o público, o vosso escriba incluído, rende-se com uma entrega digna de um povo aclamando o seu líder. É um teatro inspirado, aquele que nos é apresentado e fica-se com uma sensação idêntica no fim do concerto aquela de quando lemos um bom livro de terror ou vemos um clássico filmado do género. Uma certa ansiedade, um medo familiar, interrogações na cabeça, um peso agradável que nos vai deixando mas que enquanto dura dá sentido ao nosso gosto e curiosidade pelo macabro, pelo lunar.

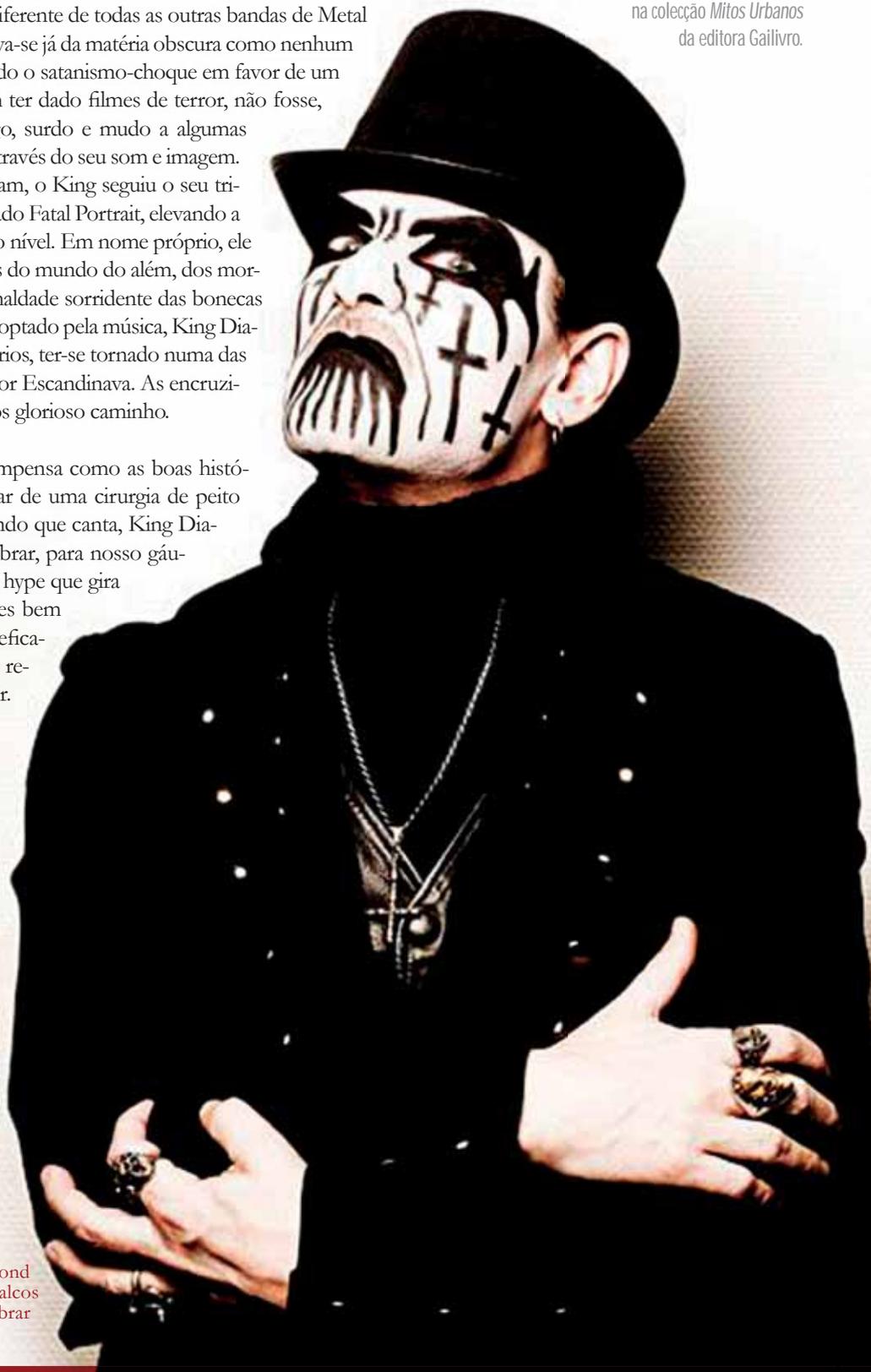
King Diamond começou a sua carreira no final dos Setenta mas foi já nos Oitenta que se destacou enquanto vocalista dos seminais Mercyful Fate. Esta sua primeira banda (apesar dos projectos anteriores que gerariam esta dinastia maldita) era e sempre será uma banda totalmente diferente de todas as outras bandas de Metal na altura. Semanticamente, aproximava-se já da matéria obscura como nenhum outro grupo, tendo sempre desprezado o satanismo-choque em favor de um enredo de histórias que bem podiam ter dado filmes de terror, não fosse, por vezes, o mundo do cinema cego, surdo e mudo a algumas propostas que os músicos veiculam através do seu som e imagem. Quando os Mercyful Fate se separaram, o King seguiu o seu trilhão e estreou-se com um disco chamado Fatal Portrait, elevando a atmosfera visual e musical a um outro nível. Em nome próprio, ele foi autor de histórias vivas e vibrantes do mundo do além, dos mortos, das vinganças dos espíritos, da maldade sorridente das bonecas dos quartos das crianças. Não tivesse optado pela música, King Diamond poderia, pelos seus dotes literários, ter-se tornado numa das grandes referências da ficção de horror Escandinava. As encruzilhadas levaram-no a outro, não menos glorioso caminho.

Que teve um preço e uma recompensa como as boas histórias têm. Acabado de recuperar de uma cirurgia de peito aberto que quase o levou até ao mundo que canta, King Diamond voltou aos palcos para assombrar, para nosso goáudio, fazendo, nessa noite, esquecer o hype que gira à volta dos Ghost e das suas canções bem mais vulgares mas completamente eficazes. Esse regresso é a sua e a nossa recompensa. E que bom poder assistir. Fica a faltar uma longa-metragem baseada na sua obra-prima (o disco Abigail) que, com toda a certeza, seria uma produção de mestre (Guillermo de Toro, Stephen King, Carpenter se me ouvem, dêem sinal verde a este projecto.) que encantaria todos aqueles, saudosos de um filme com impacto espiritual que nos desafie pelo medo, como foram o *Exorcista*, o já mencionado *Rosemary's Baby* e outros clássicos do pânico interior que de vez em quando temos de nos deixar governar. **BANG!**

King Diamond
voltou aos palcos
para assombrar



Fernando Ribeiro é vocalista e letrista da banda Moonspell, com a qual já lançou vários discos, e em 2009 participou no projecto Amália. Tem três livros de poesia publicados e, no universo lovecraftiano, traduziu para português a biografia em banda desenhada intitulada "Lovecraft", assinou as introduções das antologias "Os Melhores contos de H. P. Lovecraft" e participou nas antologias "As Sombras Sobre Lisboa" e "Contos de Terror do Homem-Peixe". Em 2011, publicou ficção na colecção *Mitos Urbanos* da editora Gailivro.



enciclopédia da estória universal

por Afonso Cruz

Os fragmentos gnósticos da Pensão Tertuliano

Os fragmentos gnósticos de Andronikos, que incluíam um evangelho completo, foram descobertos na década de 1970 num lupanar turco, conhecido desde há cerca de mil e oitocentos anos como Pensão Tertuliano. O nome do edifício partiu de uma contenda entre um dos mais conhecidos Padres do cristianismo, que criticou a filosofia e teologia gnósticas, dizendo que estas “empilhavam andares sobre andares” e que faziam do universo “uma pensão onde Deus vive no sótão”. Andronikos, um pensador do terceiro século depois de Cristo, decidiu efectivamente construir a pensão que Tertuliano comparara com o pensamento gnóstico. A ironia tornou-se um edifício. As paredes foram pintadas com inscrições gnósticas, bem como os tectos. Mas a história deste prédio haveria de sofrer algumas reviravoltas: um século depois de ter sido construído, já as inscrições das paredes e tectos haviam sido tapadas para escapar à perseguição da Igreja; após a queda de Constantinopla, foi usado para fins militares, tendo-se tornado, mais tarde e durante grande parte do Império Otomano, uma madrasa famosa, onde Tal Azizi e Gardezzi ensinaram caligrafia e matemática; tornou-se, durante a Segunda Grande Guerra, uma enfermaria, antes de o edifício ser comprado, em 1949, por uma quantia irrisória, e transformado num bordel, tornando-se assim uma caricatura da sua origem e propósito inicial.

Durante a década de 1970, o prédio sofreu algumas remodelações e o proprietário, ao mandar limpar as paredes e os tectos



Irineu quem usou pela primeira vez o termo “gnóstico” para descrever as heresias

e retirar o gesso e a cal e a tinta, acrescentados ao longo dos séculos, viu surgirem as famosas inscrições atribuídas a Andronikos. Sem perceber exactamente a importância daquilo que decorava o seu bordel, achou interessante preservar as pinturas e textos encontrados, pois estes mantinham uma surpreendente vivacidade e pareciam ter sido

acabados de pintar. Os frescos gnósticos foram identificados, em 1979 por Gunnar Helveg, que imediatamente tentou que o edifício se tornasse património cultural, já que continha um importante testemunho dos primeiros séculos da nossa era. Ao saber disto, o proprietário do prostíbulo, para não perder o imóvel, decidiu destruir tudo o que estava escrito nas paredes e nos tectos. Contratou vários homens que, em poucos dias, picaram os frescos, fazendo desaparecer qualquer vestígio das inscrições e pinturas gnósticas. Perderam-se, desse modo, textos de valor incalculável.

Em 1981, Gunnar Helveg teve então uma ideia para recuperar os textos destruídos: decidiu entrevistar as prostitutas que durante a década de 1970 haviam trabalhado no bordel. Gunnar Helveg achava que elas, por tantas vezes terem lido, enquanto trabalhavam com um homem em cima delas, os fragmentos



“A morte de Simão Mago” na Crónica de Nuremberg (“Liber Chronicarum”, 1493).

pintados nas paredes e, sobretudo, nos tectos, poderiam reconstruir o evangelho perdido, bem como alguns dos outros fragmentos de origem gnóstica. Helveg pediu ajuda ao editor Isaac Dresner, para a publicação dos textos que haveriam então de ser organizados, catalogados e editados. Dresner concordou e juntou-se ao projecto de Helveg, colaborando nas entrevistas, e levando consigo o artista plástico Emilio Kacev, seu filho adoptivo, que se tornou o terceiro elemento da equipa, encarregado de retratar e pintar as prostitutas entrevistadas.

Helveg e Dresner, durante meses, conversaram com doze mulheres (que coincidência, haveriam de dizer) e conseguiram efectivamente recuperar alguns fragmentos, bem como o

evangelho perdido, que foi posteriormente publicado com o título *O Evangelho das Putas Gnósticas*, pela editora Eurídice, Eurídice!.

O primeiro excerto gravado, por uma mulher conhecida por Crystal, foi o seguinte: “É isto que importa na vida: o caroço. O Demiurgo, quando proibiu comer do fruto, no Éden, apenas tentava manter o homem afastado do segredo mais banal de todos. Ao chupar a polpa, o homem descobre a semente da vida. Descobre que aquele bocado duro, que não se come, que se cospe para o chão, é de onde nascem mais árvores. Descobre que aquilo que se rejeita, aquilo que se deita fora, é o maior tesouro. A Árvore da Vida não é uma árvore, é uma semente.” **BANG!**



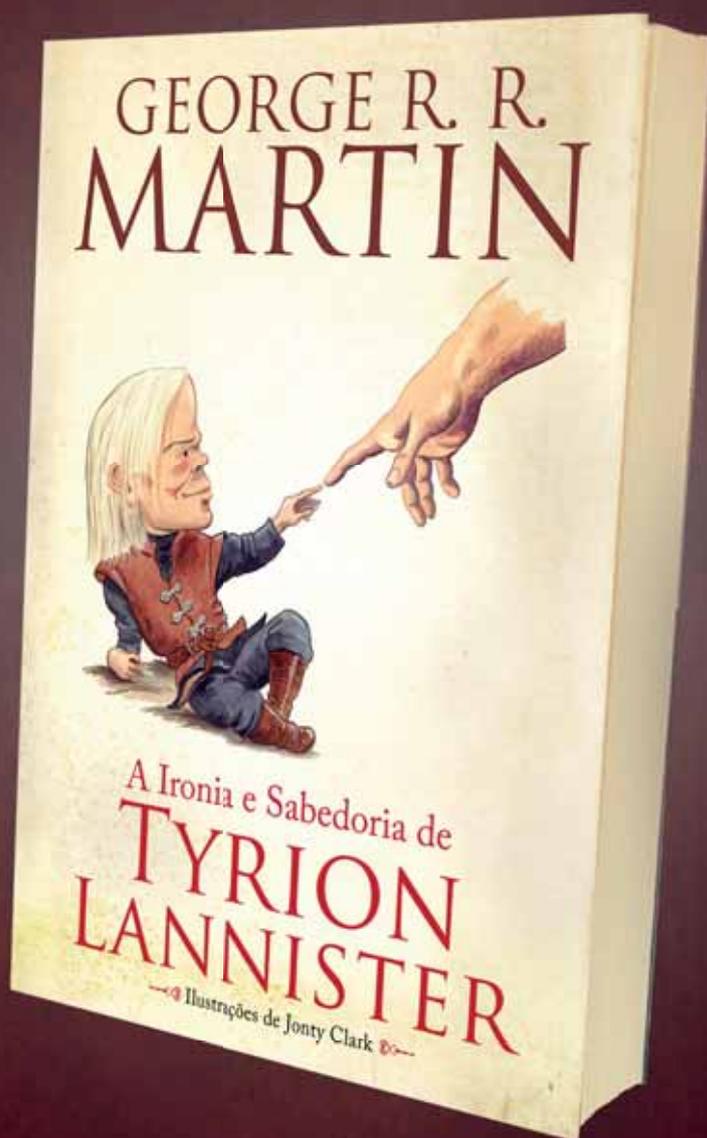
É autor dos livros *Enciclopédia da Estória Universal* (Quetzal, 2009), *A Carne de Deus* (Bertrand, 2008) e *Os Livros Que Devoraram o Meu Pai* (Caminho, 2010 - Prémio Literário Maria Rosa Colaço). Recentemente publicou *A Boneca de Kokoschka* (2010), *O Pintor Debaixo do Lava-Loiças* (2011) e *O Livro do Ano* (2013). Além de escrever, também é ilustrador, cineasta e músico (compõe e toca na banda de blues/roots The Soaked Lamb).

Vive no campo e tem dois filhos.
<http://afonso-cruz.blogspot.com>
<http://soakedlamb.com>

Em 1981, Gunnar Helveg teve então uma ideia para recuperar os textos destruídos: decidiu entrevistar as prostitutas que durante a década de 1970 haviam trabalhado no bordel.

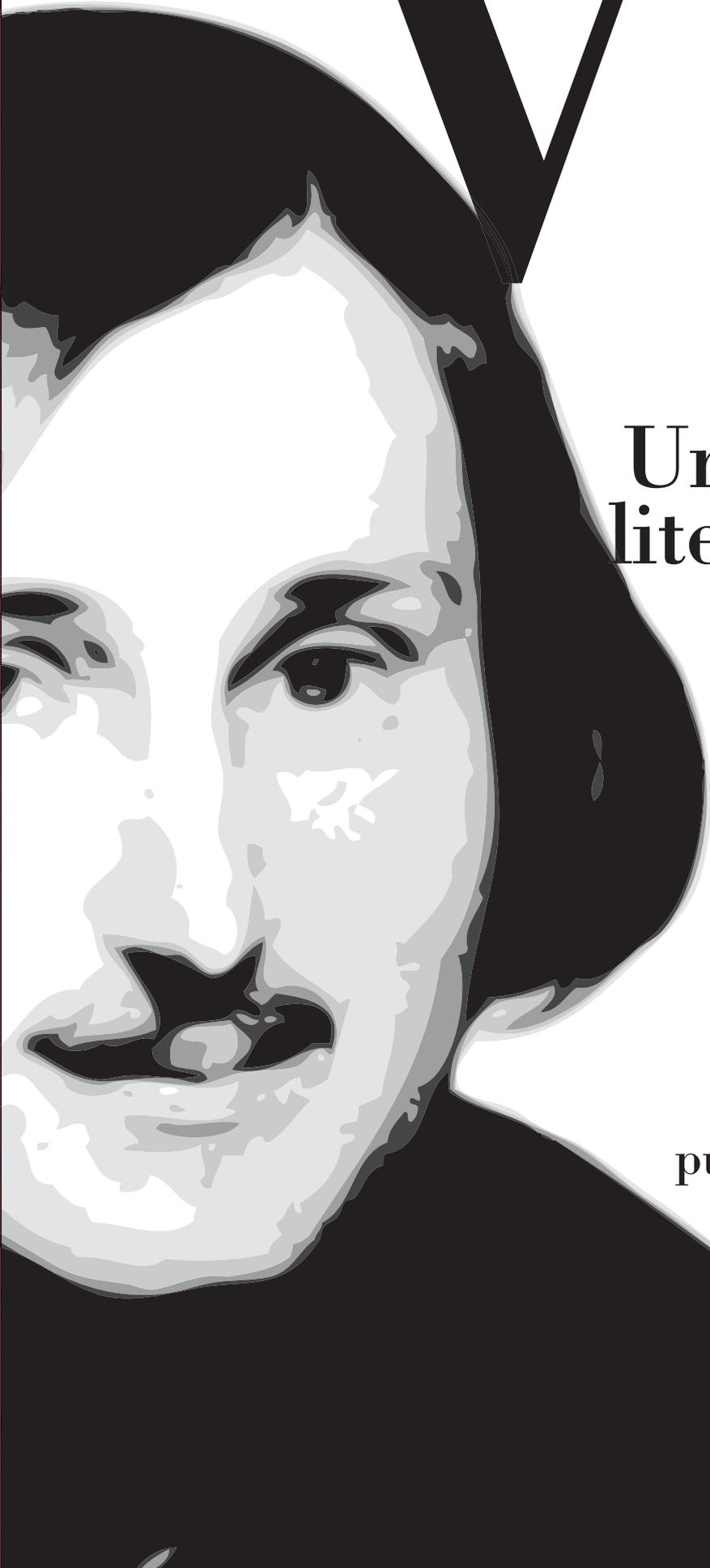


*“Mijar é o menor
dos meus talentos.
Devias ver-me cagar.”*
– TYRION LANNISTER



*Venha conhecer as melhores frases de Tyrion Lannister,
uma das personagens mais memoráveis de
As Crónicas de Gelo e Fogo...*





Viy

por António Monteiro

Um clássico da
literatura russa

“Viy” é um conto
do escritor russo

**Nikolai
Vasilievich
Gogol**

publicado pela primeira
vez em 1835, na obra
em dois volumes
Mirgorod.

G

ogol (1809-1852) nasceu na localidade de Sorochyntsi, na actual Ucrânia, à época incluída no Império Russo, sendo considerado um mestre do conto, se bem que tivesse escrito também comédias e dramas. Uma das suas comédias, *Revizor*, foi mesmo adaptada ao cinema em 1949, com o título *O Inspector Geral* e interpretação de Danny Kaye; entre as obras mais famosas do autor conta-se

também o romance histórico *Taras Bulba*, igualmente adaptado ao cinema e à ópera. Em 1842, após a morte de Alexander Pushkin e quando Leo Tolstoy era ainda muito jovem, Gogol chegou mesmo a ser apontado como o maior prosador em língua russa. Os seus textos – frequentemente eivados de crítica social e política – tinham grande originalidade e as descrições de pessoas e do meio ambiente podem considerar-se de carácter impressionista, quase caricatural.



Ilustração para o livro *Viy*, por H. Yakutovych, 1989

No início do conto em apreço, Gogol explica que Viy é um monstro pertencente ao folclore da Pequena Rússia (área mais ou menos correspondente à actual Ucrânia), mais precisamente o rei dos gnomos, “cujas pálpebras chegavam ao chão”, acrescentando que a história que vai contar é também de índole folclórica e que a procurará reproduzir fielmente. Ao que parece, porém, tais afirmações não têm fundamento, não existindo no folclore ucraniano uma personagem como Viy, que seria então produto da imaginação do autor. A nota referida destinar-se-ia então a aumentar a credibilidade e poder do conto.

A história em si pode dividir-se em três partes.

A primeira parte consta da descrição da vida no Mosteiro de Bratsky e dos seus estudantes. Ao fim de cada ano escolar, estes deixam o Mosteiro e seguem em grupos para suas casas. A narrativa concentra-se em três deles, Khaliava, Khoma Brutus e Tiberius Gorobetz.

A segunda parte conta a chegada dos três companheiros a uma quinta longínqua, onde são acolhidos. Durante a noite, Khoma é assediado por uma velha que lhe salta para as costas e o obriga

a cavalgar pelos campos fora. Aterrado, o rapaz reza orações de exorcismo e acaba por conseguir inverter as posições, montando-se nos ombros da megera e batendo-lhe com um pau até que ela cai inanimada. Nessa altura, a velha bruxa transforma-se numa bela rapariga.

Na última parte, Khoma é chamado por um rico cossaco cuja filha morreu, deixando como última vontade que o estudante viesse durante três noites consecutivas ler orações sobre o seu cadáver, a fim de lhe salvar a alma. A jovem morta não é outra senão a bruxa que o rapaz encontrara antes e quando na primeira noite Khoma, apreensivo, se fecha na igreja onde o seu caixão repousa e começa a recitar orações, o cadáver ergue-se, procurando apanhá-lo. O rapaz protege-se desenhando um círculo no chão e permanecendo dentro dele. Tudo se repete na segunda noite, com a bruxa a voar pela igreja e convocando demónios e monstros para o atacar. Nenhum desses seres o consegue ver e de manhã Khoma é encontrado desfalecido e com o cabelo subitamente grisalho. A terceira noite é, evidentemente, a mais aterradora de todas: a bruxa não só volta a chamar as mesmas criaturas infernais como invoca o próprio Viy, rei dos gnomos, que vê tudo, quando os seus acólitos lhe levantam as longas pálpebras, que lhe tombam sobre a cara em ferro. Mas entretanto chega a manhã, um galo canta, os demónios são forçados a fugir e Khoma é encontrado morto de medo.

Conforme ficou dito, nem tudo nesta história – nomeadamente a figura de Viy – parece pertencer realmente ao folclore ucraniano. Não obstante, os demónios que a bruxa invoca enquadram-se em tradições eslavas, segundo as quais os maus não seriam bem recebidos pela terra, depois de mortos, saindo por isso das suas campas para atormentar os vivos; Gogol descreve os seus demónios como tendo “terra negra” agarrada a eles. Também os encantamentos, os exorcismos e o círculo protector que Khoma traça no chão se encontram no

folclore da Ucrânia. Segundo Alexander H. Krappe (*Journal of American Folklore*, Vol. 61, No. 240, Apr.-Jun. 1948) Viy seria um monstro sérvio, relacionado com outros seres como Balor, rei dos gigantes Formorions, do folclore irlandês.

Por sua vez, alguns pormenores do conto de Gogol não só são baseados no folclore, como constituem verdadeiros estereótipos, que nem sequer se restringem aos contos da Europa de Leste. Por exemplo, a noção de que a bruxa força Khoma a transportá-lo às costas aparece um pouco por toda a parte, até ao folclore britânico. Em *The Lore of the Land*, Jennifer Westwood and Jacqueline Simpson mencionam episódios semelhantes e até a inversão de posições, em que a bruxa acaba dominada, surge também. Westwood & Simpson observam também o seguinte: “Há uma ligação estreita [...] entre a bruxaria e a forma extrema

ideia de bruxas a cavalgar para Brocken (o pico mais alto nas montanhas Harz da Alemanha central) na noite de Walpurgis, se teria visto reduzido à condição de montada, transportando pelos ares uma feiticeira pesadíssima, que quase lhe partia os ossos. Encontra-se um outro exemplo alemão em Adalbert Kuhn (*Sagen, Gebräuche und Märchen aus Westfalen und einigen andern, besonders den angrenzenden Gegenden Norddeutschlands*, 1859, vol. 1, no. 419, pp. 373-374), na sua história “Der Hexenritt” (literalmente, “o cavalgar da bruxa”).

Também a ideia de que o velório de uma bruxa possa ser perturbado por estranhos fenómenos aparece frequentemente no folclore europeu, inclusivamente no português. Assim, por exemplo, na página 14 de *Histórias e Superstições na Beira Baixa – Castelo Branco* (2008), José Carlos Duarte conta a história do velório



Quadro “O Pesadelo” de Henry Fuseli, 1781

de pesadelo em que a vítima [...] se sente esmagada por um grande peso que lhe oprime o peito. Este fenómeno [...] supunha-se provocado por uma bruxa (ou espírito maligno) que cavalgasse a vítima”. O mesmo tema claramente inspirou o famoso quadro “O Pesadelo” (1781), de Henry Fuseli.

Também August Ey (*Harzmärchenbuch; oder, Sagen und Märchen aus dem Oberharze*, 1862, pp. 46-48) fala na história de um mineiro que, depois de ter troçado da

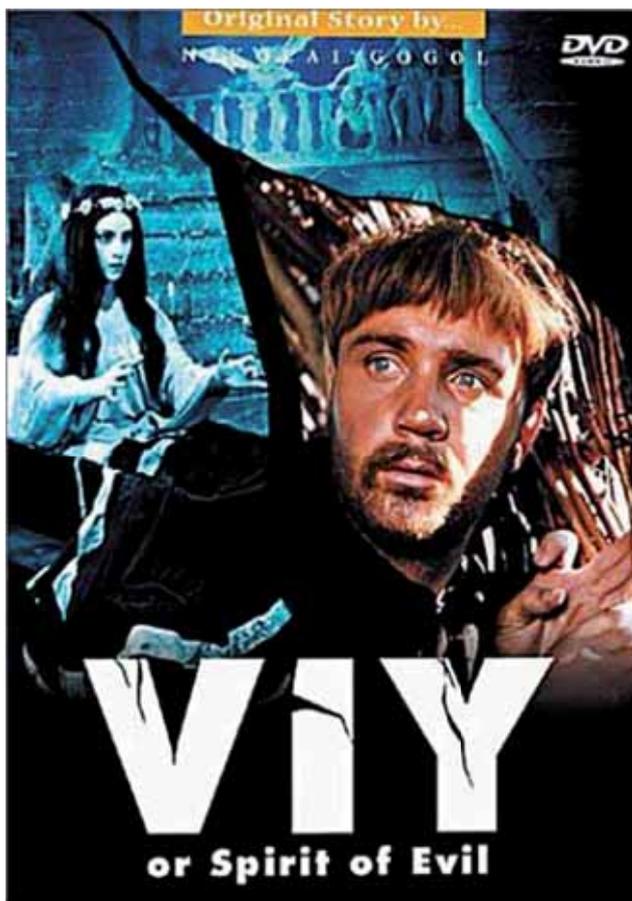
de uma bruxa que os presentes não puderam abandonar até de madrugada devido a barulhos aterradores, bater de palmas e estranhas luzes no exterior, tudo provocado por outras feiticeiras.

As histórias folclóricas foram classificadas segundo um sistema criado pelo folclorista finlandês Antti Aarne (1867-1925), para permitir a análise comparativa de narrativas e textos, até oriundos de diferentes culturas. Essa classificação foi originalmente publicada com o

título *Verzeichnis der Märchentypen*, em 1910, sendo depois traduzida, revista e ampliada pelo americano Stith Thompson (1885-1976). A versão final data de 1961 e estabelece o sistema de numeração AT ou AaTh.

Essa classificação sistemática em categorias vastas como “Histórias de Animais”, “Histórias Religiosas”, etc., depois subdivididas noutras mais finas, num total de cerca de 2500 formas fundamentais usadas no folclore europeu e do Próximo Oriente, seria finalmente expandida ainda mais e actualizada em 2004 pelo alemão Hans-Jörg Uther (n. 1944), na sua obra *The Types of International Folktales: A Classification and Bibliography, Based on the System of Antti Aarne and Stith Thompson*, de que resultou a moderna classificação Aarne-Thompson-Uther, que identifica cada tipo de conto folclórico pelo seu número ATU. O catálogo de Uther (volume 1, page 189) inclui a história “Viy”, de Gogol como uma versão do tipo 307 (“A Princesa no Caixão”), em que uma jovem dominada pelo demónio morre e após a morte levanta-se de noite para atacar os soldados que estão de guarda ao seu túmulo, até que um deles, devidamente aconselhado (usualmente por um anjo, uma fada, um santo, etc.) consegue esconder-se (ou aguentar os sofrimentos que lhe são infligidos), desencantando a rapariga e casando com ela.

Em diversas versões deste enredo, as princesas encanta-



“Viy” ou “O Espírito do Mal” por Konstantin Ershov e Georgi Kropachyov, 1967

Princesa na Montanha de Vidro”. Cardigos aponta exemplos como um conto registado por Ataíde Oliveira, com o título “As Três Nuvens”, o conto “O Rei e os Três Filhos” (Alda S. Soromenho e Paulo C. Soromenho, *Contos Populares Portugueses. I Volume*, 1984; conto nº 328), contos recolhidos da tradição oral açoriana (ilhas das Flores, Graciosa e de S. Jorge) e outros. Também D. Ana de Castro Osório, em *Histórias Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa* (1950), incluiu o conto “A Princesa da Áustria”, que segue o mesmo enredo.

Restará referir que a história de Gogol foi adaptada ao cinema por três vezes.

A primeira adaptação, *Viy* ou *O Espírito do Mal* é de 1967 e foi realizada por Konstantin Ershov and Georgi Kropachyov. Trata-se de um filme soviético, com Leonid Kuravlyov no papel de Khoma e Natalya Varley no da bruxa morta.

O argumento segue de bastante perto o conto de Gogol, mostrando diversos aspectos da vida local, à época. Lá encontramos também o voo de Khoma campos fora, com a velha bruxa às costas, sendo curioso observar que o papel da velha é confiado a um actor, Nikolai Kutuzov (1897-1981). Todo o episódio assume um carácter onírico: a feiticeira trepa para as costas do rapaz e este começa a correr até que os seus pés abandonam o chão e o par segue a voar. A mulher transporta consigo uma vassoura, instrumento frequentemente associado às bruxas.

Chega-se por fim à parte principal da história, as três noites que Khoma tem de passar junto da rapariga morta, rezando pela sua alma. Tal como é descrito por Gogol, a bruxa levanta-se do caixão e aterroriza o estudante. A interpretação de Natalya Varley é de facto assustadora, com o mal a trans-

A SUA
REVISTA
BANG!
ESTÁ EM
WWW.
REVISTABANG.
COM

BANG!

parecer no seu riso que vai subindo de intensidade, como se o seu poder maléfico fosse aumentando; o seu aspecto corresponde também ao que é descrito pelo autor (“a sua cara tinha uma tonalidade azulada como a de quem estivesse morto há vários dias”).

Como seria de esperar num filme de 1967, os efeitos especiais são um tanto ingénuos: os monstros que atazanam o estudante, por exemplo, não passam de homens, alguns deles anões, com os corpos pintados de cinzento e espessas camadas de maquilhagem, enquanto se vêem esqueletos a deslocar-se deselegantemente, obviamente movimentados por fios invisíveis. Não obstante, algumas das caracterizações dos monstros são relativamente originais e até perturbadoras. Em determinada cena, saem mãos das paredes, o que dá à cena um carácter surrealista, que faz lembrar imagens do filme francês *La Belle et la Bête* (Jean Cocteau, 1946), com candelabros ao longo de um corredor seguros por braços humanos.

Ao todo, as cenas na igreja são bastante eficazes, com a bruxa a gritar “chamo os vampiros, chamo os lobisomens!” e os monstros a surgirem das janelas e das paredes. A figura de Viy, neste filme, acaba por ser menos aterradora do que as de outros monstros presentes, por se ver tão claramente que não passa de um homem num fato largo.

Globalmente, *Viy* é um filme muito interessante, que retem todo o poder da história original. O nível de representação é elevado, num estilo sóbrio que muitas vezes está ausente das produções ocidentais contemporâneas e que só lhe traz vantagens.

Em 2006, surgiu uma nova adaptação cinematográfica do conto de Gogol, dirigida por Oleg Fresenko sob o título *Vedma* ou *O Poder do Medo* (recorde-se que na história original o estudante Khoma morre de



“Vedma” ou “O Poder do Medo”
por Oleg Fresenko, 2006



medo e não por acção directa das entidades que o atormentam). Trata-se de um filme russo, filmado na Estónia e com argumento do realizador e de Igor Mityushyn, que decidiram afastar-se do texto de Gogol em múltiplos aspectos.

A acção deixa a Ucrânia ou a Rússia e passa para os Estados Unidos, para uma povoação chamada Castleville; o estudante é substituído por um jornalista, Evan, que investiga fenómenos sobrenaturais supostamente lá ocorridos. Depois de encontrar pelo caminho um padre católico, que mais tarde morrerá, permitindo a Evan ficar com o seu automóvel e envergar a sua sotaina, o jornalista vai ter a uma casa onde encontra uma bela rapariga que se transforma numa velha bruxa.

O rapaz acaba por chegar à povoação, é confundido com um padre e é encarregado de atender às últimas vontades de uma rapariga, Marryl: deve passar três noites a rezar junto ao seu caixão. Daí para a frente a história segue o padrão já conhecido: a feiticeira morta ergue-se do caixão, tenta alcançar Evan (cujo cabelo embranquece da noite para o dia), voa pela igreja, etc. No entanto – e trata-se aqui de uma diferença fundamental – não invoca monstros nem demónios nem, em particular, o temível Viy! Na verdade a bruxa acaba por ser derrotada pelo poder da fé reencontrada por Evan e por sucumbir à energia que emana do crucifixo que ele brande, rompendo em chamas. Evan não morre, se bem que seja um homem alquebrado que no final abandona Castleville.

Este final é muito menos satisfatório que o que foi escrito por Gogol, não só por ser lícito duvidar da autenticidade de uma fé que resulta de um pavor incontrollável, mas também porque a morte definitiva da bruxa, muito convencional, é por isso mesmo pouco interessante. O tema do homem que tem de encontrar ou renovar a sua fé, para lutar com os poderes do mal e da escuridão não é

muito original, acudindo de imediato à memória o padre Karras em *O Exorcista* (William Friedkin, 1973).

Os efeitos especiais neste filme são, evidentemente, muito superiores aos do primeiro, ainda que praticamente se restringem ao aspecto de Marryl e aos seus voos pela igreja, com mais uns tantos efeitos de som e de luz: não havendo monstros, nada mais era necessário.

Na globalidade, *Vedma* é um filme interessante, se bem que convencional e com diversos chavões. Os actores secundários apoiam bem a história e o ambiente em Castleville é bem retratado, com a possível excepção de uma empregada, talvez um pouco demasiado loquaz, que vai dando pequenas informações mas pouco mais que isso.

Em todo o caso, *Vedma* é inferior ao seu predecessor *Viy* em diversos aspectos. Por exemplo, o facto de Evan assumir a identidade do padre justifica o seu papel como salvador da alma da bruxa, mas não se percebe por que razão ele não revelou a verdade quanto à sua identidade assim que se confrontou com o sobrenatural, já que não seria difícil explicar que tinha encontrado o verdadeiro padre já morto e inventar uma razão para ter usado as suas vestes. Também a autoridade do pai da morta para impor a Khoma as suas provações na igreja é muito mais clara quando considerada no enquadramento da velha Ucrânia de há século e meio, do que na América actual. Finalmente, é óbvio que a omissão, na nova versão, da chegada de Viy, a qual era o climax do conto original, a enfraquece muito.

Mais recentemente, foi feito um terceiro filme, baseado na mesma história. Realizado por Oleg Stepchenko e intitulado *Viy. Vozvrashchenie* (= Viy. O Regresso), o filme tinha estreia prevista para a Rússia para o início do corrente ano. As informações

já encontradas acerca desta nova obra indicam, porém, que os autores se afastaram radicalmente do texto de Nikolai Gogol, ainda que recuperando algum do ambiente original, assim como as personagens de Khoma e dos seus colegas. Teremos de esperar por uma oportunidade para ver o filme – aparentemente feito em 3D – para chegar a conclusões sobre os seus méritos e as suas relações com a história de Gogol. **BANG!**



Nascido em Lisboa em 1951, casado, com duas filhas e três netos. É professor universitário de Matemática e tem múltiplos interesses, entre os quais a Malacologia, sendo editor da revista electrónica "The Cone Collector" (www.theconecollector.com). Na área da literatura fantástica, especialmente da literatura de terror, para além de pertencer a diversos clubes, é autor de diversos contos publicados em revistas.

A MELHOR LITERATURA FANTÁSTICA EM
WWW.REVISTABANG.COM

BANG!

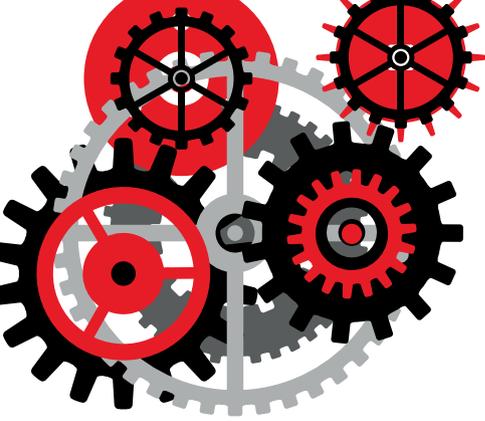
Bem-vindo a



por João Lameiras

Grandville

Imaginem um mundo em que a França é a principal potência mundial, depois de ter ganhado as guerras napoleónicas e invadido a Inglaterra, mandando guilhotinar a Família Real Britânica. Nesse mundo, em que Paris é a maior capital do mundo e a Inglaterra está ligada ao continente por uma ponte ferroviária que atravessa o Canal da Mancha, não foi só a História que evoluiu de forma alternativa. Também a relação entre humanos e os animais se alterou, sendo este mundo governado por animais antropomorfizados e os raros humanos, tratados depreciativamente como “doughfaces” (caras de massa) a não terem quaisquer direitos cívicos e estando limitados a simples tarefas mecânicas, sendo apresentados por um dos personagens, como “uma raça sem pelo de chimpanzés que evoluíram na cidade de Angoulême”, nome que, como veremos, não surge por acaso, pois Angoulême é a cidade francesa que alberga o maior Festival europeu de BD, e as piscadelas de olho à Banda Desenhada franco-belga são frequentes neste mundo.



Influências

Este é também um universo “steampunk”, com tecnologia derivada das ilustrações do francês Albert Robida, um contemporâneo de Júlio Verne, que imaginou uma França futurística numa trilogia de livros dedicados ao século XX, escritos entre 1883 e 1890 (*Le Vingtième Siècle*, *La Guerre au Vingtième Siècle* e *La Vie Électrique*). É neste futuro alternativo, concebido por Bryan Talbot, um autor inglês contemporâneo, como se tivesse sido imaginado por um escritor francês do Século XIX, que encontramos o herói da história, o Detective Inspector Archibald LeBrock, um musculado texugo de grande força física e impressionantes capacidades dedutivas. Lebrock, ajudado pelo inspector Roderick Ratzki, vai resolver casos policiais que o obrigam a deslocar-se frequentemente a Grandville (cidade grande, em francês), alcunha pela qual é conhecida a cidade de Paris, que dá nome à série. Mas esta é uma referência com duplo sentido, pois Grandville era também o nome artístico



Ilustração de
Albert Robida

do ilustrador e caricaturista francês Jean Ignace Isidore Gerard, que assinava muitas vezes os seus trabalhos como J. J. Grandville. Falecido em 1847, Grandville foi dos primeiros ilustradores a utilizar animais antropomorfizados em obras como *Les Métamorphoses du Jour*, uma série de litografias editadas entre 1928 e 1929, protagonizadas por figuras humanas na pose e no vestuário, com cabeças dos mais diversos tipos de animais, incluindo insectos e peixes.

Brian Talbot, o criador de *Grandville*, nasceu em Inglaterra em 1952, tendo trabalhado nos comics underground britânicos e na revista *2000 AD*, para onde desenhou *Nemesis*, *the Warlock* e *Judge Dredd*, antes de seguir o caminho de diversos compatriotas seus, como Alan Moore, Brian Bolland, Neil Gaiman, Dave McKean e Garth Ennis e começar a trabalhar para a DC Comics, sobretudo na linha Vertigo, para onde ilustrou as séries *Hellblazer*, *Fables* e o *Sandman*, de Neil Gaiman. Além de muito trabalho como desenhador para a DC, Talbot tem também bastantes trabalhos a solo. Obras mais antigas, onde já encontramos algumas das características que fazem de *Grandville* uma série única.

É o caso do gosto pela história alternativa e por universos “steampunk”, que estão presen-

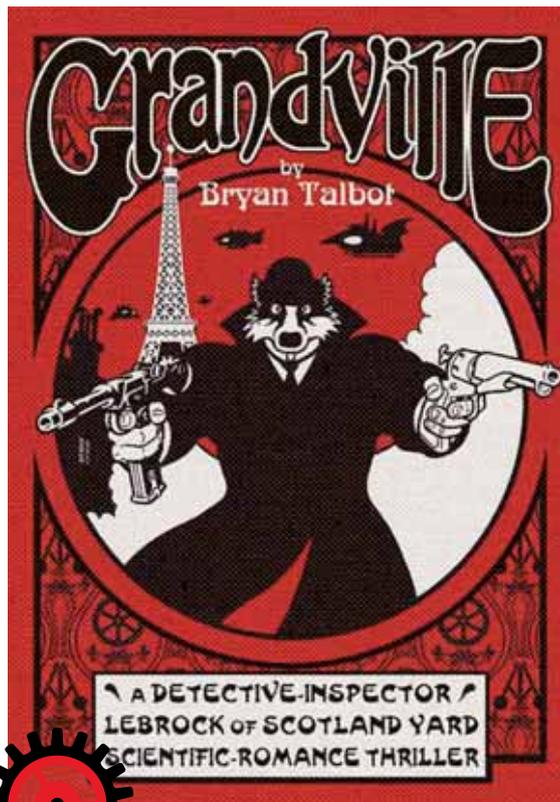
Ilustração de
J. J. Grandville



— Qui dit dit, dit dit, en dit dit dit dit dit dit.
— Qui dit dit.

tes em *The Adventures of Luther Arkwright*, um projecto iniciado em 1978, a que voltará com regularidade, posteriormente recolhido em dois grossos volumes, editados nos EUA pela Dark Horse. Outro elemento bem presente nos seus livros e que é fulcral em Grandville, é a homenagem aos grandes nomes da ilustração infantil. *The Tale of One Bad Rat*, o seu trabalho mais premiado, concilia uma história comovente sobre uma jovem vítima de abusos sexuais na infância, com uma bela homenagem à vida e obra de Beatrix Potter, uma das mais importantes escritoras e ilustradoras infantis britânicas e *Alice in Sunderland*, parte da ligação de Lewis Carroll, o criador de *Alice in Wonderland* à cidade de Sunderland, para uma alucinante viagem visual pela história da cidade e da literatura e da ilustração, cheia de pormenores deliciosos e com diversos níveis de leitura. Uma obra avassaladora, com um trabalho de pesquisa tão aturado, que lhe valeu um Doutorado Honoris Causa pela Universidade de Sunderland, em 2009, pelo seu “contributo notável para as Artes como escritor e artista gráfico”.

Em *Grandville*, Talbot vai reunir todas essas influências e muitas outras (para além de Robida e Grandville, Talbot cita explicitamente Conan Doyle, Quentin Tarantino e... *Rupert the Bear*, mas podia citar também Walt Disney, Enid Blyton, Randolph Caldecott, Kenneth Grahame, entre outros) em movimentadas histórias de ficção policial, num universo de ficção científica “steampunk”, que embora em termos de vestuários e decoração lembre a Europa de finais do século XIX e inícios do Século XX, decorre um século depois, 200 anos após as Guerras napoleónicas, que reforçaram a hegemonia mundial da França que as venceu.



Capa do livro "Grandville" de Bryan Talbot

Ilustração do livro "Grandville" de Bryan Talbot



Grandville

Iniciada em 2009, com *Grandville*, a série dedicada às aventuras do Inspector LeBrock da Scotland Yard está prevista para cinco volumes autónomos, dos quais já saíram três, *Grandville*, *Grandville, Mon Amour* e *Grandville, Bête Noire*, estando o quarto volume, *Grandville: Noel* anunciado para 2014.

O primeiro episódio leva o Inspector Lebrock e o seu adjunto Ratzki a Paris, para investigar o assassinato de um diplomata inglês, Raymond Leigh-Otter e será em Paris, ou Grandville, que vai encontrar o amor com Sarah Blairrow, uma dançarina, claramente inspirada na actriz Sarah Bernard, mas a sua felicidade vai durar pouco... A investigação vai fazer com que descubra uma conspiração destinada a reacender a guerra entre a França e a Inglaterra, que tem como ponto de partida um atentado terrorista que destruiu a Torre Robida, num claro paralelo com os atentados de 11 de Setembro que destruíram o World Trade Center E essa não é a única alusão à realidade política contemporânea, pois encontramos um político de extrema-direita, chamado Jean-Marie Lapin (que, naturalmente, é um coelho), claramente inspirado em Jean-Marie Le Pen.

Mas ainda mais frequentes do que as referências à realidade política contemporânea, são as referências à Banda Desenhada franco-belga, presentes em todos os volumes. É o caso de Milou, o cão de Tintin, que assim surge como um viciado em ópio, que no meio dos delírios provocados pela droga, recorda as aventuras que viveu com Tintin. Do Gaston Lagaffe, de Franquin, e do Lucien, de Margerin, que emprestam as feições a dois melian-



tes que tentam assaltar o inspector Ratzl, em *Grandville, Mon Amour*, o 2º volume da série. De Angus, o cientista humano, ou “cara de massa”, se preferirem, que é morto no início do 3º volume, *Grandville, Bete Noire*, e que não é senão o Professor Philip Angus Mortimer, o protagonista das aventuras de *Blake e Mortimer*, de Edgar P. Jacobs. E encontramos ainda alguns personagens da Disney, como figurantes, seja o Pato Donald numa cela, ou o Professor Pardal a desempenhar um papel semelhante ao do Q. dos filmes de James Bond. Filmes esses que inspiraram obviamente a personagem do Barão Krapaud, um sapo com a pose e os meios do típico vilão dos filmes de James Bond, megalómano e com sonhos de dominação mundial, que aqui surge a acariciar um sapo no colo, em vez do tradicional gato persa branco...

Para além de histórias bem conseguidas e melhor contadas, com um desenho agradável e tremendamente eficaz, que ganhariam com um tratamento de cor não tão ostensivamente digital, é esta catadupa de referências, que desafiam a cultura do leitor e convidam a sucessivas releituras, um pouco na linha do que acontece com a *Liga de Cavaleiros Extraordinários* de Alan Moore e Kevin O'Neill, que fazem de *Grandville* uma série única. Uma série que, como já se percebeu, é absolutamente aconselhável aos leitores da Bang! **BANG!**



Ilustração do livro "Grandville" de Bryan Talbot

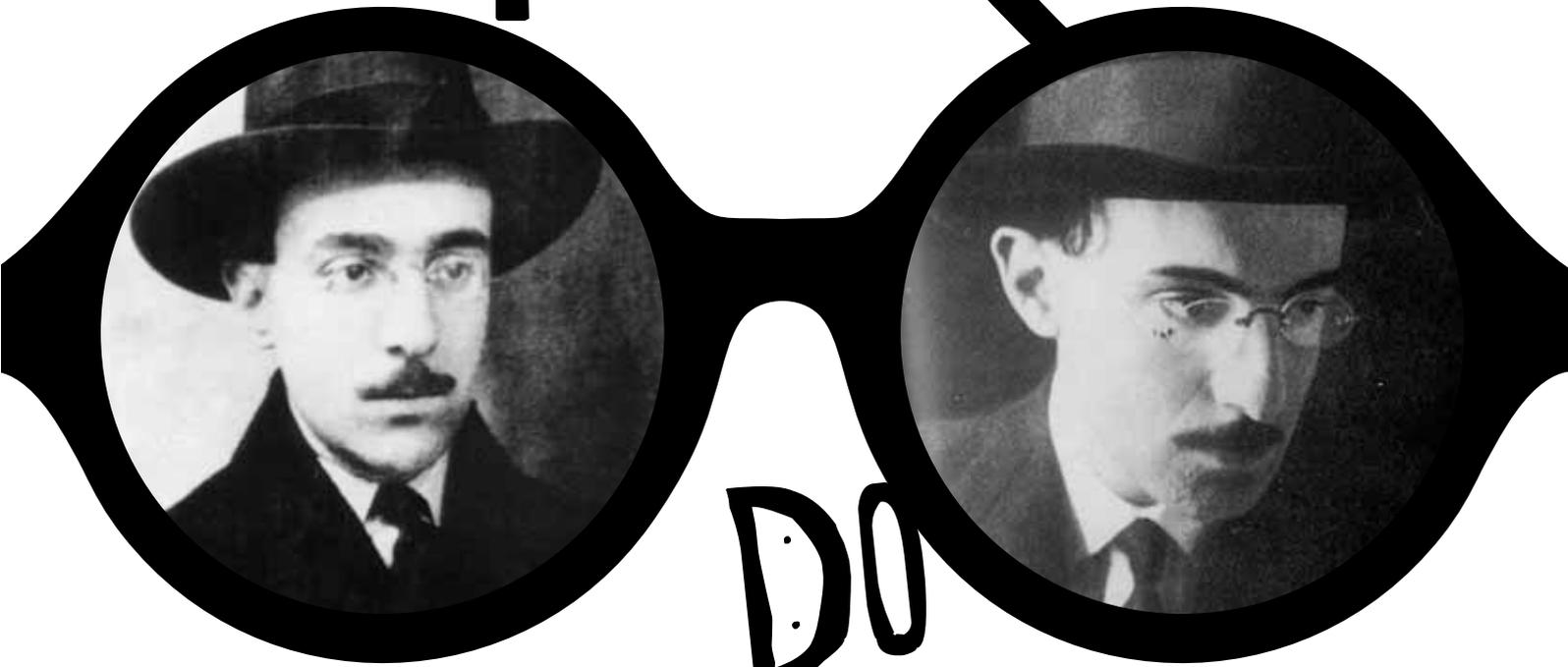


João Lameiras é Mestre em História da Arte pela Universidade de Coimbra. Tem desenvolvido uma vasta actividade no campo da Banda Desenhada, como conselheiro editorial, tradutor, argumentista e crítico para diversas editoras e publicações e é sócio-gerente da Livraria Dr. Kartoon. Escreve com frequência no seu blogue <http://porumpunhadodeimagens.blogspot.com>

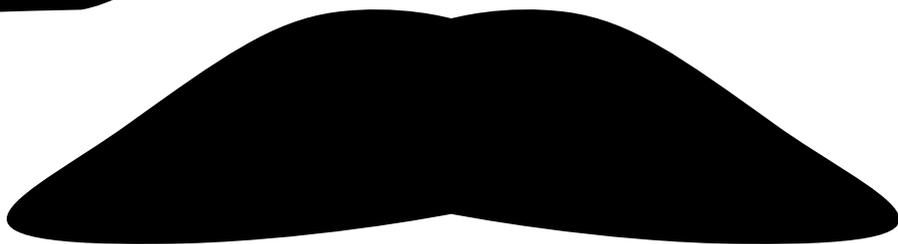


por
*Carlos
Eduardo
Silva*

A
HORA



DO
DIABO





O tampo de madeira escura ergueu-se, puxado pela mão trémula do poeta que espreitou para o interior da arca. Não conseguia ver muito mais do que quando a arca estava fechada, mas também não precisava. Sabia de cor a posição de cada molho de papéis no interior, cada palavra escrita nesses papéis, cada ideia dentro dessas palavras. Deixou a tampa levantada, aproximou-se do fato delicadamente dobrado sobre a cadeira, tirou a caixa de fósforos do bolso do casaco e acendeu um cigarro. A luz baça e avermelhada projectou sombras ténues em redor. A arca de madeira parecia agora uma enorme boca escancarada, tragando obras, digerindo-as, apurando-as, preparando-se silenciosamente para as regurgitar quando chegasse a sua hora. A Hora da qual falara na Mensagem. *MENS AGitat moleM*. Um farol a guiar os leitores do futuro, para que encontrassem a mensagem dentro da garrafa que em breve iria lançar nos mares do tempo, à mercê do esquecimento. Embora não o sentisse, o horóscopo não mentia, o negrume já se começara a instalar no fígado e não faltava muito para reclamar o resto do corpo. Chupou com força o fumo que se escapava entre os dedos, enchendo os pulmões com a fragrância tabágica, na esperança de afastar o desassossego que o havia arrancado da cama e feito espreitar para a arca. Mergulhou o braço no breu e retirou, de entre as cerca de vinte e cinco mil páginas, o único livro cuja vontade de surgir não nascera na sua alma ou da dos seus heterónimos. Tentou ler o título, mas este estava coberto pela aura magnética que infundia a resma num fogo negro que bailava na escuridão sem nunca consumir ou projectar luz. Lembrou-se das palavras de John Milton: *No light; but rather darkness visible*. Haveria de acrescentar isso como epígrafe,

um aviso para quem não tivesse a sensibilidade para sentir a aura daquele objecto, essas chamas que lançam, não luz, mas sim treva visível.

Quanto mais tempo Fernando Pessoa passava a tentar sistematizar e catalogar todos os seus heterónimos, mais se perdia no labirinto de gente que vivia dentro de si. Eles iam e vinham sem se anunciarem nem pedirem licença, como um amigo que bate à porta de casa ao qual não podemos recusar entrada. Hoje era a noite de Raphael Baldaya. Ao início, Fernando ainda tentara invocar Alberto Caeiro, mas fora o astrólogo quem respondera ao chamamento.

Raphael Baldaya puxou a mesa pé de galo para o centro da pequena sala, pousando-lhe sobre o tampo um molho de páginas em branco, tinta e uma caneta de aparo. Do bolso do casaco tirou um embrulho de papel pardo cujo conteúdo castanho e polvoroso levou à boca para mascar.

A pulsação disparou. Assim que os amargos sucros oníricos se libertaram, Raphael sentiu o corpo mergulhar numa corrente eléctrica, num frenesim interior que o impelia a saltar, a correr, a gritar, a arfar, a falar os mil idiomas que tinha dentro de si. Cerrando os dentes, fincou uma das mãos na mesa enquanto com a outra aligeirou o nó da gravata. Cuspiu a resina de papoila para o chão e deixou-se a ofegar sobre a mesa, revirando os olhos que viam agora para além do mundo material. Não era a droga que o controlava mas sim ele que controlava a droga. Uma façanha só possível a um médium treinado como ele. O braço ergueu-se sem qualquer ordem ou refreio do seu dono e pegou na caneta de aparo, molhando-a na tinta. Raphael já tinha feito aquilo antes. Chamava-lhes romances do

inconsciente. Usar os dons mediúnicos para canalizar um espírito escritor a usar o seu corpo para dar materialidade às palavras que nunca escrevera, obtendo sempre resultados diferentes, consoante o espírito que o usava. O espírito que chamara era Henry More, que já canalizara várias vezes. Usualmente, era uma presença segura e assertiva, que respondia com clareza às perguntas que ele lhe fazia, porém naquela noite Raphael conseguia sentir-lhe o medo. Não. Não era só medo. Era um terror petrificante, um respeito solene por algo. Uma presença que o acompanhara na viagem através das camadas etéreas que envolviam o mundo e que agora estava naquela sala com eles.

O ocultista fitou a caneta de aparo que segurava entre os dedos, da qual pingavam grossas gotas pretas sobre o papel imaculado que ao respingar desenhavam pequenos sóis negros. Forçou o espírito que ocupava o seu corpo a expressar-se, obtendo nada mais que um silêncio de pedra como resposta. Era uma vontade muito maior que a sua, contra a qual nada podia. Havia vezes que isso acontecia e um médium tinha de estar preparado para a eventualidade. Fechou os olhos com força para regressar ao mundo material. O braço caiu desanimado sobre a mesa. Raphael abriu os olhos e viu um homem sentado à sua frente.

Era um jovem bem-parecido e aprumado, vestindo um impecável fato de tecido caro. Na cara ostentava um sorriso, tal qual banqueiro que exhibe os anéis, afiado como um gume. Os gestos eram calmos, lentos, obedecendo a uma coreografia metódica e secreta que os revestiam de importância e simbolismo. Quando abriu a boca para falar, saiu-lhe uma voz de regaço, embaladora como a lua.

— Não é contigo que quero falar agora, Raphael, é com o Fernando.

O astrólogo esbugalhou os olhos em completo terror, balbuciando meias palavras ininteligíveis. Que espírito seria aquele, capaz de se materializar numa imagem tão nítida sem que lhe tivesse sido dada qualquer energia anímica? Raphael já ouvira falar de almas que ganhavam uma proto existência no ectoplasma dos vivos, mas sempre como formas amorfas e frágeis, nada como o jovem que sorria em silêncio. Semicerrou os olhos, tentando ver para lá da matéria, encontrando não mais que vazio no espaço onde a aura deveria irradiar. Aquele

corpo era negação pura, recusando-se até a si próprio e o espaço que ocupava. Não lhe restando mais hipóteses senão obedecer, Baldaya chamou Fernando Pessoa cuja personalidade se impôs à sua. O jovem

sorriu ainda mais, abrindo os braços e as mãos em saudação.

— Sê bem-vindo Fernando. Já deves ter adivinhado quem sou, não?

O poeta ajeitou com frieza os óculos de aros redondos sobre o nariz. Porém, apesar da sua aparente calma nos gestos, o suor que lhe escorria do corpo denunciava o verdadeiro estado de espírito. Um esgar nervoso desenhou-se por debaixo do bigode aparado.

— Estou louco — admitiu, derrotado. — A loucura sempre correu no sangue da minha família.

— Oh, não, não. Longe disso! Estás mais lúcido do que a maioria. A minha presença ilumina o teu entendimento, porque eu sou Lúcifer, o portador da luz. — debruçou-se sobre a mesa, como quem faz uma confidência num café populado. — Para além disso, não é o sangue da loucura que corre nas veias da tua família. É outro mais nobre. Uma força vital que contorna as regras e nega tudo o que se afirma. É dessa vontade que bebia a saudosa tia Anica, Fernando, aquela a que todos chamam louca e que tu temes seguir o exemplo. Porém, desengana-te se pensas que é a única a seguir o Caminho da Serpente.

Num gesto, onde antes não havia nada, surgiu uma página amarelada pelo tempo em letra antiga onde se podia ler: “Sancho Pessoa da Cunha, mercador 1/2 I. n.-Preso pela Inquisição de Coimbra em 1704 com 42 anos Proc° 9478 Coimbra-c 1°c. Maria Henriques x.n.~.— c.2° c. Brites Henriques x.n. — c. 3° Branca Nunes. Do 1° Casamento houve: -Pedro Pessoa da Cunha, Homem de Negócios, n. + 1692. Preso pelo Santo Ofício (aos 20 anos) de Lisboa (Proc° 11496) c.c. Mariana Henriques...”

— Que queres de mim? Vieste atraído pelos meus estudos esotéricos? Queres minha alma imortal?

O Diabo riu, não com escárnio, não como um julgamento na forma de gargalhada. Riu como a vida quando mostra as suas ironias, como um bebé que não tem nada de melhor para fazer.

— Não, Fernando, para que queria eu uma alma mais fragmentada que a igreja de Cristo? Quero que me escrevas um livro.

— Um livro?

— Sim, uma porta de entrada para todos os outros mistérios sobre os quais eu quero que tu e o Raphael escrevam. Chamar-se-á a “Hora do Diabo”. Será a história de uma mulher chamada Maria, à qual o Diabo fará um filho através do Verbo, pela simples exposição de quem é.

— E porquê eu? Porque não outro qualquer? Porque não um ocultista, porque não Crowley, a quem chamam besta 666?

O cenho de Lúcifer tornou-se carregado, com uma severidade solene, fazendo os olhos mergulhar na escuridão do rosto do rapaz, como duas estrelas solitárias no firmamento.

— Ele não acredita em mim e eu não acredito nele. Para além disso, quem melhor para entregar a minha mensagem que um nativo de gémeos com ascendente em escorpião? Se é que me estás a perceber — disse, piscando o olho, apontando para a carta astrológica que surgiu em cima da mesa. — Portugal é um Ente. Esse ente tem que cumprir um destino. Esse destino envolve que as verdades sejam reveladas primeiro em português do que em outra língua qualquer. É através do Ver-



bo que eu
farei este país preche de um novo
Mundo, de um novo império, o 5º, que irá derrubar
todos os outros.

— Porque não outro autor, maior, mais lido, com mais impacto na sociedade comum? Fora do meu grupo de amigos, a obra que me queres encomendar não será levada a sério. Porque não Júlio Dantas?

— Porque Dantas...cheira mal da boca! — declamou, entre gargalhadas. — Não te preocupes, irás perceber mais tarde. — Limpou uma pequena lágrima de riso no canto do olho e prosseguiu. — Eu não quero que o que escrevas seja lido pelas pessoas de agora. As palavras do Diabo do livro que irás escrever não serão para Maria, tampouco para os teus contemporâneos. A tua obra é para o futuro, são para aqueles que ainda hão-de vir. Tu, o Almada, no futuro o Lima de Freitas, no passado Nuno Gonçalves e Bandarra... O fado deste país é tão forte que a cadeia de acontecimentos se perde nas brumas da memória.

— Portugal, o país que dá mundos ao Mundo. É esse o nosso destino?

— Sim. O Império do mar já desapareceu, falta agora o Império do Verbo. Falta cumprir-se Portugal! Está na Hora, Fernando. Está na minha Hora. Só num país em que o povo vive a olhar para o horizonte é que se avistam novas terras, não é?

— E o meu destino é proclamar hoje o Portugal de amanhã.

— Porque tu não és um escritor de hoje, és um escritor do amanhã.

Fernando Pessoa anuiu, adindo.

— Tens aqui o teu mensageiro. Escreverei o livro que me pedes.

— Bom! O meu supra-camões! — exclamou, felicitando-o com um aperto de mão — A alma lusitana está grávida de divino! Deste o primeiro passo no Caminho da Serpente, não há volta a dar. Atravessarás todos os mistérios sem no entanto conhecer nenhum. Reconhecerás a verdade como verdade e ao mesmo tempo como erro. Viverás os contrários não os aceitando. Sentirás tudo de todas as maneiras, e não ser nada, no fim, senão o entendimento de tudo.

— E que recebo de volta? Tem de haver uma oferta para eu poder fazer um acordo com o Diabo. — A hipótese parecia divertí-lo. — Imortalidade, talvez? — acrescentou, jocoso.

O Diabo coçou a cara imberbe, fingindo-se apanhado de surpresa. Agradava-lhe que Fernando conhecesse os ritos e protocolos. Levantou-se da cadeira e abriu os braços ao alto, como se apresentasse o Mundo.

— Tal como o meu irmão mais velho deu uma arca não afundável para guardar toda a criação, eu também te dou a ti uma arca, desta vez à prova de esquecimento. Tudo o que lá guardares será lido no futuro, quando o teu génio for reconhecido. Será a tua imortalidade em forma de madeira.

Fernando acendeu um cigarro, deixando o olhar pensativo enrolar-se no fumo, dizendo por fim:

— Posso recusar?

O Diabo mostrou os dentes todos num esgar feroz.

— Tu não queres recusar.

O silêncio instalou-se no quarto. O fumo de cigarro ascendia imperturbável em movimentos hipnóticos, construindo e destruindo quimeras cinzentas até se desvanecer num meio maior que si. Quase em surdina, Fernando tomou a palavra entre lânguidas passas de fumo.

— Agora compreendo. És tão escravo quanto eu. Dizes que constróis o Fado, como se fosses o seu arquitecto, e afinal não passas de um dos seus capatazes. No final,

Nunca um
olhar tão triste foi
visto no Mundo
como aquele que o
Diabo fez ao ouvir
as palavras do
poeta.

o que sinto
por ti é pena.

Nunca um olhar tão triste foi visto no Mundo como aquele que o Diabo fez ao ouvir as palavras do poeta. Uma súplica depressiva, um abismo sem fim, uma lágrima suspensa no tempo e no espaço que não existe, apenas dura. Um olhar que penetrou na alma de Fernando Pessoa tal adaga em ferro fundente, cravando-se no fragmento onde habitava Álvaro de Campos, marcando-o para sempre. Uma memória funesta que o iria acompanhar para toda a vida, como uma doença que espera pela fragilidade para causar uma recaída. A mão de Álvaro puxou uma folha até si e, em plena comunhão com a Serpente, definiu aquele olhar em verso.

Não sou nada.

Nunca serei nada

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

E o Diabo desvaneceu-se, trazendo a si a substância do fumo do cigarro que ardia lentamente, como a revolução que preparava.

Deitado num mar de dores e linho, o arauto do 5º Império contorce-se de dores. Clama pela enfermeira. Ela tarda em aparecer. Sentado ao canto da sala, o Diabo consulta as horas como quem está atrasado.

— Estás pronto, Fernando?

— Não.

— Pedi ao meu irmão mais velho para te levar até ele. A ti e a todos os que tu és.

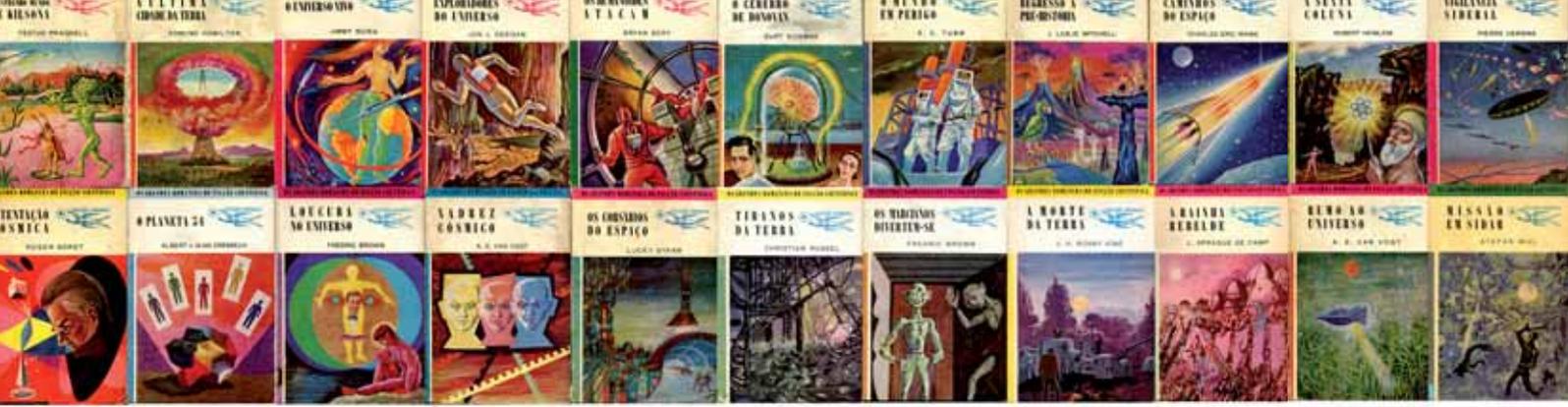
— Queria mais tempo, queria mais tempo para acabar todas as obras a que me propus. Ainda há tanto espaço na arca que me deste.

— O que lá está é a herança que estava destinada àqueles que estão para vir, nem mais, nem menos. O suficiente para que alcances a imortalidade pela arte e eu a fecundação pelo Verbo. Obrigado, obrigado a todos vós.

A enfermeira entra na sala e passa os óculos ao poeta. Ele pede papel e caneta para escrever. Sabe que é a sua última frase. Não pode ser em Português. A carga simbólica da última frase é demasiada para arriscar a escrever na língua do 5º Império. Fernando escolhe o inglês, a língua em que foi educado, a língua do 4º Império que, tal como ele, está prestes a desaparecer. Que virá? Depois de si? Depois do 4º Império? Fernando quer saber, mas o Diabo aponta para o relógio e abana a cabeça negativamente. O poeta, e todos dentro dele, firma a caneta na mão e garatuja: *I know not what tomorrow will bring. BANG!*



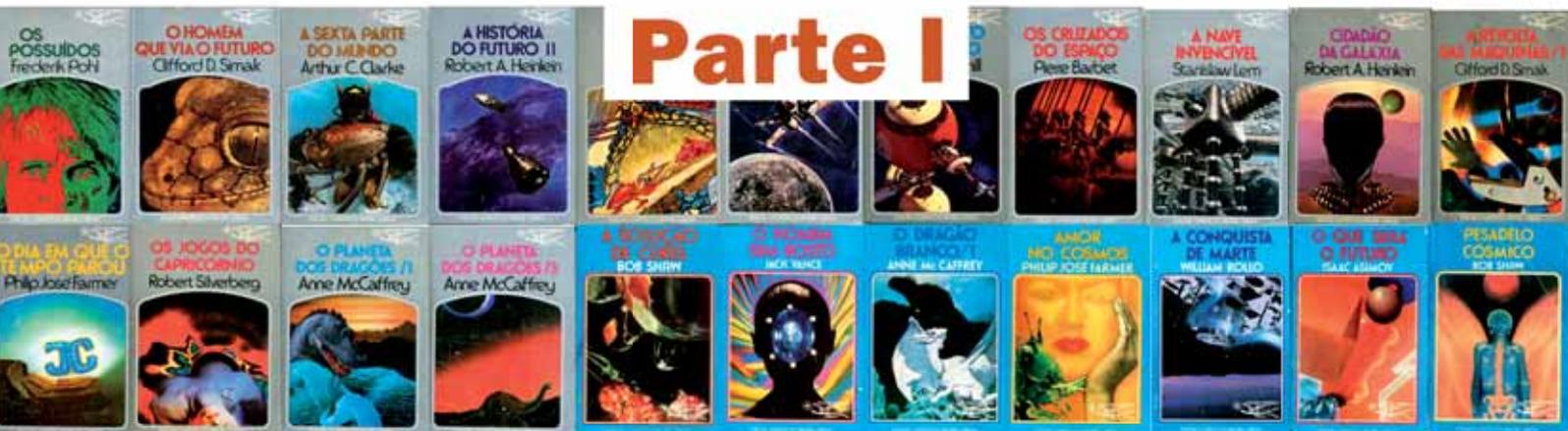
Carlos Eduardo Silva nasceu no auspicioso ano de 1989 em Lisboa e, desde aí, o Mundo continuou a mudar. Actualmente estuda para ser um homem de ciência, mas quando ninguém está a olhar escreve as histórias que andam pela sua cabeça. Poderá conhecer mais do autor assim como as suas obras em <http://carlosetuardosilva17.wix.com/abracadabra>.



AS GLÓRIAS DA COLEÇÃO



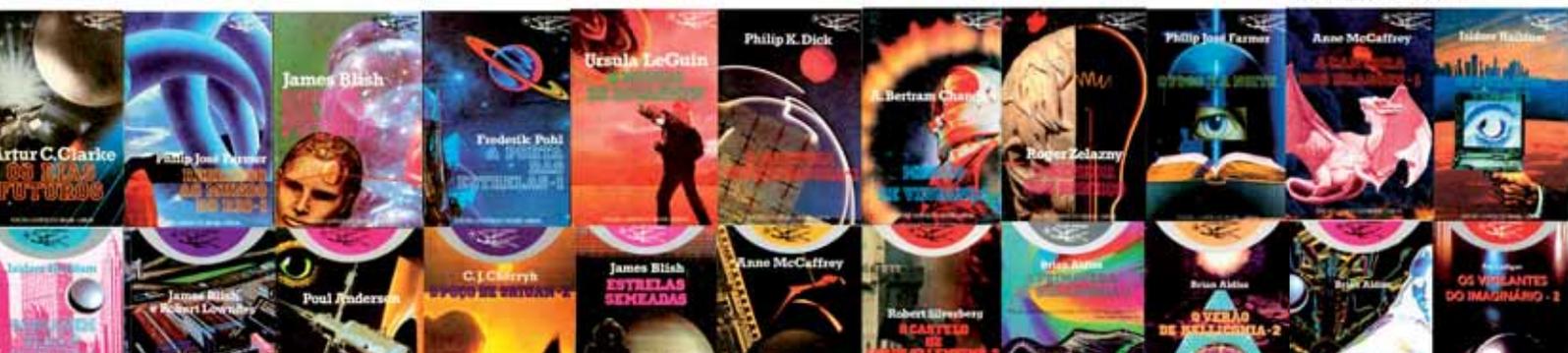
ARGONAUTA



EM BUSCA DO VELO QUE ANTEVIA O FUTURO

por Luís Filipe Silva

Agradecimento especial a João Vagos pela informação coligida no seu blogue coleccionargonauta.blogspot.com



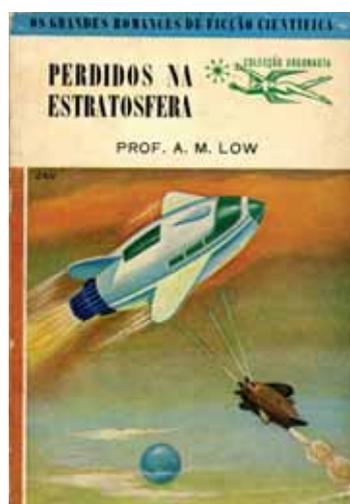
Estava-se em 1953, e ainda antes de findar este movimentado ano, nasceria uma nova colecção portuguesa que ficaria nos escaparates durante cinco décadas, apresentaria autores de FC ao público lusitano e atravessaria o oceano para contaminar o paladar dos leitores brasileiros. Uma colecção cujo nome evocava tradição, epopeia e aventura: a Argonauta.

Estava-se em 1953 e Alfred Bester vencera a única categoria de ficção (na modalidade de romance) do primeiro prémio Hugo de sempre com *O Homem Demolido*. Os marcianos desciam numa América rural insuspeita a convite de George Pal, Quartermass salvava a Humanidade de um alienígena vegetal e o milionário Donovan era salvo e condenado perante audiências desconfiadas da ciência. Estreava em Espanha a colecção de ficção de polpa *Luchadores del Espacio*, Itália adiantara-se um ano com a *Urania*, e a *Presence du Futur* entraria no ano seguinte no pujante mundo da Ficção Científica (FC) francesa. Vivia-se a Guerra Fria, um mundo de terror atómico, pleno de espões e ameaças veladas, de perseguições anti-comunistas e desconfiança generalizada na capacidade do Homem em sobreviver às suas próprias criações. Ainda assim, falava-se de futuros gloriosos, de contactos com seres de outras Terras e de colonização galáctica nas páginas da *Astounding Magazine of Fantasy and Science Fiction* e *Galaxy*. Estava-se a quatro anos do lançamento do primeiro satélite fabricado por mãos humanas, o Sputnik 1, que deu início à actualmente designada era espacial, e a dezasseis da primeira viagem tripulada à Lua.

Estava-se em 1953, e ainda antes de findar este movimentado ano, nasceria uma nova colecção portuguesa que ficaria nos escaparates durante cinco décadas, apresentaria autores de FC ao público lusitano e atravessaria o oceano para contaminar o paladar dos leitores brasileiros. Uma colecção cujo nome evocava tradição, epopeia e aventura: a Argonauta.

A viagem que nos propomos fazer é uma de memórias e testemunhos, pois é a única deslocação temporal permitida à espécie humana. Convocámos autores e apreciadores, procurámos na internet e nas estantes lá de casa, e reunimo-los aqui, para um breve desabafo, para que nos contem as suas experiências e nestas, descobriremos o reflexo das nossas. Convocámos também a editora, que lamentavelmente se escusou.

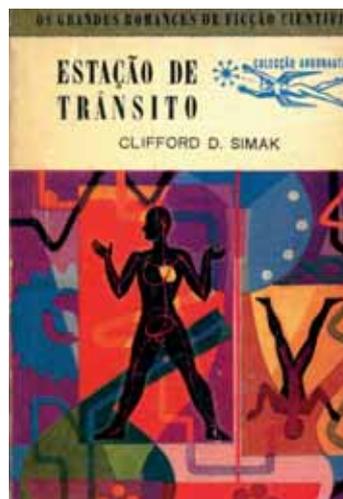
Não importa – só os livros importam.



...deu-se à luz em Novembro de 1953". Volume nº1 "Perdidos na Estratosfera" do autor A. M. Low

**«JÁ NASCEU!
E É DE BOLSO!»**

Antes de mais, os dados biográficos: deu-se à luz em Novembro de 1953 e remeteu-se ao silêncio em 2006, em mês incerto. De mãe, a Editora Livros do Brasil, e de pai, António de Sou-



Durou 562 números ininterruptos com periodicidade mensal (exceto nos últimos anos em que foi irregular), mais o acrescento em 1968 do raríssimo n.º 130-A (*Estação de Trânsito – Way Station*, de Simak)

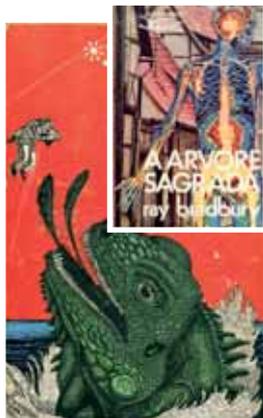
za-Pinto, o fundador da empresa. Durou 562 números ininterruptos com periodicidade mensal (excepto nos últimos anos em que foi irregular), mais o acrescento em 1968 do raríssimo n.º 130-A (*Estação de Trânsito – Way Station*, de Simak)¹. Continha essencialmente FC, com alguma Fantasia à mistura, e era relativamente actual: perto de quarenta títulos foram publicados apenas com um ano de diferença ao da respectiva edição original estrangeira, e aproximadamente duzentos com um máximo de cinco anos. Para a colecção contribuíram centena e meia de autores e meia centena de tradutores oficiais. Vendia-se em Portugal e no Brasil, não obstante uma indicação na ficha técnica que proibia este acto na "República Federativa do Brasil". E se considerarmos uma dimensão média de 250 páginas por livro, estamos perante 140 mil páginas de literatura Fantástica e anos de leitura.

Nenhuma outra colecção de FC atingiu no espaço lusófono tal dimensão, importância e longevidade, nem contribuiu, até hoje, para a formação básica de várias gerações de apreciadores do género.

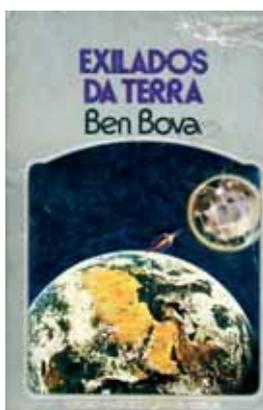
PRIMEIRO CONTACTO

Se há factor que una os apreciadores é aquele momento ou circunstância em que a Argonauta lhes entrou na vida e que se torna uma memória acalentada e contada com o pormenor de quem descobriu um segredo valioso. Cada qual conta a sua história, mas são

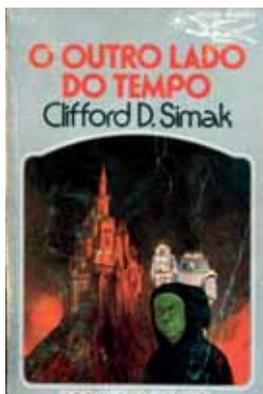
“Cresci fascinado pela capa – melhor dizendo, pela contracapa – onde uma gigantesca iguana verde está prestes a devorar um astronauta...”
João Seixas



“Nessa bela manhã escolhi mais por virtude da capa que mostrava um vaivém espacial...”
Ricardo Loureiro



“A sensação do primeiro contato transpõe oceanos: «descobri a Coleção Argonauta em Janeiro de 1977, em plena Rodoviária Novo Rio...”
Gerson Lodi Ribeiro



os mesmos os pontos de união, são familiares os motivos que os integram na comunidade.

Pode ter origem na recomendação de um amigo ou familiar: «*uma tia minha, que colecionava a Argonauta, contou-me ao jantar sobre um lago de alcatrão, num planeta perdido na periferia da Galáxia, onde residia um computador que guardava o registo das “almas” de toda a espécie humana [e que] estaria defendido por milhares de morecos gigantes*» (João Barreiros).

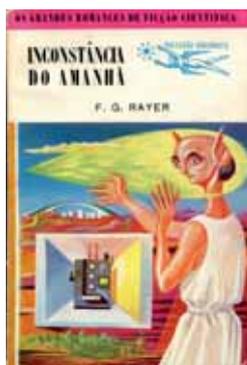
Surge por acidente, por estar-se ali, naquele instante, diante do mostruário de uma livraria e deparar-se com a capa cuja ilustração, título ou autor despertam lembranças de outras leituras ou imprimem promessas de mundos maravilhosos: «*uma bela manhã em Sesimbra, com o calor já a apertar, entrei numa daquelas papelarias/tabacarias que na altura ainda vendiam livros e eis que num escaparate de arame daqueles que rodam sobre um eixo deparou com uma série de livrinhos que de imediato atraem o meu jovem olhar*» (Ricardo Loureiro).

Por vezes, a sedução demora: «*houve um livro da Argonauta que sempre exerceu um terrível fascínio sobre mim: A Árvore Sagrada [n.º 224], um dos livros dos meus pais, publicado cá em 1972, e que eu me lembro de ser uma presença constante [pela casa]. Nunca li o livro, mas cresci fascinado pela capa – melhor dizendo, pela contracapa – onde um gigantesca iguana verde está prestes a devorar um astronauta de imaculado branco que paira sobre ela, filmando-a, contra um céu de um laranja intenso*» (João Seixas).

O rosto sorri-nos e bate as pestanas: «*nessa bela manhã escolhi mais por virtude da capa que mostrava um vaivém espacial – na altura ainda um protótipo, os primeiros voos seriam 3 anos mais tarde –, a dirigir-se a um planetóide âmbar, visivelmente artificial, do que por conhecer o nome do autor de algum lado, o livro Exilados da Terra (n.º 249) de Ben Bova*» (Ricardo Loureiro).

“...livro que me deixou então positivamente fascinado, e depois disso passei a ser um consumidor assíduo da coleção”

António de Macedo



A sensação do primeiro contacto transpõe oceanos: «*descobri a Coleção Argonauta em Janeiro de 1977, em plena Rodoviária Novo Rio, quando estava prestes a embarcar numa viagem de férias para o interior do estado. Como se tratava de um romance do Clifford D. Simak, meu autor predileto, não hesitei em adquirir o livrinho de capa prateada, n.º 227, O Outro Lado do Tempo (Enchanted Pilgrimage)*» (Gerson Lodi Ribeiro).

Atravessa gerações: «*é um bocado difícil recordar coisas desses tempos iniciais, já lá vão 60 anos – quando saí o número 1 em 1953, tinha eu 22 anos e cursava Arquitectura, e lembro-me que o primeiro livro que comprei foi o n.º 7, Inconstância do Amanhã (Tomorrow Sometimes Comes), de F. G. Rayer, livro que me deixou então positivamente fascinado, e depois disso passei a ser um consumidor assíduo da coleção*» (António de Macedo).

Espalha-se por territórios e culturas: «*conheci a coleção Argonauta por volta dos 12 ou 13 anos, na Livraria Pedrosa, em minha cidade natal (Campina Grande, Estado da Paraíba). Era uma excelente livraria, até para os padrões de hoje*» (Bráulio Tavares).

Planta sementes no espírito do leitor: «*Quando, depois de ler A Nebulosa de Andrómeda, pedi ao meu pai mais livros do mesmo género, aconteceram duas coisas. Por um lado, fiquei a saber que existia uma coisa chamada ficção científica. Por outro, tive nas mãos o meu primeiro Argonauta*» (Jorge Candeias).

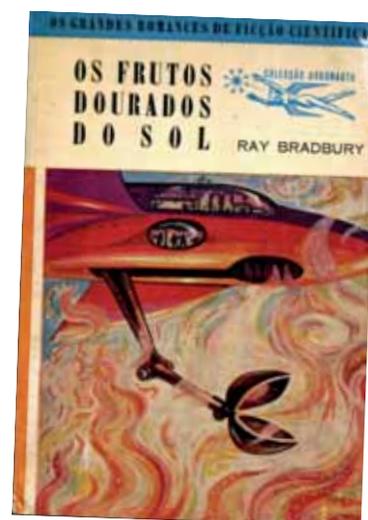
O primeiro contacto abre a porta que não se volta a fechar:

«*para mal dos meus pecados e do dinheiro dos almoços e lanches escolares, a coleção Argonauta, argutamente, mantinha nas primeiras páginas uma lista com os últimos números publicados e nas últimas páginas uma pequena amostra do volume seguinte da coleção. Tudo isto servido com uma periodicidade mensal*» (Ricardo Loureiro).

Cria um vício a que não se quer fugir: «*depois do primeiro veio o segundo, e logo o terceiro*» (Jorge Candeias).

Deixa na alma, gravados a fogo, o nome de mundos e autores, tão irreais e desco-

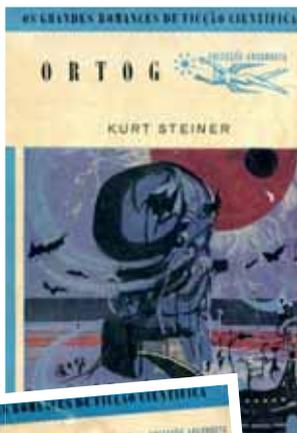
“o primeiro livro da Argonauta que li foi Os Frutos Dourados do Sol, de Ray Bradbury [n.º 55]...”
Bráulio Tavares



nhecidos a início como rapidamente se tornam familiares: «*o primeiro livro da Argonauta que li foi Os Frutos Dourados do Sol de Ray Bradbury [n.º 55], de quem eu já tinha lido alguns contos em antologias*» (Bráulio Tavares).

Evoca-se aquela aventura tão íntima, mais tarde, com o toque de nostalgia e prazer da recordação de uma descoberta que não retorna: «*[A história contada pela minha tia] era a do Ortoq, do escritor francês Kurt Steiner (André Ruellan), um dos primeiros livros da Argonauta [n.º 66]. Li-o com um arrepio crescente de horror, porque, aos meus olhos inocentes de então, o livro era bem sinistro. Depois descobri nas estantes*

“Li-o com um arrepio crescente de horror, porque, aos meus olhos inocentes de então, o livro era bem sinistro.”
João Barreiros



“Depois descobri nas estantes da minha própria casa mais uns três ou quatro Argonautas. Peguei num[...] E, claro, voltei a borrar-me de medo, porque os monstros nele descritos eram verdadeiramente assustadores.”
João Barreiros

da minha própria casa mais uns três ou quatro Argonautas. Peguei num. Missão Interplanetária do Van Vogt [n.º 9]. Li-o às escondidas, por baixo do lençol, com a lanterna acesa. E, claro, voltei a borrar-me de medo, porque os monstros nele descritos eram verdadeiramente assustadores. Mais tarde descobri todos os livros do Stefan Wul e ele foi, durante muitos anos, um dos meus autores favoritos» (João Barreiros).

Mas a inocência deu lugar ao encantamento, e este perdura por uma vida: «Galactic Patrol de E. E. «Doc» Smith com o apropriado título de Patrulha Galáctica (n.º 270), e com uma despropositada nave USS *Entreprise* na capa: foi este o livro que verdadeiramente iniciou o dilúvio de FC para mim. Ali, perante os olhos da mi-

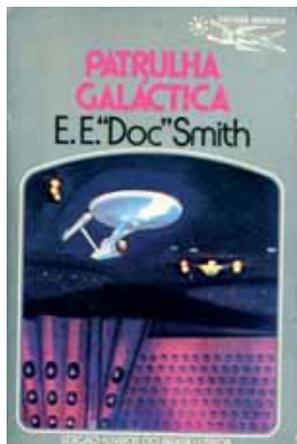
nhá imaginação, desfilava aquilo que milhares de fãs de FC conhecem como o sentido do maravilhoso (sense of wonder). Vastas naves enfrentavam-se em batalhas cruéis e planetas recheados de alienígenas malévolos eram bases secretas de Impérios do Mal» (Ricardo Loureiro).

Como eles, encontrei a Argonauta, ou esta encontrou-me, depois de estar desperto para a existência de Ficção Científica. Pertencço à geração das capas prateadas, cujo «tom metálico» orlava ilustrações enigmáticas, raramente ilustrativas de uma cena do livro, mas compostas «invariavelmente de fotomontagens e/ou colagens com naves, planetas e estranhos sóis»

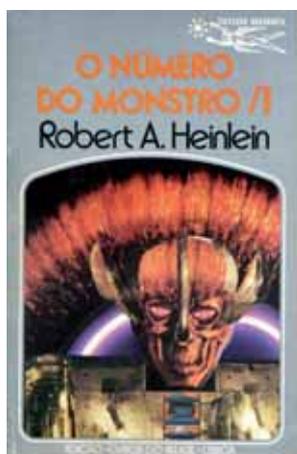
(Ricardo Loureiro). A edição de entrada foi *O Número do Monstro – 1.º volume*, do Heinlein [n.º 294], mas admito que poderia ter sido qualquer outro. Heinlein era o autor que melhor conhecia do conjunto de exemplares no escaparate de uma tabacaria de praia. Ali, tão mansamente pousados, quais pepitas num concurso de garimpagem. «O prazer da descoberta pela primeira vez de livros-chave do género é uma experiência tão intensa que é quase comparável à da descoberta do sexo» (João Seixas). Porque estes encerram as chaves do mistério. Ainda hoje, sempre que passo pela loja que substituiu este local, recordo.

Estava-se no tempo das escolhas: as bibliotecas sub-urbanas ou escolares não adquiriam Ficção Científica e

“A inocência deu lugar ao encantamento, e este perdura por uma vida [...] foi este o livro que verdadeiramente iniciou o dilúvio de FC para mim.”
Ricardo Loureiro



“O prazer da descoberta pela primeira vez de livros-chave do género é uma experiência tão intensa que é quase comparável à da descoberta do sexo”
João Seixas



a mesada não chegava para tudo. O que nos é negado alimenta a íntima vontade. Exemplar a exemplar, fui adquirindo, e lendo, o que estava disponível. A colecção tinha, já, quase trinta anos, mais do dobro da minha idade – e eu, que andava tão distraído no limbo, tardando em nascer.

AS FASES SIDERAIS

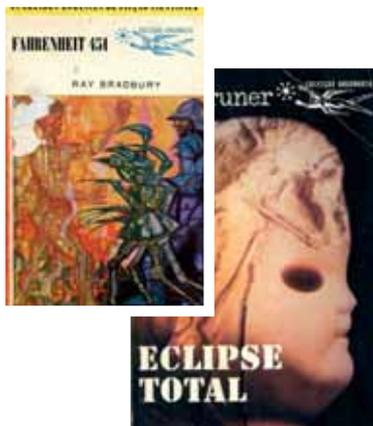
Como qualquer boa colecção que se preze, e em particular, numa de tão longa duração como a Argonauta, é possível demarcar períodos.

O mais óbvio será a nível do formato. Desde o primeiro número, apresenta-se como livro de bolso com uma dimensão regular de duzentas páginas, um pouco menor que o *paperback* americano, o que é mantido até à decisão da editora, em 2004, de aumentar ligeiramente o tamanho com o n.º 553 (*A Grande Roda – The Big Wheel*, de William Rollo) e seguintes – uma decisão mal recebida pelos apreciadores², talvez em parte pela transformação radical das ilustrações num estilo quase abstracto que representou um retrocesso face à revolução de cores e imagens chamativas em voga no mercado editorial. Mas até então, a Argonauta arriscou periodicamente a mudança – que por vezes se estranhava mas que acabava por ser bem-vinda – de alterar a composição da capa, de introduzir estilos e técnicas de imagem e de criar um corpo consistente de ilustradores de reconhecido mérito e ímpar numa colecção de FC publicada em Portugal até aos dias de hoje.

O primeiro foi Cândido Costa Pinto, que ilustrou as capas do n.º 1 ao 32 (*Robinsons do Cosmos – Les Robinsons du Cosmos*, de Francis Carsac), conhecido artista plástico e *designer* gráfico português que se radicou no Brasil no final da vida e cujas inclinações surrealistas terão influenciado os desenhos fortemente simbólicos daquela sequência. Mas será com o n.º 33, o agora famosíssimo *Fahrenheit 451* de Bradbury (em 1956, apenas três anos após o lançamento do romance original e traduzido por Mário Henrique-Leiria), que se dá início à contribuição de Lima de Freitas, um dos mais conhecidos pintores e desenhadores portugueses do século XX e figura marcante na vida da colecção.

Freitas vem trazer um dinamismo e uma riqueza de composição a obras de autores tão distintos como Heinlein,

Simak e Versins, e marca presença até 1975, dando a última capa ao n.º 221 (*Eclipse Total – Total Eclipse*, de John Brunner). Este impressionante volume de trabalho rivaliza com o ritmo dos tradutores e faz da colecção uma verdadeira fábrica de produção de FC – com o encargo adicional que o pintor tinha de ilustrar também a edição mensal da congénere policial. «Lembro-me bem de os meus pais partilharem o trabalho de ler os livros de FC e policiais que o meu pai tinha que ilustrar. Era um



A contribuição de Lima de Freitas (a partir do n.º33 ao 221), figura marcante na vida da colecção, vem trazer maior dinamismo e riqueza de composição.



O primeiro foi Cândido Costa Pinto, que ilustrou as capas do n.º1 ao 32

ritmo razoavelmente forte, dois livros por mês, mas a minha mãe era fãtica devoradora de policiais, e lia tudo num instante para contar ao meu pai algum pormenor marcante que o inspirasse numa capa» (JF).

A contribuição de Freitas atravessa alguns períodos distintos de composição das capas: até ao n.º 100, a ilustração surge isolada do título e do nome do autor, que a encimam. Mas com o 101.º (*Nova Ameaça de Andrómeda – Andromeda Breakthrough*, de Fred Hoyle e J. Elliot), título e autor passam a incorporar, e a influenciar, o corpo do desenho (veja-se o caso do n.º 136, *Ave Marciana – A Far Sunset*, de Edmund Cooper).

É evidente que este espaço se torna, também, um laboratório para o artista: «O meu pai passou nessa altura (anos 70) a fase de fazer capas a partir de fotos, um método experimental que aparentemente granjeou bastante popularidade,

embora eu pessoalmente não apreciasse tanto, comparado com algumas capas mais antigas que ele tinha feito: umas mais estranhas e abstractas (lembro-me da do Síndico, do Cyril Kornbluth, ou a do Homem Demolido, do Bester, mais brutais e expressionistas), outras mais realistas (O Tempo das Estrelas, do Heinlein, por exemplo). Mas as fotos duraram algum tempo, e por elas passaram os pedaços dum foguetão Apolo que eu tinha construído com [ele] aos 7 anos, uma estátua dum amigo nosso em O Planeta Neutral, uma figura de um astronauta que eu tinha comprado em França, em O Ponto Ómega, e que reapareceu em Os Homens das Estrelas, ou por exemplo, na Vampiro, a minha tia Jenny (dinamarquesa) a fazer de Miss Marple!» (JF).

A fase seguinte da colecção, talvez a mais distintiva, é a prateada: título e autor voltam a autonomizar-se e a dominar o terço superior



A fase seguinte da colecção, talvez a que mais a marcou, é a prateada [...] vai durar até ao n.º 300, a partir do qual a margem cinzenta é substituída por uma azul



da capa, impressas sobre um tom cinzento brilhante, relegando a ilustração para uma ideia de «janela», talvez como recuperação da ideia da entrada num mundo maravilhoso. Começando no n.º 225 (*Em Busca do Futuro – Quest for the Future* de Van Vogt), vai durar até ao n.º 300 (*O Mistério de Valis – Valis – 1.º volume*, de Dick), a partir do qual a orla cinzenta é substituída por uma azul. As ilustrações são, primeiro, da mão de Manuel Dias, numa breve incursão após Lima de Freitas, e logo após, de António Pedro, o qual vai assegurar o rol impressionante de centenas de capas entre o n.º 254 (*As Vozes de Marte – I Sing the Body Electric* de Bradbury) e o último. Refira-se que, apesar do expressionismo e ocasional simbolismo dos desenhos, é por vezes um desafio conseguir relacioná-los com a obra que ilustram ou sequer com uma cena particular da narrativa...

A partir do n.º 333, desaparece a orla e o conceito de janela, voltando a ilustração a dominar a capa, à qual se sobreimpõem o título e o autor, composição que vai permanecer até ao formato derradeiro que acima se mencionou.



A partir do n.º333, a composição vai permanecer até ao final da colecção Argonauta.

AUTORES, TEMPOS E GEOGRAFIAS

Mas, se o aspecto é o factor de mudança mais óbvio, também a nível de conteúdo a Argonauta teve os seus períodos distintos – ainda que mais duradouros.

Primeiramente, pelas obras escolhidas. A colecção arranca com um autor pouco conhecido: Archibald Montgomery Low, engenheiro e investigador inglês que, a par de dezenas de ensaios, escreveu apenas quatro romances de ficção para jovens, e nenhum dos quais entrou no cânone da FC. Mesmo assim, a aventura espacial de *Perdidos na Estratosfera* (*Adrift in the Stratosphere*) parece perfeitamente adequada para atrair desde logo a imaginação dos leitores.

Será o evoluir dos títulos que faz suspeitar da ausência de um critério editorial sólido guiando a escolha.

A primeira década é marcada pelo predomínio dos «grandes nomes» – Asimov (usando seu próprio nome ou o pseudónimo Paul French), Bradbury, Heinlein, Cla-

rke – em, aproximadamente, um sexto dos livros, pertencendo os restantes a autores da época *pulp* (Leinster, Siodmak, Van Vogt)³ e obras reconhecidas no género (*O Cérebro de Donovan*, *Slan*, *Mundo de Vámpiros*); em suma, uma aposta evidente na popularidade.

A presença regular⁴, a partir do n.º 22 (*Vigilância Sideral – Les*



A colecção Argonauta dá partida com o autor Archibald Montgomery Low.

Étoiles ne s'en Foutent Pas de Pierre Versins), de autores francófonos⁵, representando um terço das escolhas dos primeiros 100 números – além das presenças pontuais de Onochko (russo) e Čapek (checo) – anuncia uma inversão da tendência pró-americana, que apenas surpreende se, ao invés de a entendermos como uma aposta invulgar na FC europeia, considerarmos que advém do uso de tradutores mais familiarizados com a língua francesa.

Esta desconfiança consolida-se se notarmos que a entrada de Eurico da Fonseca para a função de

tradutor, e a sua continuidade durante centenas de títulos, acontece a par da erradicação de obras de origem não-inglesa do catálogo – sendo a última o n.º 107 (*O Império dos Mutantes – La Mort Vivante* de Stefan Wul). As excepções pontuais representadas pelo francês Barbet (n.ºs 251 e 258), pelo polaco Lem (n.º 264) e pelos russos irmãos Strugatski (n.ºs 307 e 308) explicam-se facilmente: foram traduzidos a partir das edições americanas, com todos os problemas de fidelidade inerentes à tradução de traduções...

Há pelo menos um caso confirmado de influência de um colaborador na selecção das obras: «*O meu pai frequentemente sugeria os títulos a traduzir, embora isso normalmente não fosse creditado*» (JF). Lima de Freitas foi também responsável por organizar e traduzir os contos do n.º 100, uma antologia comemorativa «*que reuniu uma quantidade notável de histórias, algumas das quais foram consideradas das melhores de sempre, como “Flores para Algernon”, e penso que a primeira história traduzida para português do Lovecraft, Jorge Luis Borges ombreando com Arthur Clarke, Efremov e Bradbury*» (JF).

Efectivamente, a apresentação deste número é bastante explícita⁶: «*num volume duplo de mais de quatrocentas páginas, posto à venda pelo preço de um volume*



“Lima de Freitas foi também responsável por organizar e traduzir os contos do n.º 100, uma antologia comemorativa “que reuniu uma quantidade notável de histórias...”



Alguns dos “grandes nomes” que marcaram a colecção Argonauta. Asimov, Bradbury, Arthur C. Clarke, Leinster e Heinlein.

simples, o n.º 100 da Colecção Argonauta oferece um panorama completo da evolução da Ficção-Científica, desde Júlio Verne aos Astronautas. Entre centenas de autores, entre milhares de obras, foram seleccionados os mais belos contos dos escritores mais representativos em todo o mundo, formando uma antologia de características absolutamente inéditas entre nós», destinado ao que já se mostrava ser «*um público fiel e, até, entusiástico*».

Mas, se é natural que diferentes apreciadores tenham diferentes preferências, e orientem as selecções para as obras que conhecem (e que são capazes de ler), também decorre que a ausência de um crivo editorial coerente tenha contribuído para manter e até salientar certos defeitos de fabrico que foram prejudicando a colecção e, eventualmente, antecipar-lhe o fim num contexto de crescente competitividade em que tais falhas já não eram perdoáveis pelos leitores. **BANG!**

FIM DA PRIMEIRA PARTE

Leia na próxima revista *Bang!* a segunda parte do artigo sobre a Colecção Argonauta



Luís Filipe Silva (blog.tecnofantasia.com) é autor português de «O Futuro à Janela» (Prémio Caminho de Ficção Científica), «Cidade da Carne», «Vinganças» e (com João Barreiros) «Terrarium - Um Romance em Mosaicos» além de vários contos, críticas e artigos em publicações portuguesas, brasileiras e internacionais. Como antologista, organizou «Vaporpunk – Relatos Steampunk Publicados sob as Ordens de Suas Majestades» (com Gerson Lodi-Ribeiro) e «Os Anos de Ouro da Pulp Fiction Portuguesa» (com Luís Corte Real).

[1] Vale a pena desvendar a rocambolesca história tal como contada por João Vagos em <http://colecacaoargonauta.blogspot.pt/2011/09/n-130-estacao-de-transito.html>.

[2] J. Vagos conclui o inventário pessoal dos títulos no 552.º com as seguintes palavras de desânimo: «última edição [...] no formato tradicional. A partir deste número, aumentaram o tamanho dos livros e também o preço, tendo sido publicados apenas mais dez números, que já não coleccionei. Para mim, a Colecção Argonauta terminou neste número.» (<http://colecacaoargonauta.blogspot.pt/2011/08/n-552-os-vigilantes-do-imaginario-2-pat.html>)

[3] A questão das preferências, aliás, será um dos apanágios menos felizes da colecção, ainda que mais tarde se manifeste sobre outros autores – Siodmak e Blish, por exemplo.

[4] O primeiro francês foi Jimmy Guieu, logo no n.º 5, uma presença pontual.

[5] Entre outros: Carsac, Russel, Ainé, Wul, Steiner, Hougron, com obras agora clássicas na FC francesa.

[6] Excertos retirados da apresentação deste volume no n.º 99, presumivelmente da autoria do próprio organizador.

TIGANA

A OBRA-PRIMA DE
GUY GAVRIEL KAY

EM 1990 GUY GAVRIEL KAY LANÇOU UMA OBRA QUE REVOLUCIONOU A FANTASIA HISTÓRICA, E TANTO A CRÍTICA COMO OS FÃS ACLAMARAM SEM RESERVAS. O SEU NOME ERA *TIGANA* E FAZ-NOS QUESTIONAR A NOSSA PRÓPRIA HISTÓRIA. POR SAFAA DIB.

QUEM SOU EU?

Em *Fahrenheit 451* de Ray Bradbury, o mundo é um lugar cinzento onde os seus habitantes usam a felicidade como uma máscara. Quando cai a máscara, revela-se a solidão, o desespero por viver num mundo anestesiado, a apatia e conformismo perante um Estado que se encarrega de apagar da memória dos indivíduos todas as tragédias que compõem o quotidiano. Quem se revolta, é facilmente eliminado do sistema, desaparece da foto e duvidamos se essa pessoa realmente chegou um dia a ser nossa vizinha.

Déspotas e tiranos não suportam qualquer actividade cultural porque sabem que ao banir essas actividades, estão a destruir eficazmente a memória de um povo. Quando Montag, o bombeiro protagonista da obra de Ray Bradbury, finalmente desperta para a verdade e um novo mundo, é só graças à sua memória que consegue resistir à opressão política e cultural. Se memorizar os livros sabe que jamais correrá o risco de os perder.

Em *Tigana* do autor canadiano Guy Gavriel Kay, o povo de Tigana dificilmente tem outra escolha senão resistir contra a maldição lançada por Brandin de Ygrath. E resiste precisamente através da memória. Resiste, lembrando-se da sua pátria. Na Península de Palma, quase todas as províncias caíram nas mãos dos feiticeiros Brandin de Ygrath e Alberico de Barbador. Stevan, o filho de Brandin, foi morto por Valentin, príncipe de Tigana, um acto pelo qual o seu povo pagou um preço demasiado elevado. Brandin destrói a orgulhosa Tigana, as suas torres belas e afamadas, mancha a sua beleza, mas não se contentando apenas com a sua destruição, decide também eliminar a sua memória. Lança um feitiço em que nenhum habitante da Península jamais se lembrará ou poderá ouvir o nome de Tigana. Apenas os tiganenses relembram o passado da sua pátria, mas não podem partilhá-la com mais ninguém. E assim estão condenados a testemunhar o fim de Tigana até desaparecer a última geração.

A FABRICO DA TAPEÇARIA

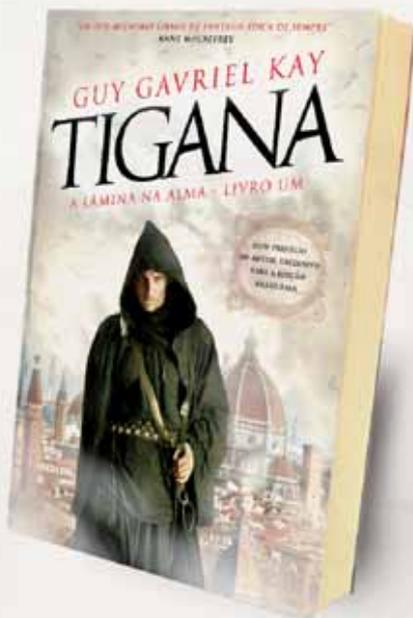
Publicado em 1990, *Tigana* de Guy Gavriel Kay não foi a sua primeira obra de fantasia. Já tinha lançado anteriormente a trilogia de Fionavar, de forte inspiração tolkiana, mas foi com *Tigana* que Kay encontrou a sua voz narrativa e o estilo que tornaria as suas obras tão famosas e acarinhadas em todo o mundo: a fantasia histórica.

Kay pega em determinados eventos históricos reais, e assimila-os para o seu mundo de fantasia. Não se trata de uma mera reconstituição, mas de uma investigação cuidadosa do período histórico em questão de forma a aproveitar os melhores elementos que servem os grandes temas dos livros de Kay. O resultado final é muitas vezes notável.

Em *Os Leões de Al-Rassau*, um dos romances favoritos de muitos dos seus fãs, Kay vai buscar inspiração à história medieval europeia no tempo da presença dos árabes em Portugal e Espanha. As figuras do guerreiro espanhol El Cid e do poeta da cidade portuguesa de Silves, Ibn Ammar, servem de inspiração para a própria criação do autor, mas, através das suas vívidas personagens, a transição de uma era para outra é rodeada de tanta poesia, nostalgia e o doce e amargo que esta se tornou uma das suas obras mais aclamadas. Esse poder de evocação, emoção profunda e lamento por um passado que já não existe, ou está a morrer, permite ao autor criar algumas das mais maravilhosas e complexas cenas nos seus livros.

O LAMENTO DOS BARDOS

A prosa lírica e emocional não encontra paralelo em nenhum outro autor de fantasia que eu tenha lido, com excepção de Ursula Le Guin na sua série *Terramar*. Kay domina a linguagem como um mago poderoso a tecer um encantamento com palavras cuidadosamente escolhidas. Não



TIGANA - VOL. 1 **A LÂMINA NA ALMA** **GUY GAVRIEL KAY**

Preço: 16,90€

ISBN:978-989-637-605-5

Género: Fantasia Épica

Tigana é uma obra rara e encantadora onde mito e magia se tornam reais e entram nas nossas vidas. Esta é a história de uma nação oprimida que luta para ser livre depois de cair nas mãos de conquistadores implacáveis. É a história de um povo tão amaldiçoado pelas negras feitiçarias do rei Brandin que o próprio nome da sua bela terra não pode ser lembrado ou pronunciado.

Mas anos após a devastação da sua capital, um pequeno grupo de sobreviventes, liderado pelo príncipe Alessan, inicia uma cruzada perigosa para destronar os reis despóticos que governam a Península de Palma, numa tentativa de recuperar um nome banido: Tigana.

Num mundo ricamente detalhado, onde impera a violência das paixões, este épico sublimemente sobre um povo determinado em alcançar os seus sonhos mudou para sempre as fronteiras da fantasia.



há uma única frase que não seja bonita e evocativa.

E quem melhor para representar essa perfeição lírica do que a figura de um bardo? Devin d'Asoli é uma das personagens apresentadas no início do livro e será ele a conduzir-nos na primeira parte pela Península de Palma e a apresentar os acontecimentos políticos e históricos. Um jovem sensível e dotado para a música, ao descobrir a verdade acerca das suas origens, nunca mais volta a ser o mesmo.

Através dele, conhecemos outras figuras que formam, na aparência, uma mera companhia de músicos. No início do livro, descobrimos que os músicos têm uma identidade que escondem de todos e uma missão que pretendem desempenhar a todo o custo. Todos eles fazem parte de um grupo secreto de conspiradores e rebeldes que planeia derrubar os feiticeiros e libertar Tigana, a sua pátria subjugada e amaldiçoada das garras de Brandin.

Alguns são jovens, outros não tão jovens, mas todos sentem intensamente a perda da sua terra natal. Alguns ainda desejam redimir os erros do passado ou preservar as poucas memórias familiares que lhes restam.

As mulheres têm um protagonismo tão forte quanto os homens em *Tigana*. Como eles, lutam pela sua liberdade e dignidade, apaixonam-se (às vezes pelas pessoas erradas) mas, muitas vezes superando os homens, demonstram uma coragem e sacrifício imensas e estão dispostas a dar a sua vida para pagar o preço de sangue.

HERÓIS E VILÕES

Outra parte da narrativa é focada na ilha de Chiara onde Brandin estabeleceu a sua corte e é contada através dos olhos de Dianora, uma bela mulher que foi capturada pelos mercenários do rei Brandin e que rapidamente se tornou uma das suas amantes favoritas entre o seu *saisshan*. A história de Dianora é uma de solidão, dúvida, dupla identidade e uma angústia e tristezas imensas. O passado de Dianora é contado em flashbacks e cedo descobrimos os seus verdadeiros objetivos. Ela é testemunha do imenso poder de Brandin sobre os seus súbditos e o seu bobo Rhun, da sua arrogância e frieza, mas também do seu charme e sensualidade. Nós sabemos logo no início do livro que ele é o vilão,

mas, à medida que a narrativa progride, a personagem de Brandin mostra imensas camadas e torna-se óbvio que não é um vilão típico e quase conseguimos compreender o seu intenso desgosto pela morte do filho Stevan que o levou a cometer tamanha atrocidade contra Tigana.

Alberico de Barbadior é o outro feiticeiro que mantém a Palma sob o seu domínio. O oposto de Brandin, é um senhor de guerra bárbaro, talvez a figura mais unidimensional na obra de Kay. Apenas vê a Península como um meio para atingir o fim e tudo o que ambiciona é a glória e poder no Império de Barbadior.

Do lado oposto, Alessan, o príncipe de Tigana, é o suposto herói de quem se espera a redenção e a vingança, mas é uma figura que ganha uma dimensão cada vez mais humana e menos heróica. Constantemente atormentado por dúvidas, jurou livrar a Península dos feiticeiros tiranos mas, mesmo com companheiros tão leais como Devin, Catriana e Baerd, o príncipe cresceu em exílio e constante fuga, atormentado pela memória de uma Tigana que já não existe e de um pai corajoso que se tornou uma lenda e um mártir para os tiganenses. Para piorar as coisas, Alessan sabe que, para alcançar a vitória, terá de cometer actos questionáveis. A sua relação com o feiticeiro Erlein providenciou alguns dos episódios morais e éticos mais desafiantes do livro.

É difícil escolher uma única cena decisiva do livro entre tantas – o que dizer do magnífico capítulo do “mergulho do anel” ou a Ember Night com os caminhantes da noite? – mas de uma coisa não há dúvida: o leitor ficará certamente marcado pelos momentos finais desta obra monumental em que Kay tomou uma decisão controversa quando revela um dos grandes segredos da saga. Resta ao leitor decidir se essa decisão não fará todo o sentido face aos temas principais do livro: a perda da identidade, a vingança, o desejo por liberdade e escolha pessoal, a necessidade de compaixão. Pois afinal é o próprio Alessan que admite “*Neste mundo em que nos encontramos, penso que é preciso ter compaixão acima de tudo, ou estaremos sozinhos.*” Se nunca leram Guy Gavriel Kay, posso assegurar-vos que estão nas mãos de um contador de histórias exímio que vos fará viver uma autêntica montanha-russa de emoções.

BANG!

**QUER CONHECER A
PENÍNSULA DE PALMA?
TRAGA UNS TÊNIS CONFORTÁVEIS
E UMA ESPADA AFIADA!**

A Península de Palma partilha uma língua em comum e está dividida em nove províncias: Senzio, Certando, Corte, Baixa Corte (a antiga Tigana), Asoli, Chiara, Treggia, Astibar e Ferraut. A parte oriental é dominada por Alberico, ao passo que o lado ocidental é dominado por Brandin que reina a partir da ilha de Chiara. Duas luas orbitam em torno da terra onde os habitantes veneram uma tríade de deuses, um deus e duas deusas.

Ao contrário de fantasias mais tradicionais, não imperam criaturas míticas ou outras raças e a única entidade sobrenatural a fazer a sua aparição é uma riselka cuja aparição traz presságios. A magia na Península existe, mas não é disciplinada nem é ensinada e muitos dos praticantes são forçados a esconder os seus talentos dos tiranos ou arriscam-se a uma sentença de morte.

Muito ao estilo da antiga Itália medieval que era formada por Estados que constantemente guerreavam entre si, assim é apresentada a Península. Os conflitos internos permitiram a fácil conquista dos territórios, em simultâneo, mas de modo independente, pelos dois feiticeiros que estabeleceram uma balança precária de poder.



YGRACH

KHAROHUN

A PENÍNSULA DE PALMA

BARBADIOR

Ilha de farsaro

CHIARA Sangarios

SENZIO

Arquipélago

ASOLI

FERRAUT

ASOIBAR

Golfo de Corte

Ardin

CORSO

Ciorone

BORIFORT

CORTE

TREGEA

CERTANDO

ORTIZ

Castelo de Barso

Casadel

Rio Sperlon

BAIXA CORTE

forese

Sinave

Stevanien

Santuário de Eanna

MONTANHAS PARRAYT

MONTANHAS SFARONI

MONTANHAS BRACCIO

QUILEIA



GALERIA DE PERSONAGENS DE TIGANA

PREPARE-SE PARA CONHECER ALGUMAS DAS MAIS FASCINANTES PERSONAGENS DA HISTÓRIA DA LITERATURA FANTÁSTICA

ALESSAN DI TREGEA

O líder do grupo de rebeldes e conspiradores, Alessan herdou um legado de tragédia. Filho mais novo de Valentin, príncipe de Tigana, e único herdeiro sobrevivente de uma dinastia quebrada pela guerra, é a ele que cabe tentar resgatar o seu reino das garras dos feiticeiros. Uma figura atormentada por dúvidas e receios, é muito respeitado pelos seus companheiros de estrada.

DIANORA

Uma bela mulher que foi capturada pelo feiticeiro Brandin de Ygrath, tornando-se parte do seu harém, Dianora rapidamente tornou-se a sua concubina favorita. Dianora tem uma identidade e plano secretos que podem conduzir à ruína de todos. A sua natureza conflituosa forma uma parte vital do enredo.

BAERD

Um dos mais antigos companheiros de Alessan e seu aliado na rebelião contra os feiticeiros. Um dos filhos de Tigana, as suas memórias de infância e adolescência perseguem-no constantemente e nunca se esqueceu da irmã com quem tinha uma relação íntima.

SANDRE, DUQUE DE ASTIBAR

Sandre era o antigo Duque de Astibar e um feiticeiro. O seu filho foi capturado pelos Barbadianos e torturado. Alia-se à demanda de Alessan de modo a obter vingança pelos actos cometidos contra a sua família.

DEVIN D'ASOLI

Um jovem bardo com uma memória excepcional e talento para música, é testemunha de uma conspiração que o faz conhecer um grupo secreto de rebeldes, liderado pelo príncipe

Alessan. Através de Devin, ficamos a conhecer a Península de Palma e muita da política que a afecta.

CATRIANA D'ASTIBAR

Faz parte do grupo de rebeldes de Alessan. Tempestuosa, forte e independente, é assombrada pelos erros do passado da sua família, os quais deseja redimir.

BRANDIN DE YGRATH

Rei de Ygrath e um feiticeiro poderoso que trouxe guerra aos territórios da Península do Ocidente, é um homem de emoções intensas e incapaz de perdoar a morte do seu filho, Stevan, às mãos de Valentin, o príncipe de Tigana. Por essa morte, os Tiganenses foram amaldiçoados e pagaram um preço demasiado elevado. É o homem mais perigoso da Península, mas tem um lado vulnerável que oculta de todos.

ALBERICO DE BARBADIOR

Um feiticeiro e senhor de guerra que mantém a Península do Oriente subjugada. É um homem cruel e calculista e que deseja apenas regressar ao Império de Barbadior e disputar o lugar de Imperador. .



O SENHOR DA FANTASIA HISTÓRICA

ENTREVISTA EXCLUSIVA POR SAFAA DIB

GUY GAVRIEL KAY é um autor canadiano que se iniciou no mundo literário ao ser convidado por Christopher Tolkien para editar *O Silmarillion* de J. R. R. Tolkien. É o autor da trilogia de fantasia *A Tapeçaria de Fionavar* e das obras de fantasia histórica *Os Leões de Al-Rassan*, *A Song for Arbonne*, *The Sarantine Mosaic* (dois volumes) e a sua mais recente série centra-se no Império da China, *Under Heaven* e *River of Stars*. *Tigana* é uma das suas obras mais aclamadas. O seu trabalho encontra-se traduzido em vinte e uma línguas e recebeu numerosas nomeações e prémios ao longo da sua carreira.

Antes de publicar o seu primeiro romance, *The Summer Tree*, foi convidado pelo Christopher Tolkien para editar *O Silmarillion* de JRR Tolkien, considerado uma obra-prima por muitos dos seus fãs. Foi uma decisão deliberada escrever a *Tapeçaria de Fionavar*, a sua primeira trilogia de fantasia, na tradição de Tolkien? Uma homenagem a um escritor que influenciou tão intensamente o género? Antes de mais, obrigado por esta entrevista. É um prazer ter a oportunidade de partilhar algumas reflexões com os meus leitores.

Fionavar não foi tanto uma homenagem como uma tentativa de regressar às mesmas raízes, à capacidade de moldar uma fantasia. Na altura, a maioria dos escritores de fantasia que conhecia estavam a afastar-se da dimensão épica em direção a uma obra minimalista, deixando os grandes épicos para escritores que imitavam cinicamente Tolkien como forma de obter sucesso comercial. Não era o meu desejo que um género tão forte em mito, lenda, folclore acabasse dessa forma. *Fionavar* foi um desafio que impus a mim próprio, uti-

lizando alguns desses elementos, mas criando personagens mais modernas, introduzindo sexualidade e temas como liberdade de escolha ou o preço (ou fardo) do poder.

Tigana foi o primeiro romance onde encontrou a sua voz criativa. Sei que não lhe agrada muito o termo “Fantasia Histórica”, mas ao recriar determinados eventos históricos num cenário de fantasia acabou por criar um conjunto de obras único e forte. Em *Os Leões de Al-Rassan* tem um grande fascínio pelo canto do cisne da presença dos Mouros em Portugal e Espanha. Em *A Song for Arbonne*, é a cruzada albigense na Provença Medieval que captou a sua imaginação. Em *Tigana*, inspirou-se na Itália Medieval. Também Constantinopla e China foram objectos de estudo em romances recentes. A fantasia permite-lhe maior liberdade em explorar os principais temas do livro?

Suponho que hoje em dia me sinta mais confortável com o termo “Fantasia Histórica”, pois as pessoas gostam de rótulos e categorias. Tenho imensas razões por trabalhar com o que um crítico chama de “história com um pendor para o fantástico” e escrevi ensaios e discursos sobre isso (leitores que saibam ler inglês

“ SUPONHO QUE HOJE EM DIA ME SINTA MAIS CONFORTÁVEL COM O TERMO “FANTASIA HISTÓRICA”, POIS AS PESSOAS GOSTAM DE RÓTULOS E CATEGORIAS

poderão encontrar alguns na secção “Words” de www.brightweavings.com. Na América Latina, com uma tradição rica em realismo mágico, penso que compreendem melhor como estes ligeiros desvios da realidade podem na verdade iluminar ainda mais o nosso mundo e História. Além disso, a fantasia permite-me usar um maior número de ferramentas para seduzir o leitor!

Verifiquei no seu site a bibliografia que consultou para a pesquisa de *Tigana*, e a maioria dos livros centram-se na Itália Renascentista ou na Idade Média. O que o atrai tanto no passado da Europa e o que o cativa tanto para o melhor e pior da ascensão e declínio de Impérios?

Como provavelmente deve saber, os meus dois últimos romances exploraram a História chinesa, nos séculos VIII e XII, por isso não estou de maneira nenhuma “casado” com a Europa. Mas admito que me sinto fascinado pela sua História desde os meus 18 anos, e uma viagem que efectuei pela Europa nessa altura. Dou-lhe razão quando aponta que muitos dos meus livros ocorrem em períodos de mudança política, religiosa ou militar. A tensão que essa transição causa às personagens origina um grande impacto.

Em *Tigana*, a magia desempenha um papel principal na eliminação da identidade e memória. O legado dos Tiganenses e o caminho que eles têm que percorrer lembrou-me do livro de Amin Maalouf *As Identidades Assassinas*. A identidade conduz sempre a loucura e violência?

Não, certamente que não. Mas questões de identidade e a sua supressão ou perda são extremamente importantes ao longo da História. Tiranos e conquistadores sempre souberam que a maneira mais certa de reduzir resistência é diminuir a identidade da nação ocupada. A epígrafe de *Tigana* da autoria do maravilhoso poeta grego George Seferis é precisamente sobre aquilo que me pergunta: se nos lembrarmos demais

do do passado isso pode arruinar-nos, se nos lembrarmos demasiado pouco, arruína-nos à mesma.

Sei que já se referiu à Primavera de Praga [tentativa de liberalização da Checoslováquia do domínio da União Soviética em 1968 que terminou nesse mesmo ano com a invasão de Praga por tanques soviéticos] como um dos acontecimentos históricos que inspirou *Tigana*. O povo de Tigana sofre o mesmo tipo de subjugação política e tirania. Após várias décadas, a tirania política e financeira continuam a ser um tema vital em todo o mundo. Vinte e três anos depois da sua primeira publicação, previa que os temas de *Tigana* reflectissem tão profundamente o estado presente do nosso mundo?

Não tenho tendência a pensar nisso em termos de “previsões”, sendo a minha perspectiva a de um historiador. *Tigana* foi escrito como uma fantasia em parte porque, ao ser escrito dessa forma, sobre um país fictício, pode tornar-se a história de muitos outros lugares em diferentes tempos. Eu adoro este paradoxo: o cenário de fantasia faz com que leitores do mundo inteiro me perguntem, ao longo dos anos, “escreveu sobre nós?”

É conhecido por criar algumas personagens masculinas e femininas muito fortes e complexas: Alessan, Jehane, Dianora, Ammar ibn Khairan, só para nomear alguns. Até mesmo os seus vilões afastam-se dos clichés habituais. O feiteiceiro Brandin de Ygrath é o opressor de Tigana, mas também vai muito para além disso. Pode partilhar conosco alguns segredos sobre o processo de criação destas personagens?

Não julgo que haja segredos. Suponho que seja tudo uma questão de tempo, paciência e aversão a uma simplificação excessiva das coisas. Como leitor, aprecio livros que me ofereçam personagens complexas e maduras, e não heróis ou vilões óbvios. Por isso tento escrever os livros que gostaria de ler. Também sinto muita curiosidade pelas

minhas personagens secundárias, quero saber mais sobre elas à medida que surgem, por isso tento dar-lhes alguma profundidade.

A riqueza de *Tigana* reside não só nas personagens fascinantes e enredo mas também nos detalhes de cada região e cultura. Como integra a pesquisa na sua escrita? Quando está a ler um livro de História, reconhece imediatamente os elementos que irá assimilar na sua obra?

É uma boa pergunta. A resposta curta é não, pois à medida que leio e pesquiso são as coisas pequenas inesperadas que muitas vezes apanham o meu olhar, mas também acontece fazer uma nota e acaba por nunca entrar no livro. Também pode acontecer outras coisas irromperem das minhas notas enquanto o livro está a tomar forma. Essa é uma das razões porque não posso simplesmente empregar investigadores: tenho que ser eu próprio a fazê-lo, mergulhar bem fundo, descobrir aquilo que se irá tornar parte do meu livro. O livro muda em mim enquanto o moldo.

No que se encontra a trabalhar de momento? Quais são os seus futuros planos de publicação?

Terminei agora a *tour* para o meu último livro *River of Stars*, por isso agora iniciei a fase de ler e pensar (e praguejar!) sobre qual será o tema do meu próximo livro. Preciso sempre de um pouco de tempo antes de começar a escrever, em parte porque não quero repetir os temas e o estilo do último livro. **BANG!**

“EU ADORO ESTE PARADOXO: O CENÁRIO DE FANTASIA FAZ COM QUE LEITORES DO MUNDO INTEIRO ME PERGUNTEM, AO LONGO DOS ANOS, “ESCREVEU SOBRE NÓS?”

A SUA DOSE DIÁRIA DE FANTASIA, FC E HORROR:

WWW.REVISTABANG.COM

BANG!

MAKING OF

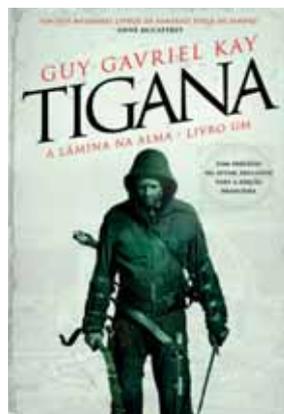
A HISTÓRIA DA CONCEPÇÃO DAS CAPAS TIGANA DESDE A PESQUISA À IMAGEM FINAL.

A elaboração de uma capa obedece quase sempre ao mesmo processo. Leitura da sinopse do livro, pesquisa das capas estrangeiras já existentes (caso já tenha sido editado) e criação de novas propostas de capa recorrendo a imagens compradas em bancos de imagens, que geralmente são editadas e manipuladas digitalmente. A selecção final é sempre feita tendo como objectivo a adequação mais próxima possível ao género literário em que o livro se enquadra e ao público alvo que se pretende atingir.

Tigana – A Lâmina na Alma (Livro I) é um romance de fantasia escrito por Guy Gavriel Kay onde a história se desenrola principalmente numa terra ficcional que lembra a Itália medieval. O objectivo foi então recriar esse mundo dando, de algum modo, destaque às figuras masculinas da história – músicos, rebeldes e conspiradores que planeavam derrubar feiticeiros e libertar a sua pátria subjugada e amaldiçoada, Tigana. O primeiro desafio foi então encontrar um guerreiro que ocuparia o centro do livro e que os representaria, com o cenário medieval por trás, em segundo plano. A primeira proposta acabou por não resultar, dado que a figura era demasiado urbana, com uma roupa demasiado actual para o que se pretendia. Seguiu-se uma pesquisa pelo guerreiro ideal, onde todos os pormenores contavam – roupa, adereços e pose.

Escolhido o guerreiro, o foco virou-se para outros pormenores importantes: o cenário em segundo plano e o tom geral da capa. Seria o tom cinzento-azulado o melhor? O

fundo seria melhor esbatido ou com mais destaque? A paleta de cores da capa em geral deveria ganhar mais vida? E a cidade deveria distanciar-se um bocado mais da imagem comprada de Florença? Muito ou pouco? A decisão foi não nos afastarmos demasiado da imagem italiana – o público teria de reconhecer Itália ali – mas acrescentar



pormenores que o tornariam ficcional – as várias torres que Tigana apresenta.

O passo seguinte foi então a montagem de vários

tipos de torres, umas com mais destaque, outras com menos, onde foram mudados os pormenores e perspectivas das imagens originais para dar o tal toque medieval. Depois da personagem colocada à frente, esta estaria rodeada de torres. As cores da capa foram sendo testadas ao mesmo tempo que as torres foram sendo construídas e apuradas.

O design de uma capa é um processo sempre bastante “maleável”. Quando achamos que temos um pormenor fechado e tratado, passamos à frente



Escolha do guerreiro



Escolha das cores

para outra coisa, para no dia seguinte olharmos de novo e aperfeiçoarmos algo que achávamos estar já terminado.

Pormenores da cidade original foram então apagados, janelas transformadas, perspectivas mudadas. Um “corte e costura” digital. Finalmente com a cidade construída, o herói escolhido e com algumas paletas de cor apresentadas, a decisão pendeu para um tom geral mais “terra” bem ao estilo medieval. Decisão essa que foi validada pelo editor e também pela opinião da equipa da SdE (é comum, quando estamos indecisos em relação a capas de um livro, mostrá-las e fazer uma votação pela equipa toda, não só os designers mas todos: administrativos, assistentes editoriais, etc.)



Alteração da paisagem (torres), cor final e encaixe do guerreiro

No Livro 2 de *Tigana*, o editor pretendia dar realce às personagens femininas da história, tal como acontece no livro. O conceito seria o mesmo: uma mulher no centro com um fundo mais esbatido por trás. Neste livro, o desafio da figura principal foi ainda maior. A imagem que pretendíamos era a de uma bela mulher com um ar metade odalisca, metade guerreira, inserida no tal contexto medieval ficcional, com roupagens muito específicas. Algo que foi particularmente difícil de encontrar. As imagens mais encontradas foram bailarinas (especialmente dançarinas do ventre) e embora algumas poses fossem adequadas, as roupas eram despropositadas para o que pretendíamos: muito brilhantes, garridas e demasiado chamativas.

No entanto, com a ideia de mudar alguns elementos na mulher, começou a experiência de colocar a primeira com várias paisagens em fundo. A ideia era ter o aspecto de ilha ou então manter a paisagem do livro anterior, se funcionasse. As experiências de cor vieram ao mesmo tempo naturalmente.

A paisagem e a cor ficaram então decididos: seria o fundo com o mar e rochas, e a cor seria azulada, com elementos de nevoeiro e mistério à mistura. No entanto, havia ainda dúvidas quanto à mulher escolhida. A roupa era muito excessiva e não parecia enquadrar-se no mundo criado por Kay. Por isso a solução foi escolher a mesma manequim mas com outra pose e literalmente mudar-lhe a roupa e adereços: apagar todo o excesso de brilhantes, mudar a cor do vestido e adicionar todo o tipo de pormenores que a juntasse ao look do herói do primeiro livro. O processo foi o seguinte:



Pesquisa da figura feminina da capa.



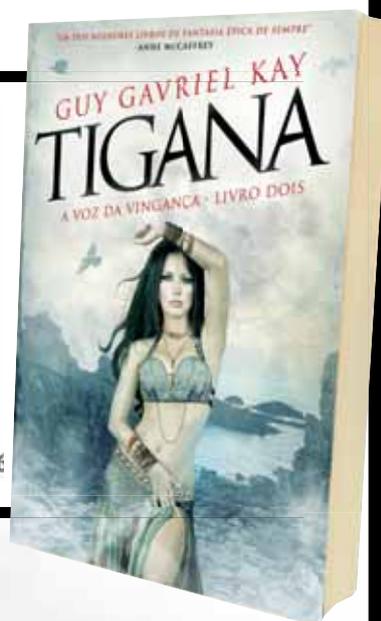
Escolha das cores e cenário de fundo (a modelo ainda não é a final)

Espero que tenham gostado de acompanhar o processo de elaboração de *Tigana* e que este texto vos ajude a compreender melhor o processo de criação deste tipo de projectos. Desejo-vos votos de boas leituras e que este fantástico romance de Kay vos surpreenda e delicie ao serem transportados para os mundos soberbos típicos da sua escrita. **BANG!**

Bancos de Imagem utilizados: Arcangel e Shutterstock.



Modelo definida e alteração de cor e vestuário



Ana Santos nasceu em Lisboa, a 30 de Setembro de 1976.

Licenciada em Arquitetura do Design pela FAUTL, iniciou o seu percurso profissional em Milão no atelier Esseblu de Susana Vallebona. Já em Portugal fez parte da equipa FPG Design e posteriormente da Editora Pergaminho. Trabalha desde 2008 na Editora Saída de Emergência.



por
João Seixas

*“A Ficção Científica é
o único género que assume
a poesia da descoberta e do
conhecimento do Universo
em todas as suas
manifestações.”*

Há cerca de uma década, num breve ensaio publicado na *New York Review of Science Fiction*, Andrew Weiner, à falta de um acrónimo mais sonante, propunha o termo “SF-Not” para caracterizar aquele tipo de ficção científica que era lido por pessoas que não gostam de ficção científica. Weiner pensava, naturalmente, nos casos de leitores que liam textos do género como *Ninety Eight Four* ou *Brave New World*, a série *Foundation* ou *Son of Man*, como obras

de Literatura – assim, com capitalização inicial – negando-lhes qualquer especificidade genérica.

O termo de Andrew Weiner não chegou a colher a simpatia de ninguém e desapareceu nas vastidões infinitas do cemitério das ideias inviáveis, mas o fenómeno que ele pretendia descrever permanece actual e, quando muito, tende mesmo a agravar-se. A diferença é que agora aqueles que lêem (ou escrevem) ficção científica para quem não gosta de ficção científica, chamam-lhe

“ficção especulativa” (com preferência para o inglês – *speculative fiction* – que permite manter as mesmas iniciais do gênero – em inglês, *science fiction*). Ora, ficção especulativa parece ter sido um termo que caiu no gongo de largas franjas de adeptos da literatura de gênero, como demonstra o amplo leque de publicações e autores que nele se revêem. Mas é um termo útil? E ser-nos-á realmente lícito apresentá-lo como alternativa a “SF-Not”, mantendo o mesmo significado?

Ficção Especulativa

Éis como N.E. Lilly, numa tentativa de definição que é típica de quem recorre ao termo, identifica a ficção especulativa: “*ficção especulativa (...) é um termo que tem sido utilizado para descrever coletivamente obras nos gêneros da Ficção Científica, Fantasia e Horror*”. Consciente de que uma tal definição é totalmente vácuca pela preexistência dos gêneros que pretende englobar, e numa tentativa de clarificar a definição, turva ainda mais as águas acrescentando: “*A ficção especulativa aborda obras de ficção que incluem Weird Tales, Amazing Stories e Ficção Fantástica. Também pode incluir outros gêneros como Mistério, História Alternativa e Romance Histórico. Ficção Especulativa pode ser um termo que descreve conjuntamente obras de ficção científica, fantasia e horror, mas que também abarca obras que não são ficção científica, fantasia e horror, mas que também não pertencem inteiramente a outros gêneros*”. E como se isso não fosse o suficiente para demonstrar que quem assim define não sente o mínimo de segurança (nem transmite o mínimo de conhecimento) naquilo que diz, ainda acrescenta um leque de títulos e autores (muitos deles com obra dispar e incluível nos gêneros preexistentes) numa salganhada que nada ilustra e pouco adianta: Tarzan, *Television’s Early Edition*, contos de Sir Arthur Conan Doyle (...) *Stranger on a Strange Land*, *The Twilight Zone*, *The Call of Cthulhu* de Lovecraft e *A Metamorphose* de Kafka, concluindo que tudo aquilo que simultaneamente é e não é ficção científica, fantasia, e/ou horror, é ficção especulativa.

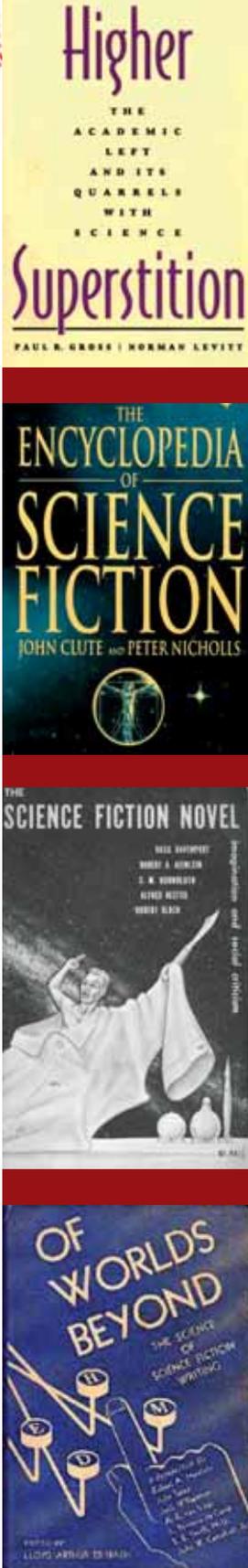
Lilly não explica por que razão seria “ficção especulativa” um termo melhor para classificar esse tipo de obras do que o “slipstream” proposto por Bruce Sterling, e que também jaz agora numa campa ao lado de “SF-Not”. Provavelmente porque nunca ouviu falar dele. Mas uma breve excursão pela história do termo permite-nos compreender de

onde nasce a confusão e, simultaneamente, por que razão penso que é um termo que serve apenas a quem não aprecia a Ficção Científica.

Embora não tenha sido o primeiro a utilizar a expressão, Robert A. Heinlein foi o primeiro a propô-la como uma categoria geral na área da ficção científica. No seu artigo “*How to Write Speculative Fiction*”, publicado em 1948 num Simpósio editado por Lloyd Arthur Eschbach, Heinlein avança o termo como sendo equivalente àquilo que normalmente definimos como Ficção Científica *Hard*, e que é aquela que considero corresponder à verdadeira Ficção Científica. Descrevendo os vários

tipos de narrativa de FC (ou normalmente encarados como FC), e após menosprezar aquelas histórias que de FC têm apenas os adereços – histórias passadas no futuro ou noutros planetas, que poderiam passar-se de igual modo na Terra no século XIX – Heinlein refere-se às histórias de ficção científica especulativa como sendo aquelas em que “a ciência dominante e os factos estabelecidos são extrapolados de forma a produzir uma situação nova, uma nova moldura para a ação humana. Em resultado dessa situação nova, surgem novos problemas humanos, e a história a ser contada é sobre a forma de lidar com esses novos problemas”. Um dos elementos que Heinlein indica como essenciais para a verdadeira ficção científica (especulativa), é que não sejam violados quaisquer dos factos científicos conhecidos, impondo-se que, quando o autor recorra a uma teoria que contrarie as teorias dominantes, esta seja plausível e deva incluir e explicar os factos conhecidos tão satisfatoriamente quanto a teoria que pretende substituir. Leitores familiares com o processo científico, reconhecerão aqui uma exigência comum a qualquer teoria científica, e os leitores mais cientes da crítica literária, reconhecerão aqui a aplicação do método científico à literatura que Judith Merrill, como veremos, postulava como essencial à ficção especulativa.

Uma leitura atenta do texto de Heinlein não deixa dúvidas de que esta ficção especulativa por ele proposta é apenas um sub-género daquilo que poderemos considerar uma Ficção Científica mais ampla, correspondendo aquela à FC Hard, e incluindo esta os



sub-géneros menos próprios como a *space-opera*, as *gadget stories*, e outros à data ainda inexistentes como os vários *punks*, com especial destaque para o *steampunk*.

Heinlein voltaria ao tema em 1959, numa conferência intitulada *Science Fiction: Its Nature, Faults and Virtues*, cujo texto foi incluído no volume *The Science Fiction Novel: Imagination and Social Criticism*, compilado por Basil Davenport. Nesse texto, entre outras, Heinlein acrescenta uma precisão ao que antes escrevera e que nos permite compreender como é possível que o termo por ele proposto tenha começado a deslizar pela encosta escorregadia da obscuridade descritiva. Apenas onze anos depois de ter introduzido o termo, Heinlein serve-se dele, agora, explicitamente, como permutável com Ficção Científica: “O termo ‘ficção científica’ já faz parte da linguagem (...) e vou usá-lo... embora pessoalmente prefira o termo ‘ficção especulativa’ por ser mais descritivo. Servir-me-ei de ambos os termos de forma intercambiável, um sendo o uso corrente, o outro porque me ajuda a pensar – mas com o mesmo referente em ambos os casos” (sublinhado meu).

O termo Ficção Especulativa é de facto mais descritivo quando é o utilizado por Heinlein, sobretudo pela presença ali do verbo “extrapolar”, a partir dos factos e das leis científicas conhecidas, e quando utilizado para circunscrever um conjunto de obras de FC de conteúdo específico da paleta mais ampla de uma FC *latu sensu* (na verdade, penso que Ficção Extrapolativa seria um identificador bastante melhor do que Ficção Especulativa, pois em termos gerais, toda a ficção é, por definição, especulativa).

Como identificar o género literário?

Heinlein utiliza assim de forma indistinta FC/FE, para identificar o género literário que parte do mundo real e dos factos científicos estabelecidos para extrapolar um mundo distinto do nosso, imaginário-mas-possível; ao fazê-lo, reconhece também a dificuldade em obter acordo sobre o que são os “factos conhecidos” e o “mundo real”, e é essa a precisão (e diria quase, a presciência) que se me afigura mais relevante. Para Heinlein, ambos os termos referem-se ao “universo factual da nossa experiência, no sentido com que qualquer pessoa esperaria que tais palavras fossem utilizadas por membros educados e esclarecidos (“enlightened”) da cultura ocidental” do nosso tempo.

Estamos, como se vê, perante uma definição clara e concisa de Ficção Especulativa como sendo um género que recorre aos factos e ao método da Ciência para extrapolar um mundo diferente do nosso, imaginário mas possível, do qual resultam novos problemas, os quais são propostos e resolvidos. Uma definição muito distante da salgahada incoerente e logicamente inconsistente de Lilly.

Para compreender como passamos de um estado ao outro, é importante atentar na recuperação do termo, em meados dos anos sessenta, por Judith Merrill, uma das mais influentes e relevantes editoras de ficção científica da *New Wave* americana. Escrevendo na revista *Extrapolation* n.ºs 7 e 8 (Maio e Dezembro de 1966), num texto cujo título deixava já antever o cerne da questão e do seu desenvolvimento futuro – *What do you Mean: Science? Fiction?* – Merrill avança uma definição de Ficção Especulativa bastante próxima da de Heinlein e, se calhar, ainda mais descritiva do que a do primeiro Grand Master da FC. Tal como ele, Merrill começa por encarar a Ficção Especulativa como sendo uma de três categorias da Ficção Científica, a par das ‘Teaching Stories’ e das ‘Preaching Stories’ – cujo conceito não importa aqui aprofundar – e tal como Heinlein, Merrill exclui a aventura espacial e os westerns e aventuras

históricas transplantadas para cenários futuristas ou transplanetários. Assim sendo, a Ficção Especulativa seria constituída por aquelas “*histórias cujo objectivo é explorar, descobrir, aprender, através da projecção, extrapolação, analogia, formulação de hipóteses e experimentação-no-papel, algo sobre a natureza do universo, do homem, da ‘realidade’.* (...) *Sirvo-me aqui do termo ‘ficção especulativa’ especificamente para descrever o modo que faz uso do tradicional ‘método científico’ (observação, hipótese, experimentação) para examinar uma qualquer postulada aproximação à realidade, através da introdução de um conjunto de mudanças – imaginárias ou inventivas – no pano de fundo dos ‘factos conhecidos’, criando um ambiente no qual as respostas e percepções das personagens revelarão algo sobre as invenções, sobre as personagens ou sobre ambas.*”

Que mudou, então, no sentido do termo, de Heinlein para Merril? Ambos consideram os factos científicos como ponto de partida e limite essencial para o mundo imaginado (imaginário-mas-possível), e as consequências desse mundo alterado sobre as personagens como a essência da história. Mais, ambos coincidem na experimentação virtual como cerne da experiência literária da Ficção Científica. O que distingue, então, a definição de ambos?

A diferença é subtil mas essencial, e reside precisamente na definição de “mundo real” e de “factos científicos” – em suma, na definição de Ciência – a que ambos deitam mão. Embora os dois autores encarem a FC como a forma privilegiada de literatura para a Era da Ciência e da Técnica, Merril tem da Ciência uma perspectiva pós-moderna, quase me atreveria a dizer construtivista, em tudo semelhante às várias pseudo-ciências que emergiram dos anos 60: estudos (multi)culturais, estudos

feministas (e os mais ridículos *women studies*), aplicação das teses marxistas e freudianas à crítica literária, etc... Efectivamente, Merril escreve: “*A literatura de meados do século XX apenas pode ter significado na medida em que percebe, e se inter-ralacione, com a realidade estruturante da nossa cultura: a revolução no pensamento científico que substituiu a mecânica pela dinâmica, a classificação pela integração, o positivismo pela relatividade, as certezas pela probabilidade estatística, o dualismo pela paridade.*”

O Clima Cultural e Político

A confusão de Merril é patente mesmo a um leigo na matéria, reflectindo de forma quase exhaustiva o clima cultural da década de sessenta nos Estados Unidos da América, e particularmente a política cultural dos departamentos de Letras das várias Universidades, onde ao longo da década seguinte se viriam a refugiar os náufragos da grande experiência falhada dos sincréticos anos 60. A esquerda académica, genuinamente mobilizada pela Guerra do Vietname, pela emergência de considerações ambientais e pela justificada revolta pela oposição ao fim do segregacionismo racial, uma esquerda que pensou mudar o mundo com os protestos anti-bélicos, a postura anti-capitalista e anti-empresarial, e com as demonstrações de Paris de Maio de 68, viu-se atirada contra a realidade da Invasão de Praga pela União Soviética, pela brutalidade da Revolução Cultural Maoísta, pelos eventos em torno da Convenção Democrata de Chicago, e pelo encerramento sangrento da década do *flower power*, do LSD e de Woodstock. Perdida a batalha no plano do real, impunha-se definir essa realidade como arbitrária, como produto de uma coerciva convenção colectiva da qual urge libertar-se, como indefinível por uma única mundividência. A falência das suas ideias subjectivas podia apenas demonstrar que era a realidade que estava enganada.



Merril escrevia sob a declarada influência de Reginald Bretnor, particularmente do ensaio “*The Future of Science Fiction*”, incluído no volume *Modern Science Fiction*, e, tal como ele, defendia a emergência no curto prazo de uma literatura de ficção científica que, ainda que artisticamente em dívida para com a corrente literária da não-ficção científica (*non-science fiction*), seria uma forma de literatura integrada, e única forma de expressão da cultura ocidental do século XX. Nas palavras da própria Judith Merrill, essa ficção científica, ainda inexistente, viria colmatar, pela sua especial valia literária, a lacuna de uma tal forma de expressão na literatura contemporânea, mas, ao fazê-lo, “*deixaria de ser ‘ficção científica’, e tornar-se-ia simples literatura contemporânea*”, substituindo-se, assim, à literatura normalmente denominada *mainstream*.

E sem dúvida que qualquer apreciador da ficção científica, nesse ponto concreto, estaria de acordo com ela. Mas Merrill escrevia também num específico momento do desenvolvimento do género: no delbar da *New Wave* Britânica, que ela via como um movimento ainda embrionário mas já consciente, que se desenvolvia em torno da *New Worlds* de Michael Moorcock, e de Ballard, no campo da FC, e em torno de poetas como Dylan Thomas e Peter Redgrove, para dar origem a essa nova literatura, que deixaria para trás quer a ‘normal’ ficção científica, quer a literatura *mainstream*. Mas Ballard, profeta da *New Wave*, escrevia sob a perspectiva de que a Civilização Ocidental vivia os seus últimos dias, e assumia o sincretismo surrealista que o leva a antepor a sugestão sensorial ao racionalismo positivista, ou, como chegou a escrever Brian Aldiss, a ser “*descuidado com o factual*”. A Ciência em

si, era pouco relevante para a sua escrita, a não ser como espelho da loucura humana que gerara um mundo caótico e desestruturado. A Ciência não gera conhecimento, mas age apenas como criadora das paisagens apocalípticas onde o Homem se pode explorar a si mesmo; onde o Homem pode explorar o espaço interior.

A Importância da Ciência

Só que, tal como Merrill reconhecia, a Ciência é sem dúvida o mais importante instrumento do conhecimento humano, o elemento estruturante da nossa cultura e o único meio de que dispomos para nos aproximar o mais possível da verdade última das coisas. Recusando-lhe as características de objectividade e de instrumento de análise e estudo do real, Merrill abre as portas precisamente à confusão de Lilly e à vacuidade do corrente entendimento de Ficção Especulativa. David Bowlin, editor da revista *on-line* ShadowKeep (citado por Lilly), apresenta esta absurda definição: “*A Ficção Especulativa é um mundo criado por escritores, onde tudo pode acontecer. É um lugar que fica para lá da realidade, um lugar que nunca poderia ser, ou poderia ser, se as regras do Universo fossem apenas um bocadinho diferentes*”.

Quem lê Ficção Científica, sabe que esta é, por excelência, a única literatura capaz de dar voz ao progresso de uma forma de saber que foi a única que permitiu alcançar os feitos (ainda que com insíntos defeitos) do moderno mundo e cultura ocidentais. Só quem é ignorante da Ciência, ou quem duvide da centralidade do seu papel na criação de conhecimento humano e da descoberta da verdade, pode abdicar das regras do Universo que

ela nos permitiu descobrir como balizas da imaginação no particular jogo de extrapolação literária. São esses que preferem o termo Ficção Especulativa ao termo Ficção Científica.

A Ficção Científica é o único género que assume a poesia da descoberta e do conhecimento do Universo em todas as suas manifestações. Usualmente desprezada por antepor os *objectos* (*gadgets*, naves espaciais, monstros fantasistas) aos *sujeitos*, a FC sabe que sua é a voz de quem reconhece a imanente beleza do universo indiferente e das suas frias equações.

Num momento histórico em que a Ciência sofre o ataque de um relativismo cultural de consequências perigosas para a nossa cultura e sociedade, é à FC, e não à FE, que cumpre o papel de dar voz àqueles que fazem o trabalho do conhecimento; aqueles que Auden dizia que os poetas deixavam sem voz:

“Unfortunately poetry cannot celebrate them, because their deeds are concerned with things, not persons, and are, therefore, speechless.”

W.H. Auden, In *The Dyer's Hand*, “Poet and the City” (1963) **BANG!**



João Seixas autor e crítico literário, é uma das vozes mais activas na defesa da Ficção Científica em Portugal. Para além do exercício da advocacia, escreve frequentemente sobre Ficção Científica e Fantástico, tendo publicado artigos e ensaios nas revistas *Ler, Bang!*, *Paradoxo*, *Megalon*, no *Jornal Público* e em diversos sites. Editou várias antologias e, junto com Pedro Marques, fundou a editora Livros de Areia.

Bibliografia sumária:

CLUTE, John e NICHOLLS, Peter – *The Encyclopedia of Science Fiction*, St. Martin's Press, New York, 1995

DAWKINS, Richard – *Unweaving the Rainbow: Science, Delusion and the Appetite for Wonder*, Houghton Mifflin Company, New York, 1998 (sobretudo o capítulo 2, “*Drawing Room of Dukes*”, p.15-37)

GROSS, Paul R. & LEVITT, Norman – *Higher Superstition: The Academic Left and its Quarrels with Science*, The Johns Hopkins University Press, Baltimore, 1998

HEINLEIN, Robert A. – “On the Writing of Speculative Fiction”, in ESHBACH, Lloyd Arthur (Ed.), *Of Worlds Beyond*, Dobson Books, Ltd, London, 1965 (originalmente publicado em 1948)

HEINLEIN, Robert A. – “Science Fiction: Its Nature, Faults and Virtues”, in DAVENPORT, Basil (Ed.), *The Science Fiction Novel*, Advent Publishers, Chicago, 1974 (originalmente publicado em 1957)

HOLTON, Gerald – *Science and Anti-Science*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 1994 (2ª edição, sobretudo o capítulo 6, “*The Anti-Science Phenomenon*”, p.145-189)

LILLY, N. E. – “What is Speculative Fiction?”, *Green Tentacles*, www.greententacles.com/articles/5/26, 2002, acedido em 26 de Junho de 2013

MERRIL, Judith – “What do you Mean: Science? Fiction?”, in CLARESON, Thomas D. (Ed.), *SF: The Other Side of Realism – Essays on Modern Fantasy and Science Fiction*, Bowling Green University Popular Press, Bowling Green, Ohio, 1971 (ensaio original de 1966)

SMITH, John Maynard – “Tinkering”, *London Review of Books*, September 1981, in *Did Darwin Get it Right? – Essays on Games, Sex and Evolution*, Penguin Books, London, 1993

CONTOS BREVES



A Libélula não se chega por estradas. Não existem caminhos nem placas que lá conduzam. Libélula está em todos os sítios e a todos os momentos. Em esquinas, avenidas, ruelas. Em mares e desertos. Em tardes de sol, crepúsculos frios, noites amenas. Uma cidade invisível nas nossas terras concretas. Uma cidade com a delicadeza robusta de um insecto.

Quem a penetra deve fazê-lo sem expectativas e sem roteiros. Não há forma de saber se Libélula lhe oferecerá cavernas, palácios, fossas ou ribeiros. A cada visita a cidade mostra-se igual e diversa. Talvez o forasteiro lhe encontre os edifícios de ametista, as estradas de água, as florestas de papoilas e corais. Talvez descubra apenas os bairros urbanos plenos de gente estranha e comum, de rostos desconhecidos, mudados pouco a pouco até se parecerem afinal com quem sempre conhecemos. Porque Libélula é mutável e se transforma com as histórias que lhe trazem e que por lá deixam. Porque Libélula se transfigura a cada olhar e a cada dia novo se distende.

Libélula está cheia de mulheres inventadas e homens ficcionados, e também daqueles que existiram e foram vertidos em palavra. A cidade é um mundo em perpétuo movimento, mundano e extraordinário, feito de todas as narrativas de todos os tempos, dos nossos contos, livros e poemas.

Quando se sai de Libélula, vem-se com ela nos passos. E assim se a leva a novos espaços. **BANG!**

UMA CIDADE PARA CALVINO POR INÊS BOTELHO



Inês Botelho nasceu em Vila Nova de Gaia em Agosto de 1986.

Licenciada em Biologia, iniciou em 2009 um Mestrado em Estudo Anglo-Americanos. Completou o 8º grau de Piano e Formação Musical. É autora da trilogia de fantástico "O Ceptro de Aertzis", composta por "A Filha dos Mundos" (2003), "A Senhora da Noite e das Brumas" (2004) e "A Rainha das Terras da Luz" (2005). Publicou ainda os romances "Prelúdio" (2007) e "O passado que seremos" (2010).

POR FERNANDO LOBO PIMENTEL

NÚMERO 637

Tinha sido uma decisão difícil.

É verdade que raramente me dirigia palavra, que vivia no seu próprio mundo, e que a nossa relação era para ele uma questão meramente matemática. Mas um filho é um filho, e este era o único que eu tinha.

Para os médicos, não havia nada a fazer por aqui. Ninguém seria capaz de lhe dar uma consciência da sua própria identidade. O meu filho era sobredotado, mas não sabia quem era.

Acabei por reconhecer que não havia outra hipótese. Ficaria anos sem saber dele. Hoje não me arrependo. Ele não voltou, mas encontro consolo na mensagem que me fez chegar.

“Pai, escrevo-te do planeta dos números. Aqui, tudo o que acontece tem uma certa correspondência com a vida na Terra. Os seres deste planeta evoluíram de modo semelhante à espécie humana. Existem no entanto algumas diferenças.

Todos os anos, no planeta dos números, organiza-se uma corrida especial. É um momento importante para a vida dos seres, em que se determina o nome com que vão iniciar a vida adulta. O número Um é atribuído ao primeiro ser a cortar a linha da meta, o número Dois ao concorrente seguinte, e assim sucessivamente, até ao último ser a chegar.

O nome de um ser tem um grande significado neste planeta, e cada corrida é antecedida de uma longa preparação individual. O esforço culmina em manifestações de júbilo durante a cerimónia de graduação, sobretudo por parte dos seres que ficam com os primeiros números.

Um número mais baixo denota simbolicamente uma posição de destaque na hierarquia social, uma vez que os seres mais antigos do planeta - os anciãos - têm nomes correspondentes a números mais baixos que a maioria dos seres. Existem outras formas de avançar e retroceder simbolicamente na escala social, através de operações complicadas chamadas adição ou subtração, mas reduzir uma unidade por ano corresponde em média ao ritmo de ascensão social dos números. A posição inicial em que se parte é por isso de grande importância para as aspirações de um ser, e a entrega do prémio para o melhor classificado é sempre feita por um ancião número Um.

Há alguns anos, porém, apareceu um ancião número Um (que no início da sua vida adulta se tinha visto obrigado a começar com um número muito elevado) a sugerir algo diferente. Ele achava que não era o primeiro concorrente a cortar a meta aquele que devia ser distinguido, por não haver nada de especial nesse lugar.

Perante uma plateia de números atentos o ancião explicou o

seu ponto de vista. Se o sonho de todos os seres era a hipótese de chegar em primeiro, existindo apenas um prémio o ser distinguido devia ser o segundo. Era este o único lugar indispensável a que o primeiro classificado não fosse o último. Poderiam faltar o terceiro, o quarto, ou qualquer outro lugar a seguir, mas desde que houvesse dois concorrentes continuaria a existir um primeiro classificado, distinto do último.

Aquela ideia foi causa de burburinho na assembleia da organização. O planeta é governado por critérios rigorosos e raramente as coisas são postas em causa. Foi por isso com alguma surpresa que, após a votação prevista na constituição, a proposta do ancião foi aprovada.

Nesse ano histórico, ao primeiro classificado na prova foi atribuído o número Dois, enquanto o segundo ficou com o número Um e o prémio, que era uma medalha.

Espero que ainda me estejas a seguir pai.

No ano seguinte, perante a assembleia da organização da corrida anual dos números, alguns anciãos irreverentes juntaram-se e fizeram uma proposta ainda mais arrojada. Tal como o primeiro classificado seria o último sem o segundo, o segundo seria o último sem o terceiro, o terceiro seria o último se não houvesse o quarto e assim por diante. Afinal, o que ditava a importância de um lugar não eram só os que chegavam antes, mas também os que chegavam depois. Entusiasmados pela possibilidade de todos os concorrentes (com exceção do primeiro) terem direito ao prémio e ao número Um na prova, a maioria dos anciãos aprovou esta medida.

A corrida desse ano foi uma grande festa, mas trouxe algumas surpresas. Quando a organização fez as contas, deparou-se com uma falta generalizada de produtos no planeta. A população deste planeta não é especialista no fabrico de medalhas, e o tempo gasto nesta atividade fez falta a alguns seres para o cumprimento de deveres mais importantes. Além disso, houve um contratempo muito sério na cerimónia de entrega dos prémios: sempre que se ouvia chamar “número Um”, os seres acorriam todos em simultâneo atropelando-se uns aos outros.

E a partir daqui, tudo voltou a ser como dantes na organização da prova.

Algo mudou, no entanto, no processo de atribuição de nomes no planeta. Teve início uma nova era. Os seres pareciam ter descoberto que cada posição e cada nome eram importantes. Alguns seres passaram a correr de maneira diferente. Corriam com entusiasmo, mas faziam-no como se procurassem qualquer coisa desconhecida, qualquer coisa que não era o primeiro lugar. Às vezes, os seres terminavam ao lado uns dos outros. Queriam ter nomes próximos e começar a vida adulta em conjunto.

E finalmente, aquilo que gostarás de saber. Na corrida deste ano, eu próprio, quando cheguei ao fim e ouvi a minha classificação - «Número 637!», percebi que aquele número queria dizer uma coisa diferente de tudo aquilo que eu conhecia até então. Aquele número era eu próprio.” **BANG!**



Nascido em 1971, casado e pai de três filhos, Fernando Lobo Pimentel interessa-se por livros desde as recorrentes crises de asma infantil, que o mantinham preso à cama. Alguns anos depois, na faculdade, tentou escrever a sua primeira história. Desde então publicou alguns textos no extinto DN Jovem e, mais recentemente, no jornal “O conto fantástico”. A par do seu interesse pela escrita criativa, e do trabalho em sistemas de informação, desenvolve um projeto amador de investigação em matemática discreta.



COPY PASTE



POR JORGE PALINHOS

O homem com o saco grande saiu pela porta da joalheria a correr e deparou-se com uma rua cheia de peões. Alguns caminhavam apressados, outros tinham parado, atraídos pelo alarme que tocava na loja. O homem do saco não hesitou e desviou-se de um homem grande, de uma mulher que se encolheu, de um casal jovem: todos eles parados, perplexos ou a desviarem-se à pressa, com medo. Eu fui o único que dei um passo para frente – ainda não entendo porque o fiz – do homem do saco, que era um homem corpulento com um rosto asiático delgado.

Ele chocou contra mim, e eu senti o queixo macio dele contra o meu nariz, os ombros e as coxas duros contra o meu corpo franzino. O homem deixou cair o saco ao chão, que, tilintando, rebolou pelo chão e derramou um fio de anéis, correntes de ouro, tiaras e pedras preciosas pelo chão de cimento.

O rosto asiático contorceu-se num esgar de fúria e o homem agarrou-me pelos ombros, com toda a facilidade, e empurrou-me para o lado. Mais por instinto do que por coragem, estiquei os braços e agarrei-me ao pescoço e à cara dele para não cair. Senti-lhe o pescoço musculado com uma das mãos, e com os dedos da outra palpei uma superfície semirrígida e esponjosa no rosto, que se deformou e, para meu espanto, se rasgou do resto da cara, que ficou sem nariz e sem parte da bochecha. Debaixo desse rasgão surgia agora outro rosto, com um outro nariz e uma outra face, que observava o meu espanto com um esgar de fúria.

Aproveitando o meu espanto e o meu desequilíbrio, o homem empurrou-me outra vez, e eu caí desamparado no chão, com a minha nuca a ressaltar o piso. Senti luzes a pairarem-me dentro do crânio e o céu e as cabeças em redor a rodarem à minha volta como um carrossel. Mas, no meio da tontura e das cabeças, vi ainda o rosto rasgado encarar-me com mal-

dade, a levantar um punho que segurava um telemóvel com lente fotográfica e a fotografar-me.

Depois fugiu, penso, pois ninguém o tornou a ver, muito menos eu que perdi os sentidos.

Quando a polícia finalmente chegou, fui visto por um médico que declarou que eu não tinha nada a não ser nódoas negras. Prestei todas as informações de que me lembrava, descrevendo o rosto que entrevira da cara que agora sabia ser falsa. Disse-me um agente que o mais provável era que aquele rosto fosse impresso digitalmente através de um sistema de prototipagem, e aplicado depois sobre o rosto verdadeiro.

Graças à minha descrição, detiveram vários suspeitos, que foram identificados e colocados em linha, para que eu apontasse se algum deles era o assaltante da joalheria.

Na altura, lembro-me, pensei como devia ser humilhante estar num corredor estreito, sob uma luz forte, a ser examinado por desconhecidos invisíveis. Agora posso confirmar essa impressão, pois estou eu próprio numa dessas linhas de identificação.

É que alguns dias depois, os jornais, a televisão e a internet estavam cheios de fotografias de um grande assalto a uma joalheria numa cidade próxima.

O assaltante tinha sido captado pelas câmaras de vigilância, e pelas câmaras de alguns transeuntes. E o rosto que surgia em todas essas fotografias era o meu próprio rosto. Tão igual que eu próprio o reconheci, embora também reconhecesse que o corpo que a minha face agora coroava era alto e musculado como o do assaltante contra quem chocara.

E, infelizmente, ninguém se tinha lembrado de tentar arrancar o meu rosto daquela cabeça, para tentar encontrar a face escura que continuava a levar a sua vida debaixo das caras de outras pessoas. **BANG!**



A ESTRELA

POR JORGE PALINHOS

Somos devotos dos céus e é a terra que nos guia. Em cada mover das estações repetimos os mesmos gestos, os mesmos caminhos e os mesmos ritos. Levamos as nossas casas para os prados e as clareiras que nos aconchegam a nós e aos nossos animais. Quando o cuco canta, quando a lebre ergue o focinho e a estrela alba se levanta sobre a serra, pegamos nos nossos animais e nas nossas capas e levamo-los lá para o alto dos montes, onde o vento chicoteia, a erva ainda verdeja e as estreitas malhadas são o nosso único consolo.

E quando as árvores ficam despidas, quando o lobo desaparece na terra e o urso se enrola para regressar aos seus sonhos, voltamos a descer aos vales, saudosos da terra plana, temerosos das chuvas, dos gelos e dos ventos que são os nossos senhores das serranias. Nas nossas casas cá de baixo abrigamos os nossos rebanhos em redis, protegidos sob os ramos que colhemos e esticamos por entre colunas feitas de troncos de árvore.

Somos gratos às estrelas, somos gratos aos montes, adoramos as fragas que os nossos animais trepam e do cimo dos quais contemplam as pradarias imensas. Tememos o lobo e o lince e o frio que assobia pelos soutos e pelos olivais, que nos rouba os cabritos e os filhos numa selvajaria de sangue e dor.

Fazemos isto há gerações: disse-mo o meu avô que o fazia desde jovem, e que o seu avô lhe dissera que o fazia desde jovem quando a terra era conquistada aos leões, e que o avô do seu avô lhe dissera que o fazia desde jovem quando vira a primeira idade dos carvalhos, e que o avô do avô do seu avô lhe dissera que o fazia desde jovem quando vira Epona moldar o granito com os próprios cascos, e que o avô do avô do avô do seu avô lhe dissera que o fazia desde jovem quando fora beijado na face por Ataegina. E tal como todos os meus avôs mo disseram, através das bocas uns dos outros, eu também to digo a ti, meu neto, para que as minhas palavras possam chegar aos teus netos, e aos netos dos teus netos, até que o Grande Urso nos devore a

todos e não reste na terra senão a pedra e o silêncio.

Mas tenho medo, neto, que estas palavras de saber não cheguem tão longe no mundo. Homens chegaram, e esses homens ergueram pedras e arbustos em volta de prados e clareiras e ribeiros, e dizem-nos agora que nós e os nossos animais já não podemos caminhar por eles para receber a oferenda de Nantosvelta. Estes são homens estranhos e maldosos, que não deixam a terra aos seus animais, mas que preferem atacar essa mesma terra com lanças, com machados e com outras armas de lâmina afiada para tentar roubar o tesouro da deusa. Alguns dos nossos jovens querem erguer os machados e as espadas contra estes assaltantes da terra, mas eu digo-lhes que tenham confiança, que tenham paciência, pois a própria deusa vingará-se dando-lhes a maldição dos ratos, da peste e da fome.

Só que esta não é a única sombra nas nossas vidas. Do alto dos montes, Crougu e outros dos nossos, cuja vista é ainda fresca como a do falcão, trazem novas de que viram mais homens a caminhar para cá vindos da terra de onde o sol corre para os céus. Dizem que são muitos homens, que caminham uns ao lados dos outros, tal como caminham as nossas cabras e as nossas ovelhas, mas que ao contrário dos nossos animais se cobrem com penas e com ferro reluzente, e trazem nos punhos mais lanças, mais espadas, mais escudos.

É isso que mais temo, meu neto: que em breve, ainda antes de a estrela se ter levantado sobre a serra, seja aquela o nosso único lugar, a única terra que nos esconde, que nos acolhe, que nos protege, a única que fará com que a minha voz, que carrega tantas vozes continue a chegar aos ouvidos do amanhã. **BANG!**

O ARTISTA DE GATOS

DE

POR JORGE PALINHOS

O mundo é um lugar melhor a partir do momento em que nele existem pintores de gatos como Joseph Ricard.

Ninguém dúvida de que é o mais talentoso retratista de gatos da sua geração. Os seus clientes fiéis contratam-no para retratar os bichanos da família: a sós, em grupo, com os donos, ou em poses de um bem-humorado encanto. E é ainda autor de imaginativas telas de gatos, em que estes surgem a andar apenas nas patas traseiras, apoiados em bengalas, a espreitar por entre flores, a abrigarem-se debaixo de guarda-chuvas, a jogar ténis, a piscar o olho, a usar laço e cartola, a tocar banjo, a tomar chá, a dormir, a brincar com crianças, aves e borboletas, a conduzir carros, e outros comportamentos que muito divertem os apreciadores dos seus quadros e deram ao seu nome a fama que é tão bem merecida.

É, por isso, triste, que tal talento pareça estar a ser afetado por uma estranha doença que faz com que os seus gatos se pareçam cada vez mais com sinais de trânsito. O próprio pintor afirma que não vê qualquer diferença entre os seus anteriores quadros e as suas obras mais recentes, mas a sua última exposição sofreu uma perda acentuada de visitantes após as enchentes dos primeiros dias, com o público a manifestar choque e indignação por se ver confrontado com quadros de gatos vermelhos com um retângulo no lugar dos olhos, como se fossem um sentido proibido, ou com um foinho triangular vermelho e branco, qual sinal de perigo, ou com antenas, como o corço que é representado no aviso de animais na via. Alguns gatos eram tão abstratos que havia quem jurasse que se assemelhavam às tabuletas de património histórico. Redondos, vermelhos, multicolores, com halos, em forma de losangos, por vezes desfeitos em flores e frutos, ou a brilhar na escuridão com uma malignidade aterradora, os gatos da exposição geraram respostas

intensas por parte do público, fosse de indignação, protesto e até alguns desmaios entre as almas sensíveis. Muita gente mostrou desapontamento por não encontrar as encantadoras cenas domésticas com que o artista se tornara conhecido, e até alguns apreciadores mais irritados reclamaram junto do artista, com uns, mais jocosos, a submeterem até uma queixa na sociedade protetora dos animais por atentado ao direito de imagem dos gatos. E o próprio conhecido crítico de arte felídea, Richard Banquo, não hesitou em apontar a exposição como mais um exemplo da imparável decadência que esta arte tem vindo a sofrer.

E, no entanto, os próprios gatos – os verdadeiros – a quem tinha sido dada a oportunidade de visitarem a exposição, não mostraram qualquer sinal de medo, inquietação ou indignação perante os quadros. Pelo contrário, mostraram-se compostos, atentos, e observaram os vários retratos expostos com uma indiferença fria, com alguns a aproveitarem o tempo para dormir ou limpar o pelo reluzente.

BANG!



Jorge Palinhos nasceu em 1977. Colaborou com o Jornal Universitário do Porto, as revistas 365, aguasfurtadas e Drama. Escreveu peças de teatro apresentadas em Portugal e no Brasil, pelas quais recebeu o prémio INATEL – Miguel Rovisco e o Prémio Manuel Deniz-Jacinto. Escreveu guiões de curtas-metragens de animação e imagem real e de duas séries para a internet. Participou ainda nas antologias “More Tales of Terror”, editada nos Estados Unidos por Pagan Publishing, e “Almanaque do Dr. Thackery T. Lamshead de Doenças Excêntricas e Desacreditadas”, editado pela Saída de Emergência.

«The Future's a Thing of the Past»
The Creative Partnership (2006)

As

C
I
D
A
D
E
S

na

F
I
C
Ç
Ã
O

C
I
E
N
T
Í
F
I
C
A

ep
i
s
ó
d
i
o

#2:

O

C
O

N
T

E
X

T
O

E
U
R
O
P
E
U

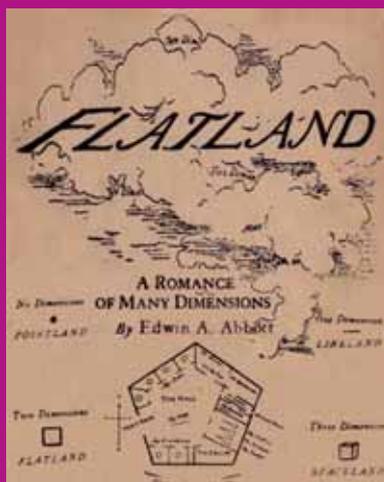
por João
Rosmaninho

Desde meados do século XIX que, na ficção científica (fc) em geral, algumas das cidades europeias servem de fundo a inúmeros temas e contextos, tantos quantos falta ainda explorar. Obras como *Welt am Draht* (1973), de Reiner Werner Fassbinder, ou *Until the End of the World* (1991), de Wim Wenders, por exemplo, chegam a percorrer várias cidades do continente para se desenvolverem enquanto narrativas. Entre Colónia, Munique, Paris, Londres, Berlim, Moscovo, Veneza ou Lisboa, cada uma destas urbes é caracterizada pelo encanto que sobre ela exercem distintas visões. O primeiro filme segue uma hipótese de simulação do real, o segundo, projectando o ano de 1999, segue uma hipótese de memorização do real. Neste artigo, o segundo da série, viajaremos apenas por três capitais europeias, partindo das suas ficções de futuro.

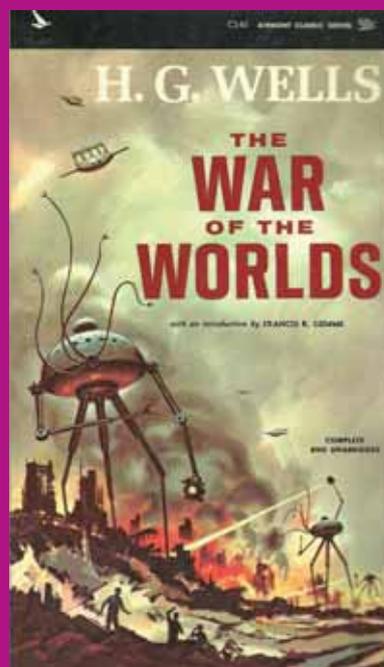
Londres

Desde há séculos que Londres acolhe e interpela tanto a história e teoria quanto o futuro e prática da arquitetura. No arranque do século XIX, a capital do Reino Unido é a única cidade europeia cuja população urbana excede 1 milhão de habitantes. Passados 100 anos, no início do século XX, a sua população aumentara 6 vezes, atingindo uma densidade insustentável em algumas zonas da cidade. Em um século, Londres cresce tanto associada às inovações tecnológicas como o vapor ou a electricidade quanto utiliza novos materiais para a construção como o ferro e o vidro. Ao mesmo tempo, aumentam as inquietações sobre uma sociedade que se mantém desequilibrada e, maioritariamente, pobre mesmo que aparente novas necessidades e expectativas. Perante uma urbe cada vez mais pesada e industrializada, a ficção especulativa surge como fuga justa e possível. Nesse seguimento, cresce uma literatura que apresenta novos e outros futuros todavia ancorados a episódios e contextos reconhecíveis. De certo modo e por princípio, a ficção mais não faz do que expor afinidades de um presente formulando hipóteses para as suas projecções. Talvez não seja por acaso que alguns dos escritores mais referenciados daquela época sejam britânicos categorizáveis como autores ligados à ficção. Essencialmente na segunda metade do oitocentos, nomes como os de Mary Shelley, Richard Jefferies, Edwin Abbott, George Griffith, ou H. G. Wells, representam a cidade segundo visões de um futuro diferente permitindo que, durante o período vitoriano,² a ficção ganhe popularidade e preponderância crítica enquanto género literário moderno. A literatura e a realidade parecem ressoar entre si e com fundação naquela cidade.

Na década de 1880, *Flatland* (1884), do matemático e teólogo Edwin Abbott, e *After London; or, Wild England* (1885), de Richard Jefferies, introduzem leituras opostas sobre um mesmo campo urbano: o primeiro, de modo abstracto e longe de referências ou contextos reais; o segundo, de modo animal e próximo de circunstâncias locais. *Flatland* é um caso de total refúgio na geometria (descritiva) para o desenvolvimento de uma caricatura de costumes e espaços, *After London* é um caso explícito de humanidade sob con-



Flatland de Edwin Abbott
(1884)



The War of the Worlds de H.G. Wells
(1898)



Brave New World de Aldous Huxley
(1932)

dição pós-apocalíptica, reduzida àquela cidade.

No final da década de 1890, *The War of the Worlds* (1898), de H. G. Wells, continua o desenvolvimento de imaginários para a capital britânica e a sua periferia (nas cidades-satélite de Shepperton ou Richmond). Nessa obra, a área metropolitana londrina é sugerida naquele presente como palco de lutas entre insectos gigantes extraterrestres e militares do império britânico. No ano seguinte, em *When the Sleeper Awakes* (1899), do mesmo autor, a mesma área projecta-se para o ano de 2102 reconhecendo a cidade como uma metrópole congestionada e densamente povoada.

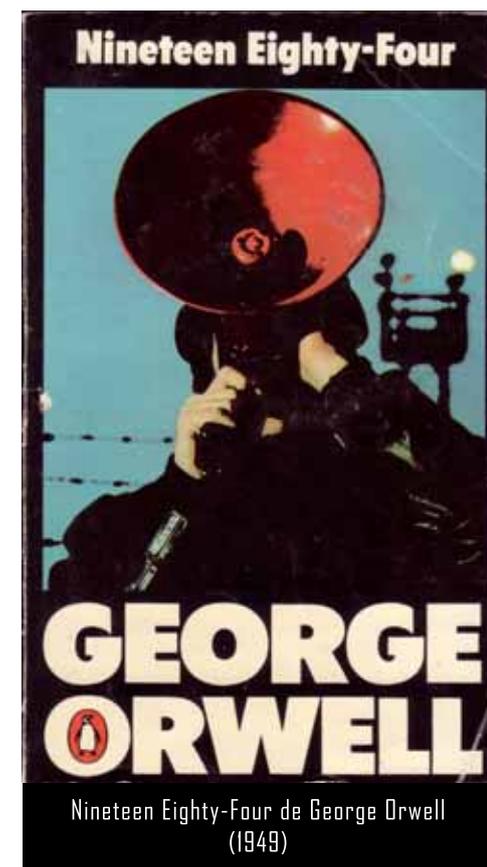
Durante as décadas de 1920 e 1930, no período entre Guerras, o futuro ganha carácter de reflexão social e política. A constante tendência para uma visão de conflito em Londres não será apenas coincidência. *High Treason* (1929), de Maurice Elvey, considerado o maior filme de ficção britânico da era sem som, coloca a cidade na década de 1950 (na sua última versão) perante um cenário de choque entre duas potências globais: os *United States of Europe* e o *Empire of the Atlantic States*. Se a primeira é uma espécie de federação territorial europeia (talvez semelhantes à actual constituição europeia), a segunda é a soma política dos continentes Americanos.

Do fascínio *hard* pela técnica e progresso tecnológico evidenciado no último quartel oitocentista, as narrativas passam para uma outra preocupação *soft* de revisão humanista. Ainda assim, a obra *Brave New World* (1932), de Aldous Huxley, parece conjugar as duas posições. Partindo de uma hipótese de automatização (ou aperfeiçoamento das características humanas) com lugar em laboratórios, e assente numa dialéctica territorial balanceada entre civilização e barbárie, *Brave New World* situa o projecto humano e urbano em 2542 (numa era pós-Ford), perante uma época de total reprodução assistida. No ano seguinte é publicado *The Shape of Things to Come* (1933), novamente o mestre Wells, uma obra que está na origem do filme *Things to Come* (1936), de William Cameron Menzies. O cenário de tensão armada entre potências e aliados explora decisivamente a dialéctica entre cidade e campo através do eufemismo *Everytown* (tal como vem nos intertítulos). No entanto não é difícil reconhecer alguns

objectos arquitectónicos como a *Saint Paul's Cathedral* e deixar de associar essa *Cidade-Qualquer* a Londres. A narrativa acontece num intervalo entre aquela contemporaneidade e uma outra a cerca de 100 anos de distância, em 2036.

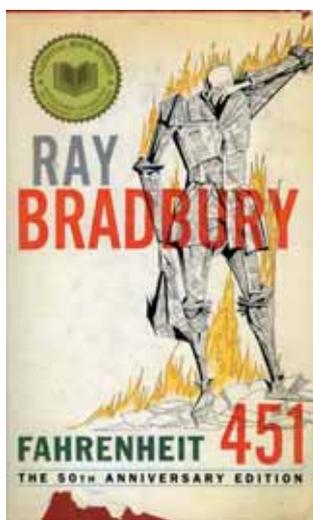
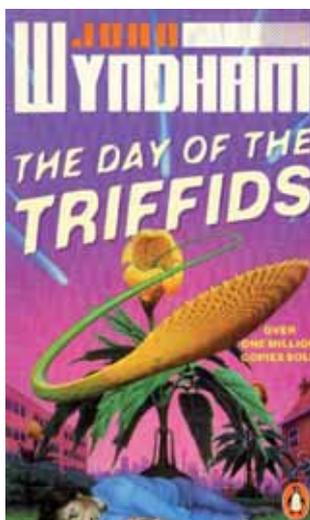
Já na década de 1940, no pós-Guerra, é publicado *Nineteen Eighty-Four* (1949), de George Orwell.³ Londres divide-se entre zonas do *Partido* e do operariado, resumindo-se qualquer uso de espaço a uma aparente nulidade.⁴ Os ecrãs que difundem o *Big Brother*, por exemplo, fazem-no tanto no espaço público como no privado, transformando um simples dispositivo televisivo em experiência espacial intimidatória e de vigilância permanente.⁵ Neste livro fundamental, a noção de Estado altera sem reservas a concretização e construção de uma cidade, revelando tanto a fragilidade moderna de um governo totalitário quanto a proximidade de uma liberdade reduzida a partir do simples branqueamento da história.

Após esta fixação distópica, nos anos 1950, novos sentidos são equacionados e colocados em causa. No lado da ficção, em *The Day of the Triffids* (1951), de John Wyndham, há uma cidade em colapso absoluto após uma crise virulenta que cega quase todos os habitantes. No filme *The Quatermass Xperiment* (1955), de Val Guest, uma adaptação



para cinema de uma série-Z televisiva, há uma cidade em estado de horror latente. Reconhece-se, de resto, o cruzamento da narrativa com lugares comuns como a *Westminster Abbey*. No lado da arquitectura, Londres cresce ligada à experiência de redefinição de cidade a par de uma revisão do espaço doméstico. No primeiro caso, são construídos projectos de habitação plural e colectiva como os conjuntos *George Loveless House* e *James Hammett House* (1957), na zona Nordeste de

Londres, ou *Alton Estate* (1956-1959), na zona Sudoeste da cidade, em Roehampton. Ambos filmados, trata-se de conjuntos de edifícios de aspecto brutalista e neo-corbusiano, respectivamente. Os blocos *George Loveless House* e *James Hammett*, da autoria de Skinner, Bailey & Lubetkin, com planta em forma de Y, surgem numa das *promenades* urbanas de *Children of Men* (2006), de Alfonso Cuarón. Os blocos de *Alton Estate*, desenvolvidos pelo London County Council Architects Dept., são um loteamento utilizado em *Fahrenheit 451* (1966), de François Truffaut, na adaptação para cinema da magna obra *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury. Se no primeiro caso, os edifícios servem uma cidade poluída e em literal fim de vida, no segundo caso, servem uma cidade jardim

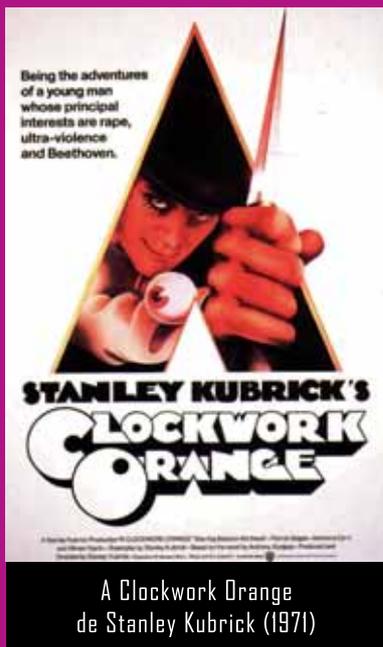


e em literal fim de cultura. No segundo caso e longe de um sentido convencional sobre o habitar, a proposta da *House of the Future* (1956), desenvolvida pelo casal de arquitectos Alison e Peter Smithson e exposta na *The Ideal Home Exhibition*, inverte algumas das abordagens correntes de espaço doméstico unifamiliar.

Na década de 1960, a *swinging London* não se faz reconhecer na fc. *The Drowned World* (1962), de J. G. Ballard, imerge as toponímias da cidade no Atlântico apesar de manter algumas referências geográficas. Situada após um desastre ambiental em meados do Século xxii, Londres transforma-se em pântano tropical irreconhecível.

Durante a década de 1970, a violência parece regressar com outro corpo e sentido. Em *A Clockwork Orange* (1971),⁷ de Stanley Kubrick, a cidade aparece representada em espaços como o *Flat Block Marina* e o *Binsey Walk*, ambos em Thamesmead, colocando o protagonista Alex em circunstâncias de brutalidade extrema. Neste ponto, parece a ficção ter transpirado para a realidade, já que o projecto de *Thamesmead Estate* (1963-1971), de Robert Rigg and GLC, se encontra actualmente em análise para a respectiva reformulação ou demolição devido a problemas de violência como aqueles representados no filme de Kubrick. Apesar de tudo, nestes anos, o mesmo Ballard e Anthony Burgess criam novas afinidades com a cidade. Obras como *Concrete Island* (1974) ou *1985* (1978), de um e outro autor respectivamente, parecem premonições sobre aquele território de betão e auto-estradas, para além de voltarem a colocar Londres sob uma espécie de alçada disciplinar.

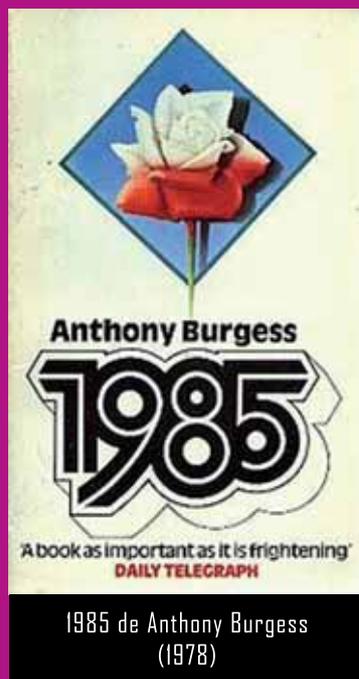
Neste seguimento, os anos 1980 são tempos propícios a experiências de ilegalidade, memória e vigilância. Na verdade, tratando-se de uma década politicamente hostil, sob um governo ultra-conservador como o de Margaret Thatcher, aumenta a discussão sobre o espaço público tão só por se pretender privatizá-lo a qualquer preço. No conto *The Gernsback Continuum*⁸ (1981), de William Gibson, lança-se a proposta de uma realidade alternativa a partir de lugares londrinos menos institucionais como bares *bas-fond*, na *Battersea Park Road*, ocupados por indigentes e exilados. Parker, o protagonista, um fotógrafo de arquitectura, deixa de se reconhecer entre o que experiencia e fotografa. Na novela gráfica *V for Vendetta*⁹



A Clockwork Orange
de Stanley Kubrick (1971)



Concrete Island
de J.G. Ballard (1974)



1985 de Anthony Burgess
(1978)

(1982-1988), de Alan Moore e David Lloyd, V (o protagonista mascarado de Guy Fawkes) vive afastado da superfície da cidade, em catacumbas debaixo das ruas, e com o propósito de, entre outras estruturas arquitectónicas representativas de poder, destruir o *Old Bailey*. Com a narrativa localizada em 1997, V habita uma rede de *metro* obsoleta ao lado de fundações e estruturas cavernosas, o seu abrigo é uma galeria subterrânea abobadada, desenhada e ilustrada como um imenso *cabinet de curiosités*. V é uma espécie de nobre respigador de memórias cujo valor e significado se perdera.

Já na última década do século xx, introduz-se novamente o problema de ordem distópica que é a desolação de um lugar sem gente. A adaptação ao cinema de *The Children of Men* (1992), da escritora P. D. James (e cuja acção original decorre, na maioria, na cidade de Oxford e na Isle of Man, entre Janeiro e Outubro de 2021), acusa a interferência em alguns lugares garantindo a fragmentação do tecido urbano mas mantendo as suas iconografias. O tema é o de um confronto derradeiro entre a humanidade e o território que a sustenta: a infertilidade afecta todo o planeta. Aparentemente não há futuro, na tradição literária britânica burguesa de Mary Shelley e *punk* da banda Sex Pistols. No caso da versão cinematográfica, realizada por Cuarón, a apropriação da cidade de Londres no ano de 2027 é ainda mais sintomática. Sem lei nem ordem, a cidade e o estado social encontram-se em excesso de sujidade e destroços. Acrescenta ainda Slavoj Zizek que, sobre a sobreposição visual de campos para a explicação da narrativa, a cidade acontece *tangencialmente*, acompanhando ela própria a acção e o movimento contínuo das personagens. É de lembrar, por exemplo, a sequência de chegada do protagonista Théo Faron à icónica *Battersea Power Station* (1929-1935), projectada por S. Leonard Pearce e Gilbert Scott, após uma entrada automóvel pela sobredimensionada *Millennium Bridge* (2000-2002), de Arup, Foster & Partners, e Anthony Caro. Aquilo que é uma impossibilidade real resulta como alavanca visual subtil. Nesse processo de total remontagem geográfica, o exterior da *Battersea Power Station* substitui, na margem e a eixo com a ponte, a actual *Tate Modern* (2000); mesmo que o interior representado seja a espaços da *Turbine Hall*, da *Tate*.¹⁰

Na primeira década do XXI, o tema

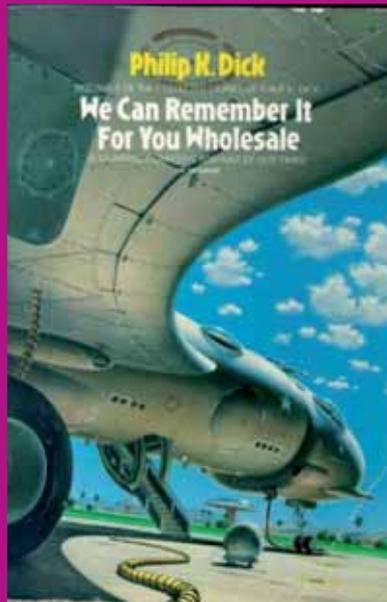
de *final de festa* antecipado tem ainda expressão imagética em *28 Days Later* (2002), de Danny Boyle. Basta lembrar os percursos nos quais o protagonista Jim aparece sozinho perante a cidade, na *Westminster Bridge*, por exemplo, com o relógio e a torre do *Big Ben* em segundo plano. Nesse filme não estará em causa necessariamente um futuro projectado mas sim um tempo presente sob uma perturbação com a forma de um vírus a resumir a existência e experiência humanas a poucas hipóteses e bastante animalidade sanguínea.

Para a década de 2010, resta mencionar o exemplo de um *remake* desperdiçado. O filme *Total Recall* (2012), de Len Wiseman, substitui a colónia e a metrópole originais de *We Can Remember It for You Wholesale* (1966), o conto de Philip K. Dick, pela Austrália e pela *United Federation of Britain*, respectivamente, tendo esta última o seu centro em Londres.

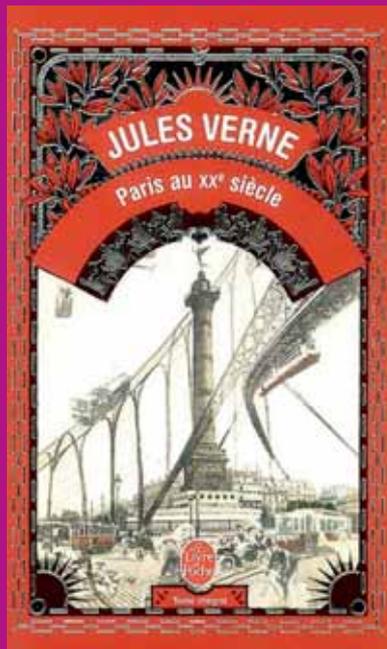
Paris

Voltando ao Século XIX e atravessando o Canal da Mancha, Paris torna-se crível para Jules Verne na hipótese de *Paris au XX^e Siècle* (1863). Inventando um futuro para a cidade-luz na década de 1960, Verne vê a obra primeiro recusada pelo seu editor (por se tratar de um texto aparentemente menor quanto ao género fantástico) e depois perdida.¹¹ Basicamente, trata-se de uma ideia de visão futura da cidade caracterizada pela inovação e desenvolvimento industriais. Contudo, esta não será a primeira obra de ficção com acção em Paris. *L'An Deux Mille Quarante* (c. 1771), de Louis-Sébastien Mercier, coloca a cidade no Século XXV atribuindo-lhe novas formas e dispositivos, como se prova no seu *Capítulo VIII: Le Nouveau Paris*.

O *fin-de-Siècle* oitocentista é, de facto, particularmente rico em obras, autores e acontecimentos na *Capital do Século XIX*. Em *Le Vingtième Siècle: la Vie Électrique* (1883-1890), de Albert Robida, a capital francesa é localizada na década de 1950, evidenciando uma apetência invulgar pela técnica e imagética eléctricas. Quase contemporâneas à obra de Robida, em 1889 e 1900, acontecem as *Exposições Universais* na cidade, concretizações proto-ficcionais de alguns desejos daquele presente. São, de resto, conhecidos os projectos apresentados de equipamentos, estruturas e decisões



We Can Remember It for You Wholesale de Philip K. Dick (1966)



Paris au XX^e Siècle de Jules Verne (1863)



L'Inhumaine de Marcel L'Herbier (1924)

apoiadas na electricidade como as diversas tipologias de panorama e projecções cinemáticas, o próprio *Palais de l'Électricité*, desenhado por Eugène Hénard e Edmond Paulin, ou a subida de elevador ao topo da *Torre Eiffel* (1900), registada em filme por Thomas Edison e James H. White.

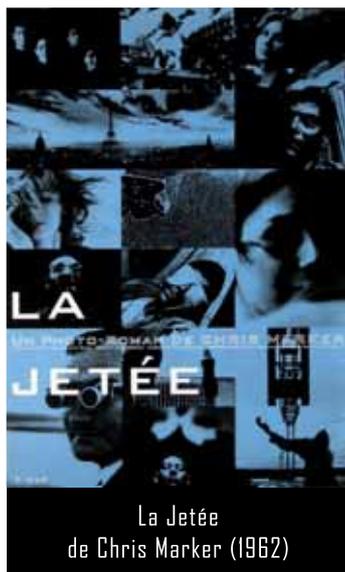
No arranque do Século XX, surgem várias formas narrativas. O *Manifeste du Futurisme* (1909), de Filippo Tommaso Marinetti, é um desses casos. Apesar de anteriormente publicado em diversos jornais italianos, é com a sua publicação no *Parisiense Le Figaro* que obtém total divulgação e distribuição. Neste documento, os compromissos futuristas são lançados como modos de acção e reacção às instituições e, resumindo, a tudo o que seja *engage*. A velocidade, a guerra, a morte, a modernidade, e o tempo acelerado são alguns dos temas desenvolvidos ao longo dos 11 pontos. No caso da ilustração, a série *Visions de l'An 2000* (1910), de Villemard, refere e reflecte sobre algumas expectativas urbanas centrais, cotejadas entre o sonho pelo progresso novecentista e a nostalgia pelas escalas burguesas setecentistas e oitocentistas. As estações ferroviárias, as *boulevards* plenas de veículos motorizados, ou a zona da *Opera* coberta de descapotáveis aéreos em formas anfíbias, são postais de uma cidade que não se concretizou na totalidade. No caso da arquitectura, projectos como a *Ville Future* (1910) ou a *Rue Future* (1911), de Hénard, servem para confirmar a tendência da estratificação e sectorização visual e espacial de Paris. Na proposta da *Rue Future*, aliás, a ideia está contida essencialmente no corte de uma rua com perfil *haussmanniano* justaposto a um aparato técnico e funcional de trânsito, regimes, domesticidades, instalações e escalas urbanas.

As décadas de 1920 e 1930, entre Guerras, são efectivamente férteis em bons exemplos de variações futuristas sobre a cidade e os seus objectos arquitectónicos notáveis. Filmes como *L'Inhumaine* (1924), de Marcel L'Herbier, ou *Paris Qui Dort* (1925) e *À Nous La Liberté* (1925), ambos de René Clair, são de facto casos de estudo únicos. *L'Inhumaine*, o primeiro, sério e nocturno, apresenta *sets* cubistas, desenhados pelo arquitecto Robert Mallet-Stevens, e mobiliários modernistas, desenhados pelo também arquitecto Pierre Chareau, num movimento e pendularidade automóvel entre a cidade e a sua periferia. *Paris Qui Dort*,

o segundo, cômico e diurno, apresenta o monumental centro histórico da cidade, através da imobilização ou lentidão dos seus habitantes. À *Nous La Liberté*, o terceiro, político, convoca um ambiente fabril partindo de dispositivos de vigilância, operários ordenados e edificações puristas para discutir temas de condição social e colectiva. No caso da cultura arquitectónica, nestas mesmas décadas de furor e fulgor épico modernista, Le Corbusier propõe, de resto, o conhecido *Plan Voisin* (1925) como solução canónica e algo impositiva de reconstrução da cidade histórica, quase conjugando as diferentes abordagens já referidas na ficção.

Saltando para o pós-Guerra chegam os anos 1950, onde, no caso da cultura arquitectónica, tudo se parece reequacionar e reescrever; mesmo quando se projecta o futuro. As posições teóricas e práticas tornam-se particularmente impactantes e expressivas e um projecto como o da *Ville Spatiale* (1958), de Yona Friedman, permite lançar a ideia de matriz sobreposta mas contextualizada enquanto resposta ao modernismo mais ortodoxo e rígido lançado cerca de 30 anos antes por Corbu.

Na década de 1960 regressa-se ao preto e branco. *La Jetée* (1962), a obra-prima de Chris Marker, é um filme¹² apocalíptico cuja narrativa segue as consequências de uma suposta 3ª Guerra Mundial. A superfície da cidade encontra-se destruída



La Jetée
de Chris Marker (1962)

e desocupada, produzindo um campo pós-nuclear inóspito e perigoso. As galerias subterrâneas da cidade, especificamente as do *Palais de Chaillot*, servem então de abrigo e asilo aos seus personagens. *La Jetée* trata, essencialmente, de importância da memória segundo um mecanismo clássico e caro à ficção como a viagem no tempo. Por outro lado, em *Alphaville: une Étrange Aventure de Lemmy Caution* (1965), de Jean Luc Godard, os espaços são secos, limpos mas austeros. Se a rudeza do filme de Marker implica uma certa dose de romantismo, a sofisticação dos computadores e o purismo dos corredores do parisiense *Scribe Hotel* no filme de Godard provocam o desconforto daqueles espaços e uma certa dose niilista.

Avance-se pois até à década de 1980 na qual, seguindo uma diferente abordagem pós-nuclear,

Enki Bilal desenvolve os dois primeiros volumes em banda desenhada da sua *Trilogia de Nikopol*. Apresentando a cidade a partir de mestiçagens, mitologias, corrupções e vícios em abuso, as narrativas de *La Foire aux Immortels* (1980) e *La Femme Piège* (1986)¹³ centram-se em 2023 e 2025, respectivamente, após o regresso prisional ao planeta Terra de Alcide Nikopol. Após cumprir uma pena de três décadas no exterior orbital, o protagonista encontra um território Parisiense sob jugo fascista e dividido em dois distritos (à imagem do que acontece em *Nineteen Eighty-Four*): um central para os privilegiados; e um periférico para o operariado e a miséria. Na mesma década, poder-se-á ainda referir um filme como



Alphaville: Une Étrange Aventure de Lemmy Caution
de Jean-Luc Godard (1965)

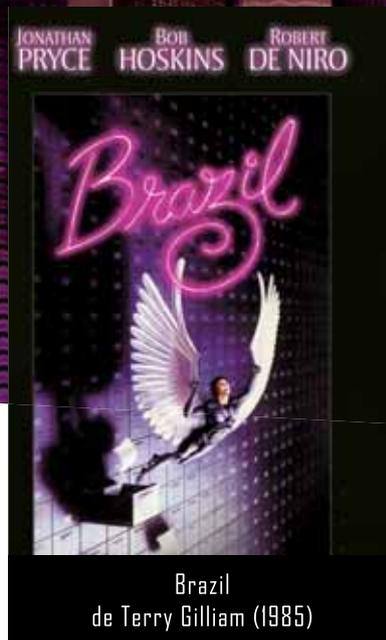
A SUA REVISTA BANG! ESTÁ EM
WWW.REVISTABANG.COM

BANG!

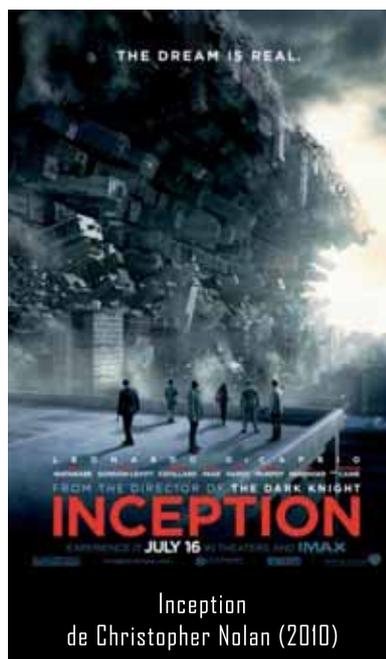
Brazil (1985), do Monty Python Terry Gilliam, cuja narrativa recorre a um certo número de espaços pós-modernistas para potenciar a própria acção fragmentada e alucinada. *Brazil* reproduz um futuro disfuncional, aproveitando parcialmente o projecto colossal implantado nos subúrbios de Paris que é *Les Espaces d'Abraças* (1978-1983), desenhado por Ricardo Boffil e o seu Taller de Arquitectura. Sobre a década de 1990 importa lembrar o conto *La Nausée II*, de Luís Filipe Silva, a registar em forma de diário sincopado (tem entradas de Abril a Janeiro do ano seguinte) a passagem de 1999 para 2000. Nesse texto, há ruas congestionadas, veículos *transbalas* e *pássaros de fogo*, como descreve o narrador.

Na primeira década do Século XXI, o livro *Century Rain* (2004), de Alastair Reynolds, relata uma versão alternativa da história da 2ª Guerra Mundial (o caos e o receio de conflito global parece ser permanente e contínuo), projectando Paris para a década de 2070 e sugerindo uma urbanidade organizada por nanotecnologias líderes sobre o humano.

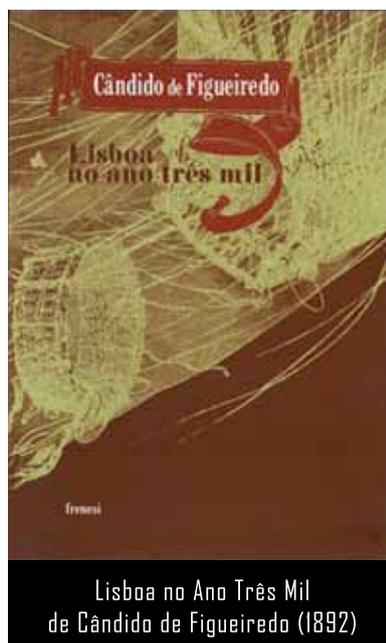
Mais recentemente, na segunda década do Século XXI, merece referência o filme *Inception* (2010), de Christopher Nolan, que, não prevendo necessariamente um futuro mais ou menos distante, usa e abusa de aparatos técnico-científicos não existentes. Essencialmente, *Inception* revela uma cesura entre o mundo real e as suas múltiplas réplicas sonhadas, forçando disrupções e potenciando espaços através de uma incapacidade de reconhecimento do mundo envolvente.



Brazil
de Terry Gilliam (1985)



Inception
de Christopher Nolan (2010)



Lisboa no Ano Três Mil
de Cândido de Figueiredo (1892)

Lisboa

No caso português, e embora haja menor quantidade de obras publicadas, não parece ser de somenos importância as relações propostas ou adquiridas entre o contexto lusitano, o continente Europeu, e a *fc* de autoria portuguesa.

À distância de pouco mais de uma década, entre os últimos anos do século XIX e os primeiros do XX, são publicados livros como *Lisboa no Ano 3000* (1892), de Cândido de Figueiredo, e *Lisboa no Ano 2000* (1906), de Melo de Matos. No primeiro trata-se fundamentalmente de viagem e registo global, no segundo, a cidade desponta, percorrida por veios e freios mecânicos, a vapor e electricidade.

Para além de surgir no final da década de 1930, a obra *A.D. 2230* (1938), de Amílcar de Mascarenhas, parece pontuar um deserto de ideias para a cidade entre as décadas de 1910 e 1980.

É, portanto, nos anos 1980 que surgem vários autores, colecções, edições, ciclos e organizações de *fc* em solo português. No início da década há, aliás, casos interessantes como *Der Stand der Dinge* (1982), de Wim Wenders. No caso, uma obra que relata as dificuldades de produção de um filme de *fc* rodado na periferia saloia de Lisboa. *The Survivors*, o título do filme *amarelo* dentro do filme a preto e branco, acompanha um grupo de sobreviventes numa região desértica, arbustiva e em ruína como é a Praia Grande, a serra de Sintra, e o *Hotel da Praia Grande* ainda incompleto e abandonado. Os primeiros nove minutos de *O Estado das Coisas*

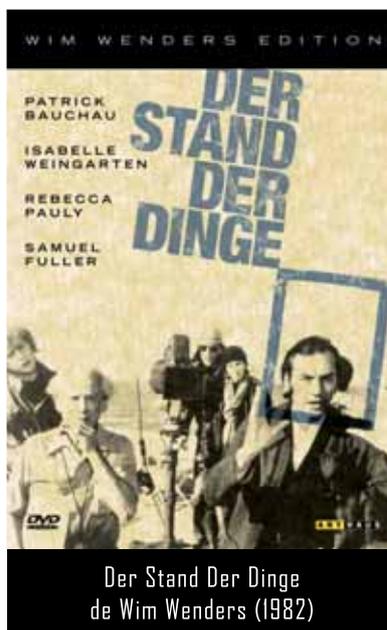
apresentam um território pós-apocalíptico, de areia e destroços, percorrido por uma equipa de acidentados de um avião.

Na década de 1990 é de apontar *O Limite de Rudzky* (1992), de António de Macedo, uma história na forma de cartas compiladas e que coloca, na cidade, o Instituto de Tecnologia Industrial de Lisboa (ITIL), organismo de ciência e avanço tecnológico e lugar de testes e teoremas exigentes mas perigosos. *Os Minino da Noite* (1993), de José de Barros (aka João Barreiros), critica uma condição europeia que se prevê agonizante e desumana. Crianças órfãs são alvos a abater e em constante movimento, são personagens que tanto se movem na urbe lisboeta por mecanismo de defesa como por desejo de abrigo.

No começo do Século XXI publica-se, nesta revista, pelo menos dois artigos com propostas para a cidade de Lisboa no futuro. Ambos escritos pelo mesmo autor acima mencionado, João Barreiros, os contos *Fantascam*¹⁴ (2008), na *Bang* #3, e *O Turno da Noite* (2011), na *Bang* #10, utilizam a cidade como área de convergência narrativa. No primeiro caso, trata-se de uma cidade de cultura e ironia; no segundo caso, trata-se de uma cidade de electricidade e ofício. Em cada um deles há centro e periferia: no primeiro, há hotéis *Xeraton* e aeroportos na Ota; no segundo, há edifícios-sede em Alcântara e sub-estações no Seixal. Há ainda o caso singular de *Uma Noite Não São Dias* (2009), de Mário Zambujal, obra de um autor não necessariamente reconhecido pelas suas ligações ao género, e cujo elucidativo sub-título acaba por antecipar desde logo uma narrativa de *intriga e paixões no exquisito ano de 2044*.



A.D. 2230
de Amílcar Mascarenhas (1938)

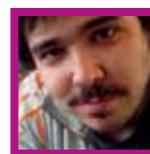


Der Stand Der Dinge
de Wim Wenders (1982)

Mais recentemente, já nesta década, é editada *Lisboa no Ano 2000* (2012), uma antologia coordenada, também, por Barreiros. Embora, neste volume, não haja futuro mas retrofuturo, há sempre uma cidade a fazer de espaço útil para as ansiedades presentes e desejos vindouros. **BANG!**



Lisboa no Ano 2000
de Vários Autores (2012)



João Rosmaninho (n. 1979) é licenciado em arquitectura e mestre em ciências da comunicação. É docente na Universidade do Minho onde desenvolve, actualmente, investigação de doutoramento sobre as relações entre as cidades e o cinema. Todos os seus campos de interesse convergem na ficção.

[1] A primeira das *Feiras Mundiais* tem lugar em Londres no ano de 1851. A *mega-estrutura* de aço e vidro que foi o *Palácio de Cristal* (1951), desenhada Joseph Paxton, convoca decisivamente um carácter entre uma possibilidade real e uma elegante impossibilidade ficcional.

[2] Que se estende praticamente desde a década de 1840 à de 1900.

[3] Esta obra teve duas adaptações para cinema: em 1956, por Michael Anderson; e em 1984, por Michael Radford.

[4] É sabido que, no final da década de 1940, o tecido urbano da cidade ainda permanece ferido pelos bombardeamentos da 2ª Guerra Mundial. Seria necessário cerca de uma década para se voltar a equacionar o crescimento urbano sustentado de Londres, como o prova os *County* e *Greater London Plans*, de Patrick Abercrombie, decorrentes dos estragos do *blitz*.

[5] Talvez seja abusivo fazê-lo mas não deixa de ser interessante notar que a obra *Mechanization Takes Command* (1948), de Sigfried Giedion, é publicada nesta altura.

[6] Este filme originou, ainda, uma sequela intitulada *Quatermass and the Pit* (1967), de Roy Ward Baker.

[7] Cuja base, o romance homónimo escrito por Anthony Burgess em 1962, apesar de não mencionar Londres, directamente, mantém referências a cidades como Manchester e Moscovo, por exemplo.

[8] Numa referência e reverência a Hugo Gernsback o fundador da *Amazing Stories*.

[9] Esta obra tem uma versão cinematográfica (não autorizada por Alan Moore, como vem sendo hábito) realizada por James McTeigue e datada de 2006.

[10] Duas curiosidades: uma primeira é o

não esquecimento de um porco voador gigante, replicando o da capa do disco *Animals* (1977), da banda Pink Floyd; uma segunda é esse edifício assumir-se como uma espécie de *Arca da Humanidade*, conservando a cultura e a própria existência humana, em objectos cristalizados (como a estátua de *David*, de Michelangelo).

[11] O livro foi descoberto e resgatado para publicação apenas em 1989.

[12] Ou um *photo-roman*, como se descreve no genérico da própria obra.

[13] O último livro da *Trilogia*, cujo título é *Froid Equateur* (1992), altera o lugar e o tempo da acção para o coração de África, *Equador City*, em 2034.

[14] Este artigo talvez tenha a sua origem no conto *LisCon 2060* (1993) da autoria do próprio Barreiros.

Entrevista a

S EDUARDO Spohr

Por Safaa Dib

Eduardo Spohr é hoje um nome popular entre os nerds brasileiros.

A história do seu sucesso é já conhecida. Tudo começou quando ganhou um concurso literário que lhe permitiu publicar 100 exemplares do seu primeiro romance *A Batalha do Apocalipse*. O autor propôs uma parceria aos seus amigos do site Jovem Nerd que venderam na sua loja online todos os livros numa questão de horas. Dos 100 exemplares, rapidamente passou às 4 mil unidades.

O sucesso da sua edição de autor chamou a atenção da editora Record que, em 2010, o convidou a publicar *A Batalha do Apocalipse*. Mas a escrita não ficou por aí. Em Maio deste ano, Eduardo lançou lançou *Anjos da Morte*, o 2.º volume da série Filhos do Éden e prepara o terceiro e último, *Paraíso Perdido*. O reconhecimento tem sido global e o seu primeiro livro já vendeu mais de 600.000 exemplares no Brasil. Apesar de uma agenda bastante preenchida, o autor, super amável, arranjou tempo para conversar com a revista Bang! e partilhar umas dicas preciosas com os nossos leitores.

Fale-nos um pouco do seu percurso de publicação de *A Batalha do Apo-*

calipse, o seu primeiro romance. Sei que a Internet foi essencial para alcançar o sucesso.

Como todo escritor, sempre tive a vontade de escrever e criar histórias. Minha primeira tentativa foi aos 6 anos de idade, logo ao me alfabetizar, quando desenhiei e roteirizei uma história em quadinhos sobre um menino que encontra um alienígena e fica amigo dele – claramente inspirado no filme “E.T., o Extra-Terrestre”, de 1982.

Continuei escrevendo romances e contos de forma amadora, mas nunca tinha conseguido completar um livro, do começo ao fim. Quando fiquei desempregado, em 2003, decidi que aquele seria o momento certo para eu colocar no papel uma história que estava há anos na minha cabeça, e que mais tarde viria a ser chamada de “*A Batalha do Apocalipse*”.

Conclui a obra em 2005, e então havia chegado a hora de enviar o material às editoras. Para não mandar as folhas soltas ou presas em espiral, fui em uma gráfica e produzi, eu mesmo, 30 livros com acabamento semi-profissional, com uma bela capa, orelhas, contra-capas e tudo mais nesse sentido.

Essa mesma gráfica, na época, estava oferecendo inscrições para um prêmio literário: o ganhador receberia 100 uni-

dades para comercializar como quiser. Eu decidi arriscar, me inscrevi e mais de um ano depois, em 2007, veio a notícia de que eu tinha vencido o concurso.

Com esses 100 livros em mãos, fiz uma parceria com o site Jovem Nerd, cujos donos eram (e ainda são) meus amigos e leitores, para vender os exemplares por meio da loja online que eles mantinham. Os 100 primeiros livros foram vendidos em apenas 5 horas, o que nos obrigou a produzir mais 500, e depois mais 4 mil livros.

O sucesso da produção independente chamou a atenção das editoras, em especial da editora Record, que em 2010 me convidou a publicar “*A Batalha do Apocalipse*”. O irônico é que apenas cinco anos antes, nenhuma editora se interessara por meus títulos – esse interesse só veio a acontecer depois que “*A Batalha*” se tornou um sucesso independente.

Não guardo mágoas das editoras que no começo me rejeitaram, claro que não – pelo contrário. Essa rejeição inicial foi justamente o que me forçou a correr atrás do meu sonho com minhas próprias pernas, conquistar o meu público e me fez aprender muito ao longo do processo. Hoje, a maior parte dos meus leitores fiéis já me conhece há anos, temos uma relação muito boa e sincera.

Todas as pessoas têm um potencial divino, o poder de fazer coisas incríveis, mas às vezes esse potencial está adormecido. Está em nossas mãos despertar esse potencial, escolher nossa trilha.

O seu pai era piloto de aviões e viajou imenso com ele por todo o mundo. Essa infância e adolescência em constante interação com outras culturas influenciaram a mitologia que criou nos seus livros?

De certa forma, sim. Não que as viagens tenham influenciado diretamente no cenário de fantasia que eu descrevo em minhas obras. O que elas (as viagens) me proporcionaram foi a convivência com culturas e povos muito diferentes, o que me fez compreendê-los e respeitá-los.

Essa postura, de respeito e compreensão me ajudou a, mais tarde, estudar várias mitologias, crenças e tradições sem preconceitos, com um olhar aberto, amplo e interessado.

E foi com esse olhar interessado que eu descobri que todas as histórias mitológicas seguem um mesmo padrão universal, padrão que também é adotado por muitas obras populares, no cinema, nas histórias em quadrinhos, na literatura, no teatro. Esse “padrão”, conhecido como “a jornada do herói”, tanto nos cativa porque está baseado em etapas narrativas que são metafóricas, e que podem ser observadas em nossas próprias vidas – todos nós, de uma forma ou de outra, já assumimos papéis arquetípicos, já passamos por situações difíceis, já morremos e renascemos (metaforicamente, é claro).

Em que medida a leitura de BD (HQ) e os jogos de RPG influenciaram a criação do seu próprio mundo ficcional?

Sem dúvida tanto os quadrinhos quanto os jogos de RPG representaram influências essenciais no meu trabalho. No primeiro caso, o que mais me inspirou foram as revistas da Vertigo, um selo adulto da DC Comics.

Eu costumava ler histórias de super-heróis desde pequeno, mas foram nomes como Neil Gaiman, Alan Moore, Garth Ennis e títulos como Sandman, Hellblazer e Preacher que mais me inspiraram. Neil Gaiman e Alan Moore, por exemplo, foram, ao meu ver, os grandes responsáveis por trazer a filosofia aos quadrinhos

norte-americanos. Já publicações como Hellblazer e Preacher me interessavam por explorar personagens anjos e demônios, assunto que sempre me fascinou.

O RPG é uma ferramenta de criatividade fascinante, que proporciona ao mestre do jogo a possibilidade de inventar uma história e testá-la imediatamente com seu grupo de jogo, que o ajudará a ampliá-la e enriquecê-la.

O RPG também pode ajudar um escritor e criar personagens ricos. Quase todos os personagens dos meus livros foram criados por amigos meus em sessões de RPG – assim, sempre que, ao escrever um capítulo, eu tinha dúvidas sobre como um personagem deveria agir, eu pensava em como o jogador agiria ao controle do personagem, e até os diálogos soavam mais consistentes, menos artificiais.

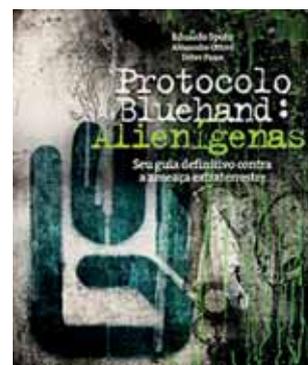
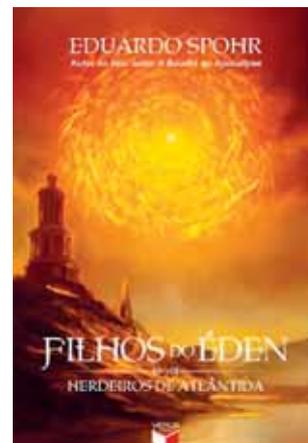
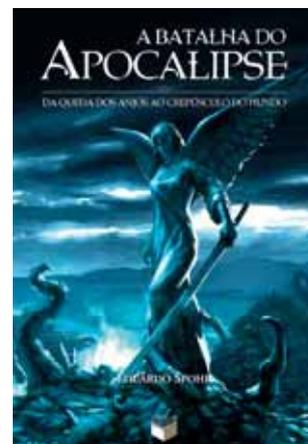
O RPG é uma ferramenta de criação coletiva, que auxilia o escritor em seu trabalho, trabalho esse que em circunstâncias normais seria um bocado solitário.

De onde vem esse intenso fascínio pelo Apocalipse e pelo corpus mitológico do Velho e Novo Testamento que deu origem ao Spohrverso?

Estudei em uma escola católica, fiz catecismo e primeira comunhão, e cresci dentro da tradição cristã. Talvez o fascínio venha daí, mas eu diria que o meu fascínio, de fato, é por todas as crenças, religiões e mitologias.

A tradição hebraico cristã é a que mais convivemos no mundo ocidental, é a que mais conhecemos e a que mais temos contato, por isso talvez eu a tenha escolhido como tema principal das minhas histórias.

Em relação ao fim do mundo, está muito ligado à minha infância. Cresci nos anos 80, e com a iminência de um confronto nuclear durante a guerra fria os livros, filmes e até músicas destacavam bastante esse tema, de como seria um mundo devastado, destruído pela ação dos homens, um planeta a ponto de acabar, desprovido de esperanças.





Brinco com os meus colegas, também autores de fantasia, que passamos um, dois anos escrevendo um livro, e o leitor o devora em uma semana, às vezes em um dia. Sendo assim, o leitor vai procurar outros livros, e é bom que o faça, porque dessa forma ele irá adquirir e ampliar o hábito da leitura.

Em *Paraíso Perdido* de John Milton, a grande figura literária é Satanás, sendo Deus uma figura ausente e não tão carismática quanto Lúcifer. Na obra de Eduardo, *A Batalha do Apocalipse*, Deus está adormecido e são os arcanjos e outras figuras celestiais que roubam o protagonismo e movem toda a acção. O fascínio de todos nós por protagonistas que são anti-heróis, exilados, rebeldes, são uma forma de reflectir na ficção as próprias imperfeições e dúvidas da Humanidade?

Essa é uma constante mitológica, na realidade. De fato, a grande maioria dos heróis são rebeldes, de uma forma ou de outra, figuras que se rebelaram contra um sistema vigente. É o caso de Jesus, que desafiou tanto os romanos quanto os sacerdotes judeus; é o caso de Buda, que decidiu largar a sua nobreza para seguir seu caminho; é o caso de Maomé, que se insurgiu contra as poderosas famílias de Meca iniciando a jihad; é o caso de Luke Skywalker, que se revoltou contra o Império Galáctico; é o caso dos robôs de Isaac Asimov, que lutavam contra sua própria programação, etc.

Assim como esses heróis (da realidade e da ficção), nós também temos dentro de nós o desejo de se rebelar contra as imposições sociais. No fundo, o que queremos é escolher o nosso próprio destino, queremos escolher uma atividade profissional que nos dê prazer e satisfação, enquanto a esmagadora maioria das pessoas no mundo são obrigadas a trabalhar em empregos que não gostam, às vezes influenciadas pelos pais, pelos parentes, por amigos ou pela própria sociedade.

É esse grito heróico dado pelos personagens descritos acima que nós desejamos dar, por isso tais figuras tanto nos inspiram, pois tiveram a coragem de não ceder às imposições sociais e seguir os princípios que acreditavam, mesmo diante da morte.

Quanto à questão do Deus adormecido, é também uma metáfora. Todas as pessoas têm um potencial divino, o poder de fazer coisas incríveis, mas às vezes esse potencial está adormecido. Está em nossas mãos despertar esse potencial, escolher nossa trilha.

Recentemente, lançou no Brasil *Anjos da Morte* que segue a história de Denyel, um querubim exilado, que testemunha a histórica bélica e sanguinária europeia do séc. XX. O que o surpreendeu mais na sua investigação da Europa no tempo das duas Guerras, Guerra Fria e queda do Muro de Berlim e nas viagens recentes que fez?

Toda guerra é terrível, mas estudá-las não deixa de ser uma atividade fascinante. O que mais nos impressiona nas guerras é a incrível capacidade do ser humano em se adaptar às situações mais extremas. O homem, embora individualmente frágil, é uma máquina de sobrevivência, um ser que fará tudo o que estiver ao seu alcance para resistir às mais duras provações.

Impressiona também, ao estudar as guerras, como, no momento do desespero e da morte, o ser humano é capaz de se superar, para o bem e para o mal. É nesses momentos que a nossa natureza aflora, mostra a sua face verdadeira. É nesses momentos que nos tornamos heróis, monstros, santos e selvagens.

Costumo dizer que existem três níveis de pesquisa. O primeiro nível é por meio da internet, que dará ao escritor uma visão geral sobre o assunto. O segundo nível de pesquisa é a leitura e o estudo de livros – é necessários ler livros completos sobre o tema que o pesquisados deseje se aprofundar. Finalmente, o terceiro e mais profundo nível de pesquisa é a visita ao local – no caso de *Anjos da Morte*, visitei os sítios históricos das duas grandes Guerras e da Guerra Fria.

Visitar o local antes de escrever sobre ele enriquece a narrativa, e muito, porque dá ao autor uma experiência não apenas intelectual (que

pode ser assimilada por livros), mas principalmente uma experiência sensorial, fazendo com que o escritor conheça não apenas os fatos, mas as sensações e emoções que o lugar proporciona. Em um romance, essas sensações serão transmitidas para o leitor por meio do protagonista, que é o fio condutor da trama.

Ablon e Denyel são duas das suas personagens favoritas. Um é um anjo renegado e condenado, outro é um querubim exilado e recrutado como anjo da morte. Qual o segredo de um escritor para criar uma personagem memorável e carismática para os leitores?

Primeiramente, agradeço pelo elogio e fico feliz que tenha gostado dos personagens. Bom, não sei se existe um segredo específico nesse caso, mas acho que todos aspectos da produção literária devem ser genuínos para o autor – não que ele deva acreditar naquela história de fantasia, claro que não, mas ele deve acreditar que aqueles aspectos possam de fato existir dentro do mundo fictício que ele criou.

Os personagens, feitos de tinta e papel, devem ser, no momento em que o autor está escrevendo e bolando seus capítulos, “reais” para ele; devem ter atitudes coerentes com o que a história propõe.

É importante também que o personagem tenha características marcantes que os defina. Ablon, por exemplo, é um herói inabalável, enquanto Denyel é um malandro incorrigível. Eu, pelo menos, gosto de trabalhar com arquétipos universais. Os arquétipos universais são padrões de personalidade comuns a todos nós, e por isso nos identificamos com eles tão facilmente.

Na nova série Filhos do Éden impulsiona ainda mais o cruzamento entre a História e a mitologia. Que influências literárias foram determinantes no seu percurso como escritor?

O curioso é que a maioria das minhas influências de conteúdo vêm, na realidade, do cinema e dos quadrinhos. A literatura me influenciou não tanto no conteúdo, mas na forma de escrever, ou seja, no meu estilo literário.

Dentre os autores que mais me influenciaram, destaco Stephen King, de quem sou grande fã, Anne Rice, H.P. Lovecraft, Robert E. Howard, James Clavell e Ken Follet. No Brasil há o José Louzeiro, escritor e roteirista de filmes famosos da década de 70, como “Pixo-

5 DICAS SOBRE ESCRITA POR EDUARDO SPOHR:

PRIMEIRAMENTE, É IMPORTANTE DIZER QUE CADA ARTISTA TEM O SEU MÉTODO, E O QUE FUNCIONA PARA MIM PODE NÃO FUNCIONAR PARA OUTRO AUTOR. SEGUIE ENTÃO APENAS ALGUMAS SUGESTÕES, E CABE AO ESCRITOR DECIDIR SE ELAS SÃO ÚTEIS OU NÃO.

1

Escreva todo o dia, nem que seja um pouco. Se você parar por muito tempo, terá de voltar para se recordar onde parou, dando início a um processo sem fim.

2

Organize-se, separando o seu material em pastas, físicas ou virtuais.

3

Estabeleça um horário para escrever, crie uma rotina.

4

Tenha um roteiro de todos os capítulos, do primeiro ao último, antes de começar a escrever o seu livro. Assim você não se perde e evita os “brancos criativos”.

5

Trabalhe com pequenas metas. Foque-se em seu objetivo mais imediato, caminhe de capítulo em capítulo.

5 DICAS PARA PUBLICAR O SEU PRIMEIRO LIVRO POR EDUARDO SPOHR:

1

Procure conquistar os seus leitores antes de conquistar a editora, pois se você tiver leitores, as editoras virão atrás de você – enquanto o contrário não é necessariamente verdade.

2

Apresente o seu material da melhor maneira possível, tanto graficamente quanto intelectualmente – bem revisado, escrito de forma clara.

3

Se as editoras não aceitarem o seu original, não desista, continue tentando publicar nem que seja de forma independente.

4

Procure agir de forma espontânea. Seja você mesmo. Seja verdadeiro. Não compre brigas, não minta números nem tente ser quem você não é.

5

Procure escutar as críticas e tentar melhorar com elas, em vez de achar que seu trabalho é perfeito e intocável. Somos humanos, cometemos erros e sempre podemos melhorar.

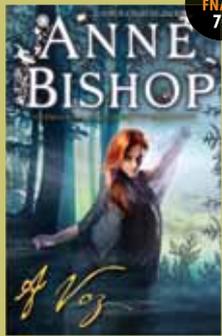
O SOFÁ DOS LIVROS

<http://liliananovais.blogspot.pt/>

A VOZ

ANNE BISHOP

★★★★★



PREÇO
FNAC:
7€

Nesta novela, Anne Bishop apresenta-nos um mundo onde tudo parece cor-de-rosa, mas onde um segredo negro existe.

A autora cria personagens femininas bastante fortes e com quem nos podemos identificar facilmente. Anne Bishop já nos habituou a tocar em temas sensíveis e torná-los visíveis, alertando assim para um problema social. Neste volume vemos os casos de violação que são sancionados por todos devido às regras antigas e aos costumes de um povo. Nalah, a narradora, acaba por tomar consciência de tudo o que se passava na sua aldeia e o que era feito pelos aldeões. Isto cria uma ligação íntima com o leitor, facilitando a interação e a identificação com as personagens. É um conto viciante que nos agarra facilmente e que queremos que nunca acabe. / Liliana Novais

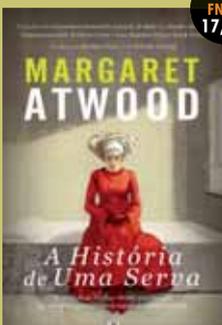
SÓ LER NÃO BASTA

<https://www.youtube.com/user/tchetchatt>

A HISTÓRIA DE UMA SERVA

MARGARET ATWOOD

★★★★★



PREÇO
FNAC:
17,70€

“A História de uma Serva” é uma distopia que nos apresenta uma possibilidade assustadora: a instauração de uma sociedade teocrática num país ocidental, que remove todos os direitos às mulheres, desde o direito à educação até ao de terem nome próprio. Através do relato na primeira pessoa, conhecemos a história da serva Defred: o seu passado e presente, os seus medos e esperanças. O livro centra-se, ainda, na condição feminina, nos ideais e na organização dessa sociedade.

Com uma escrita exímia e carregado de simbolismos, este é um livro de leitura fácil mas que dá muito em que pensar. / Carla, Diana e Telma

LEITORA DE FIM-DE-SEMANA

<http://leitorafimde semana.blogspot.pt/>

E SE FOSSE UM ANJO

KEITH DONOHUE

★★★★★



PREÇO
FNAC:
17,76€

Um livro bastante controverso que na minha opinião merece ser lido. Este é um livro fantástico, mas que para ser apreciado tem que se estar com o estado de espírito correcto. É um livro que nos fala acerca de anjos. Anjos esses que nos ajudam e nos guiam. Não tem que ser necessariamente anjos de auréola de asas, podem ser pessoas que surgem na nossa vida quando mais precisamos e que por isso mesmo se tornam os nosso anjos pessoais. A escrita do autor é envolvente

e prende-nos à narrativa, levando a que queiramos sempre mais. / Joana Cardoso

te, a Lei do Mais Forte” e “Lúcio Flávio, Passageiro da Agonia”.

O Eduardo ministra um curso de “Estrutura Literária”. Que desafios apresenta o seu trabalho como professor e como concilia com o seu trabalho de escritor?

É sem dúvida um trabalho que me exige muito, mas não há nada mais prazeroso. Lecionar é para mim uma atividade incrível. Não só aprendo com os meus alunos como me torno amigo deles. Cada turma é uma nova experiência e um novo grupo de colegas que se forma.

A fantasia e ficção científica escrita em português (brasileiro ou europeu) poderá vir um dia a rivalizar com a fantasia anglo-saxónica?

Difícil fazer projeções para o futuro. De qualquer maneira, não acho que exista, por parte dos autores, essa necessidade de rivalizar com escritores nativos de outras línguas. Eu mesmo nunca pensei sobre isso. Creio que a maior vontade de um autor (se não é, deveria ser) é escrever a sua própria história, para que ela seja lida, sem pensar se ela será pior ou melhor que o trabalho de um colega. Penso que, enquanto artistas, não precisamos nos preocupar em fazer melhor do que ninguém – precisamos, sim, fazer o melhor possível, o melhor que podemos, sem pensar em competição ou rivalidade.

Sei que leu muitos livros portugueses de fantasia e ficção científica na década de 80 que eram importados para o Brasil. Hoje o Brasil tem uma oferta muito diversificada de publicações e muitas editoras (gran-

des e pequenas) têm descoberto autores brasileiros e traduzidos, bem como lançado coletâneas e romances. Como encara este boom atual de fantástico no Brasil?

Encaro da melhor maneira possível. É sempre bom ter muita oferta de literatura no mercado. O bacana desse ramo (o ramo literário) é que não existe competição entre os autores. Brinco com os meus colegas, também autores de fantasia, que passamos um, dois anos escrevendo um livro, e o leitor o devora em uma semana, às vezes em um dia. Sendo assim, o leitor vai procurar outros livros, e é bom que o faça, porque dessa forma ele irá adquirir e ampliar o hábito da leitura.

Faço questão de sempre em minhas palestras e conversas com o público divulgar o trabalho de outros autores para quem estiver presente – se mais pessoas lerem os nossos livros, todos sairemos ganhando.

O que os leitores podem esperar do seu próximo livro, *Paraíso Perdido*, que encerra a série *Filhos do Éden*?

Gosto de trabalhar com várias camadas em meus livros. É claro que tratam-se de livros de aventura, onde há lutas e muita ação, mas penso que um romance deve ir além disso, deve incluir também uma camada mais profunda, sem soar lento, aborrecido ou professoral. Em minha primeira obra, *A Batalha do Apocalipse*, além da trama e dos combates, explorei três assuntos que muito me interessam: filosofia, história e mitologia.

Quando comecei a desenvolver a trilogia *Filhos do Éden*, resolvi que cada livro focaria um desses aspectos. O primeiro deles, *Filhos do Éden: Herdeiros de Atlântida*, é mais filosófico, questiona os aspectos da vida e a para onde vamos depois que morremos. Já o segundo, *Filhos do Éden: Anjos da Morte*, é uma obra totalmente histórica, com uma forte carga de pesquisa. O terceiro, *Filhos do Éden: Paraíso Perdido*, então, será um livro que mergulhará fundo nos aspectos mitológicos, tanto da mitologia hebraico-cristã quanto da mitologia nórdica.

O que *Anjos da Morte* teve de realidade, *Paraíso Perdido* terá de fantasia, e levará a série a um nível acima. *Herdeiros de Atlântida* teve como cenário o Brasil, em *Anjos da Morte* os personagens viajam pelo mundo e em *Paraíso Perdido* será a vez de explorar outros planos e dimensões. **BANG!**



Jaime Lannister e Cersei Lannister são agora irmãos.

Há 2 dias

Gostar · Comentar



Jaime Lannister está numa relação com **Cersei Lannister**.

Há 3 dias

Gostar · Comentar



Jaime Lannister está numa relação complicada com **Cersei Lannister**.

Há 5 dias

Gostar · Comentar

Brienne de Tarth gosta disto.



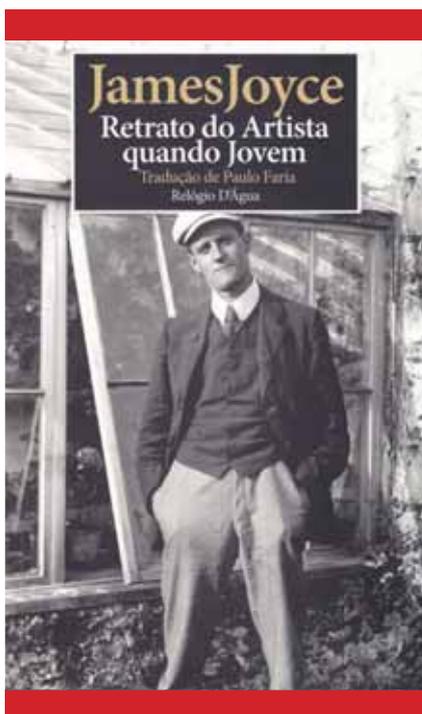
OS LIVROS DAS MINHAS VIDAS

TEXTO DE LARRY NOLEN
TRADUÇÃO DE LUÍS SANTOS

Passei muito tempo a refletir sobre o que realmente poderiam ser os «Livros das Minhas Vidas», em especial no que diz respeito aos trabalhos que abrangem os panoramas da imaginação frequentemente associados à fantasia e a outras ficções especulativas. Tantas foram as obras que me influenciaram ao longo dos anos que se torna difícil fazer uma breve seleção de histórias a analisar sem pelo menos as contextualizar na minha vida. Assim sendo, começarei por discutir o conceito de «lugar» e o seu papel na criação das narrativas que desde há anos me cativam.

UM UNIVERSO MAIOR

Em *Retrato do Artista Quando Jovem*, de James Joyce, Stephen Dedalus opta por identificar o seu lugar no mundo indo desde o intimamente local (Classe de Elementos) até ao, bem, «universal» (o Universo). Esta abordagem indutiva ao posicionamento no contexto de um universo maior assemelha-se ao modo como acredito que muitas fantasias ganharam vida: os contadores de histórias originais tentaram dar uma forma imaginada aos seus locais íntimos dentro de um mundo maior, mais estranho e, por vezes, assustador que parecia existir fora do cenário das suas aldeias ou cidades-estado. Nas narrativas sumérias de Gilgamesh, Enkidu e Ishtar, as mais antigas mitologias registadas, a ação costuma ter lugar a



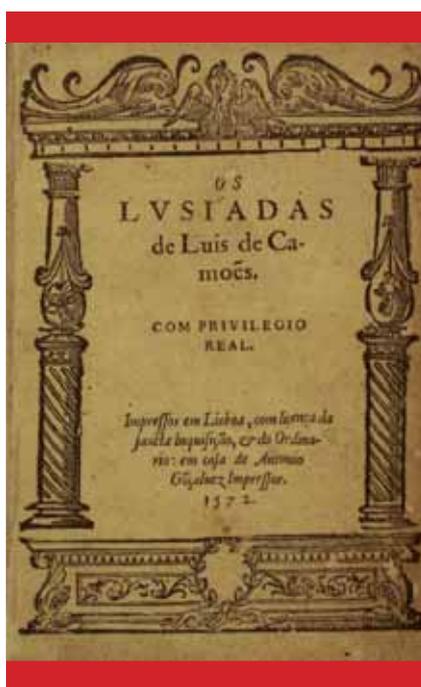
poucas montanhas ou vales de distância do vale fluvial mesopotâmico. Plenas de submundos escuros e subterrâneos, de touros divinos e de flores ocasionais (já para não falar de um dilúvio que quase de certeza será o inspirador do de Noé), estas narrativas serviram para mostrar a gerações de ouvintes como orientar a sua vida e para os recordar das limitações da vida humana. Contudo, nas discussões das mitologias, tanto as antigas como as mais modernas, ignoram-se muitas vezes os aspectos visuais que dão forma às narrativas para que se enquadrem nas necessidades da audiência. Desde o gelo vetusto dos mitos nórdicos sobre a criação do mundo ao Caos informe de onde nasceram a Noite e o Dia e destes os deuses e deusas posteriores, e depois à crença cherokee de que o escaravelho Dâyuni'si juntou lama para criar um lugar onde repousar durante a sua estadia longe

do reino celeste de Gälûn'läti, os mitos servem-se de elementos naturais (ou da sua ausência notória) e criam lugares fantásticos onde as histórias sobre verdade, justiça, bem, mal e desespero são representadas numa tapeçaria auditiva que a um tempo cativava os ouvintes (e, mais tarde, leitores) e os levava a pensar nas mensagens entretecidas nas histórias.

Em séculos recentes, estas mitologias fantásticas desenvolveram-se, grosso modo, segundo temas nacionais. Os ingleses têm a sua «Matéria da Bretanha», ou o ciclo de histórias em torno do lendário Rei Artur e seus Cavaleiros da Távola Redonda. Em França e Itália temos a «Matéria de França» e as histórias sobre os Doze Paladinos de Carlos Magno, em especial Rolando/Orlando. O El Cid dos espanhóis representa a Reconquista. Contudo, todos eles se desenvolveram ao longo de vários séculos e, à exceção do poema épico quinhentista *Orlando Furioso*, surgiram antes das viagens de Colombo ao chamado «Novo Mundo».

Quando o último navio da frota de Magalhães circum-navegou o globo em 1521, a crença num mundo plano apoiado em colunas foi derrubada. Todavia, a fusão do «lugar» físico e imaginado continuou a dar origem a trabalhos cativantes, como *Os Lusíadas* de Camões e *O Peregrino* de John Bunyan, onde os lugares metafóricos assumiam uma importância pelo menos equivalente aos seus paralelos reais. Podemos argumentar que graças à predominância do lugar metafórico e irreal à custa dos locais físicos «reais» (alterados quanto bastasse para se adequarem às necessidades narrativas), a unidade do local e da crença, unidos em mitos que reforçavam os mores sociais, começava a dividir-se nas ficções «especulativa» e «realista» dos nossos dias.

Até certo ponto, talvez seja lícito considerar as fantasias como sendo trabalhos «menores». Afinal de contas, elas não transmitem a credibilidade dos mitos antigos – não se espera vir a descobrir uma Hobbiton em solo inglês, embora ainda reste uma ténue esperança distante quanto a um Rei Artur histórico. O «lugar» nas fantasias modernas assume estranheza em relação à realidade conhecida. Claro que isso nem sempre é assim. Vejamos, por exemplo, a minha região nativa, o Sul dos Estados Unidos. Ao contrário de praticamente qualquer outra parte da América do Norte anglófona, o Sul possui uma memória de lugar tão forte que a própria história se moldou de acordo com as necessidades da população.



O SUL

O «lugar» no Sul americano é traiçoeiro, estando pejado de minas culturais e históricas que podem rebentar se o incauto viajante der um passo em falso que seja. Mesmo 152 anos depois do início da Guerra Civil Americana, «o Sul» evoca ainda conotações de escravatura, da vida nas plantações, do Ku Klux Klan (KKK) e memórias perenes quanto à «Causa Perdida». Estes elementos sórdidos juntam-se de formas bizarras, tendo dado origem àqueles que terão sido dos melhores trabalhos de ficção especulativa



do último século, alguns dos quais ainda hoje são fontes de inspiração para escritores de todo o mundo.

«O Sul» foi mitificado como lugar de calor e humidade estivais sufocantes, de quintas degradadas e de trepadeiras omnipresentes. Até o ar parece por vezes lembrar plantações arruinadas e casas carbonizadas. A devastação provocada pela Guerra Civil foi muito além da perda de uma percentagem significativa da população anterior ao conflito ou da destruição de várias povoações e culturas. Para muitos, na alma dos sobreviventes ficou gravada uma impressão metafísica: uma espécie de Pecado Original social que levaria não só a que os pecados dos pais fossem atribuídos aos descendentes até à quarta geração, mas também a uma tendência para a perversidade do orgulho, da fúria e do racismo. Embora tal mentalidade não seja totalmente real, sente-se ainda uma espécie de «letra escarlate» hawthorniana que atormenta muitos sulistas, quase como uma cruz que carreguem, tanto pelos seus próprios pecados como pelos dos antepassados.

Por mais negativos que esses sentimentos sociais possam ser, não deixam de levar a um pendor para uma excelente literatura preñe de imaginação. Vejamos, por exemplo, as histórias do Compadre Coelho, de finais do século XIX, início do XX. Estas narrativas acerca de um coelho esperto que leva a melhor sobre uma raposa velhaca, um urso violento e outros animais antropomorfizados representam duas vertentes da vida sulista, ambas nascidas de um cadinho de contos africanos ocidentais, americanos nativos do sudeste e anglo-celtas. Cresci a ouvir a versão feita por Joel Chandler destes contos, onde os personagens são apresentados na forma de narrativas excêntricas contadas pelos trabalhadores das plantações, sempre com um comentário racista implícito. No entanto, as histórias do Compadre Coelho têm ainda uma outra conotação, adiantada por Zora Neale Hurston no seu primeiro trabalho não-ficcional, *Mules and Men*. Aí, o Compadre Coelho desenvolve uma resistência subversiva contra a ordem estabelecida, e no âmago das fantasias encontramos um comentário social baseado na realidade complexa da sociedade sulista pós-Guerra Civil. Estes dois pólos, a manipulação branca dos mitos negros para que se adequem à sua visão de hierarquia social e a subversão negra dessa mesma hierarquia, representam, na forma de fantasia, a topografia cultural

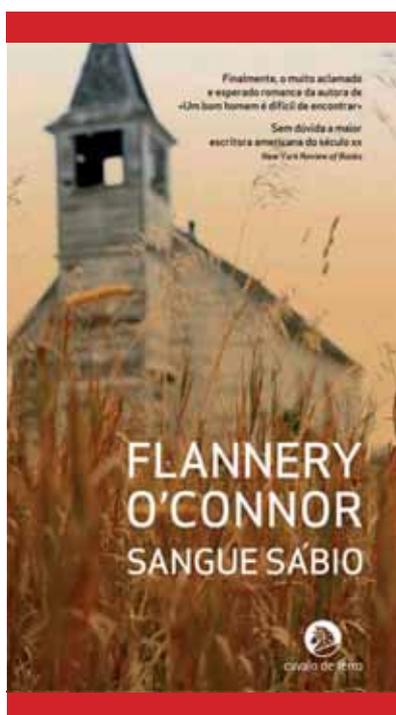
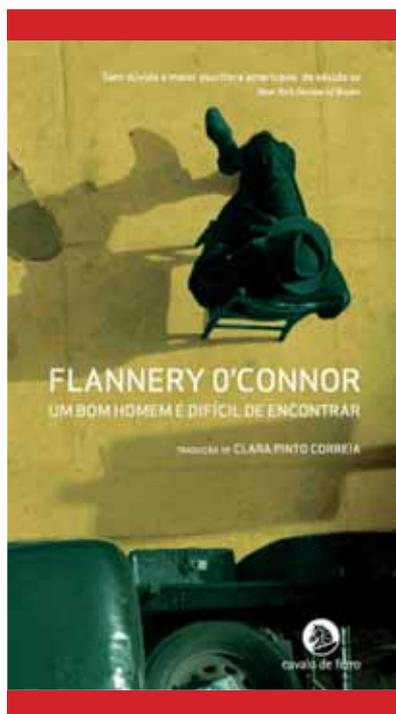
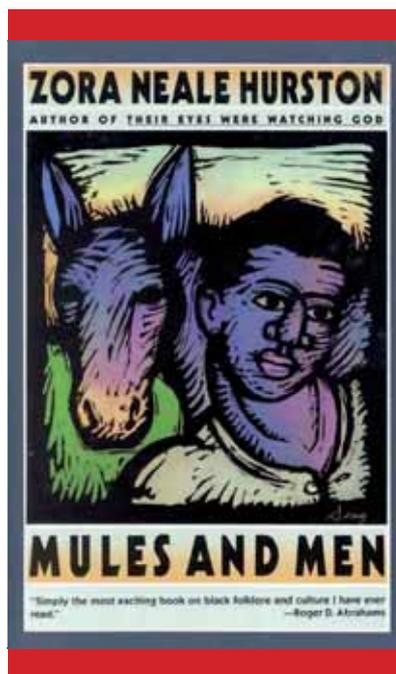
do Sul que chegou à minha infância em finais da década de 1970 e na década de 1980. Recordando agora esses contos, especialmente «O boneco de alcatrão», não posso deixar de ter uma visão bipartida da história: a narrativa de um coelho esperto que consegue escapar até mesmo ao castigo merecido, e uma metáfora sobre as batalhas travadas para preservar uma cultura repetidamente oprimida pelo grupo racial dominante. Tendo em conta as variações entre as gravações de Chandler e de Hurston dos contos orais originais, as histórias do Compadre Coelho poderão ser das fantasias mais controversas, embora culturalmente importantes, alguma vez produzidas, não só no meu Sul natal, mas em todo o mundo.

O Sul é ainda conhecido pela sua literatura gótica sulista, a qual capta com termos cativantes e eloquentes a mistura de fervor religioso, fé, desespero e ruína que ainda hoje parece assombrar os sulistas. Tal como Flannery O'Connor disse em tempos num ensaio:

«Creio que se pode dizer que embora o Sul não seja centrado em Cristo, é de certeza assombrado por Cristo.»

O Diabo, quase sempre ausente em toda a parte, parece espreitar nos recantos e nos vales do Sul. Quando li O'Connor pela primeira vez, na faculdade, não pude deixar de sentir como as suas narrativas sobre pecadores capturavam de forma brilhante o terror omnipresente pelo pós-vida. Embora a sua ficção não apresente nada de explicitamente sobrenatural, a batalha pela redenção pode ser vista em personagens como o rapaz de «O Rio», que procura ansiosamente uma redenção que mal compreende, mergulhando-se num rio local num esforço trágico para limpar o corpo do pecado e da impureza. A primeira antologia da autora, *Um Bom Homem É Difícil de Encontrar*, está repleta de contos sobre personagens que buscam alguma forma de redenção ou de reparação de ofensas. Num ensaio que julgo abordar na perfeição o motivo por que a sua ficção apela a tantos leitores, em especial sulistas, O'Connor comenta o poder latente da redenção:

«Existe algo em nós, tanto enquanto contadores como enquanto ouvintes de histórias, que exige que ao caído seja pelo menos oferecida



a hipótese de restauração. O leitor atual procura esse movimento, e com toda a justiça, mas ele esqueceu o custo associado. A noção de mal encontra-se diluída, ou totalmente ausente, pelo que esqueceu o preço da redenção. Quando lê um romance quer ser atormentado, ou então divertido. Quer ser levado de imediato para uma falsa danação, ou então para uma falsa inocência.»

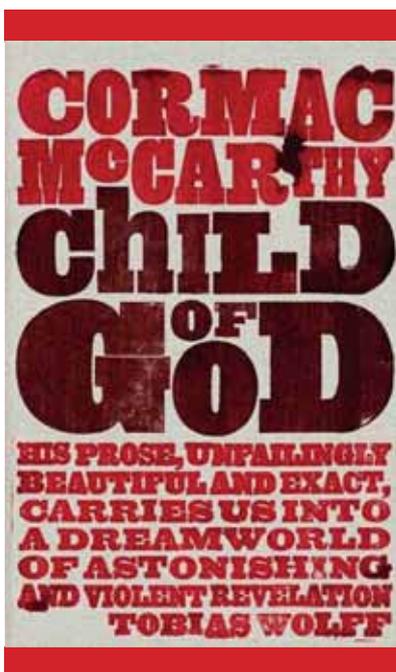
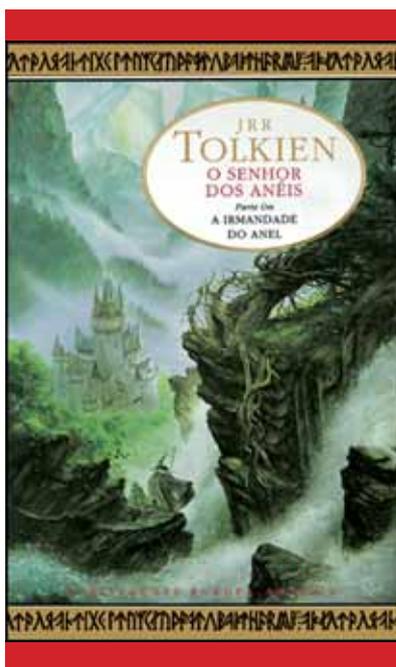
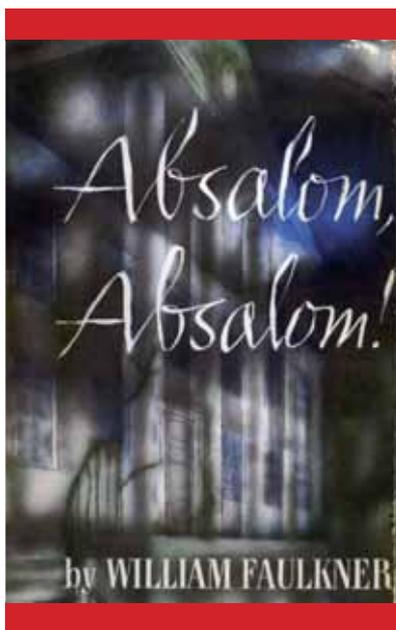
Essa «falsa danação» é sentida em toda a sua pujança no primeiro romance da autora, *Sangue Sábio*, e no protagonista Hazel Motes, com a sua «Igreja Sem Cristo». Tendo lido por duas vezes o romance, a narrativa torna-se ainda mais assombrada e grotesca à segunda leitura. O uso de imagética religiosa por parte de O'Connor, em especial os símbolos católicos filtrados através de uma lente apocalíptica sulista, serviu de gênese para alguma da ficção mais perturbante que li na segunda metade da minha vida.

WILLIAM FAULKNER

Se o Sul de O'Connor é um lugar onde os piores pesadelos de inspiração religiosa atormentam os habitantes, a ficção de William Faulkner, acima de tudo situada no ficcional Yoknapatawpha County do Mississípi, aborda o cruzamento entre o passado e o presente que marcou os hábitos sulistas durante mais de um século após a Guerra Civil. As suas narrativas estão repletas de famílias que desceram na vida depois da guerra, mas que ainda se agarram aos restos apodrecidos da antiga fama familiar. Histórias como «Uma Rosa para Emily» capturam esse facto de um modo quase horrível. Li-a pela primeira vez em 1992, com dezoito anos de idade, e lembro-me de ter a vaga sensação de que Emily poderia ser uma de várias idosas que conheci na década de 1980, senhoras que preferiam isolar-se do presente para manter um passado glorificado, praticamente desprovido de qualquer semelhança com a dura realidade em que viviam. A ficção de Faulkner serve-se dessa luta para reconciliar o passado e suas atrocidades com as exigências do presente. Em *Absalão, Absalão!* esse conflito assume aquela que será talvez a sua forma mais profunda, dando origem a uma narrativa que pare-

ce a um tempo a sinopse de um século de existência maldita e a história da ascensão e queda de uma família. Sempre que regresso ao Yoknapatawpha de Faulkner, é como se visse um Sul passado que existe tanto a nível metafórico, enquanto um lugar que se esforça por se definir num mundo de tradições tacanhas, como na forma de um olhar penetrante sobre o mundo «real» de conflitos raciais e de classe. Ao reler Faulkner depois de conhecer alguns dos autores do *realismo mágico* latino-americano, como Gabriel García Márquez e Mario Vargas Llosa, ambos citando Faulkner como influência, é fácil encontrar nas suas histórias de três anos de chuva e da «guerra do fim do mundo» os ecos da exploração feita por Faulkner sobre a forma como os humanos são modelados pela sua terra natal e como essas histórias nos criam de um modo que parece absolutamente fantástico a quem cresceu longe dessas tradições torturadas e dessas sociedades decadentes.

Sim, a literatura gótica sulista e o seu primo afastado, o realismo mágico, são percorridos por uma sensação de decadência. A ruína encontra-se na ascendência e não há maior objectivo do que a redenção das almas individuais ou sociais. Encontramos ecos disso em várias fantasias, especialmente nas fantasias épicas como *O Senhor dos Anéis* de Tolkien (que li em criança, mas que, apesar de o ter relido várias vezes entre os 13 e os 18 anos, não me cativou grandemente, talvez devido à sua «estranheza»), mas enquanto fantasias de mundo secundário, com os seus locais inventados, encontram-se de certa forma afastadas dos objectivos morais tantas vezes presentes na literatura gótica sulista. Embora muitos dos autores clássicos de literatura gótica sulista já tenham morrido, um dos escritores ainda vivo que se serve dos seus cenários, temas e técnicas é Cormac McCarthy. Embora actualmente McCarthy seja mais famoso pelos seus trabalhos com ambientes western, como *Meridiano de Sangue* ou a *Trilogia da Fronteira*, ele começou por escrever obras negras, quase depravadas, passadas na região montanhosa do Tennessee oriental. No seu romance de 1973 *Filho de Deus*, o autor descreve a vida de um solitário, Lester Ballard, que mergulha tão profundamente na depravação (a necrofilia é apenas um de entre os seus inúmeros crimes) que em vez de se sentirem repugnados, os leitores talvez simpatizem com as transgressões contra a sociedade sulista do início do século xx. As breves e entrecortadas tiradas de diá-



logo e as poucas descrições de McCarthy criam um ambiente que, à semelhança de O'Connor, mas de maneira ainda mais forte, captura o desejo de redenção, mesmo quando a danação paira, sombria, sobre a narrativa. Ao contrário do que fiz com Faulkner e com O'Connor, que reli várias vezes ao longo das últimas duas décadas, ainda não regresssei a qualquer das histórias de McCarthy, tão assustadoras no seu realismo febril que deixaram os seus contornos gravados na minha mente. Quem lê McCarthy pode esperar encontrar nas suas narrativas algo mais fantástico do que a fantasia surreal. É como se McCarthy, graças ao uso dos cenários apalaches rurais, criasse uma fábula negra e retorcida dentro do que à primeira vista parece um trabalho realista deprimente. Tal como acontece com Faulkner e O'Connor, o lugar torna-se tanto uma base para o surgimento de mitos como um local por onde dêssemos connosco a andar.

Regressando à questão sobre os «Livros das Minhas Vidas», talvez seja melhor dizer que o lugar onde cresci, o Sul dos Estados Unidos, é a um tempo o terreno onde surgem pesadelos fantásticos e sonhos febris, e uma região passível de ser encontrada num mapa. As histórias sobre os seus males e sobre o desejo de redenção são, tal como diz Shakespeare, a matéria de que são feitos os sonhos. A nossa ficção reflecte apenas um estado mental que poderá ser estranho para os outros, mas que é difícil de ler sem a sensação de que algo fantástico se instalou ao lado da vida do quotidiano. Regresso a essas narrativas de tempos a tempos, para compreender um pouco mais como surgiu esta cultura maravilhosamente insana. **BANG!**



Larry Nolen é um professor de História e Inglês que dá aulas há 14 anos em Tennessee e Flórida em escolas públicas e privadas. Tem um grande fascínio por línguas que o leva a dedicar muito do seu tempo livre a ler e traduzir artigos e entrevistas de português e espanhol para inglês. A sua primeira tradução, "El Escuerzo" de Leopoldo Lugenes apareceu na antologia ODD? e a sua segunda tradução, "Mister Taylor" de Augusto Monterroso na antologia *The Weird: A Compendium of Dark and Strange Fictions*. Tem um blogue em <http://offblog.blogspot.pt/>

E se os personagens de A Guerra dos Tronos estivessem no Facebook?

A Nova Campanha de Imprensa da Saída De Emergência:

Qual será o segredo da série A Guerra dos Tronos, uma das sagas literárias mais famosas da década, com milhões de leitores em todo o mundo? Com certeza, a imaginação sem limites do escritor George R.R. Martin e a sua capacidade de contar uma boa história são pontos altos da série.

Mas dez entre dez leitores concordam que o grande triunfo da série são os seus personagens.

“Apesar de viverem num mundo fantástico, com cavaleiros e dragões, eles comportam-se como pessoas reais, capazes do melhor e do pior” diz Marcelo Lourenço, diretor criativo da agência de publicidade Fuel. “Por isso é tão fácil relacionarmo-nos com a *A Guerra dos Tronos* – porque os seus personagens parecem de carne e osso, quase podemos os visualizar no mundo real”.



Petyr "Mindinho" Baelish atualizou a sua foto de capa



Gostar - Comentar - Partilhar · há 5 minutos



Petyr "Mindinho" Baelish atualizou a sua foto de capa



Gostar - Comentar - Partilhar · há 17 minutos



Petyr "Mindinho" Baelish atualizou a sua foto de capa



Gostar - Comentar - Partilhar · há 24 minutos



Petyr "Mindinho" Baelish atualizou a sua foto de capa



Gostar - Comentar - Partilhar · há 46 minutos

AGUERRA
DOS TRONOS

Editora Saída de Emergência. Agora no facebook.



Foi a partir desta premissa – como os personagens da “Guerra dos Tronos” se comportariam na vida real – que a agência criou a nova campanha de anúncios da Editora Saída de Emergência, editora responsável pela publicação da série de livros em Portugal e que lançou os anúncios na sua página do Facebook.

“Hoje em dia, o que define a maneira como nos comportamos socialmente é a nossa presença nas redes sociais, que acaba por ser uma extensão da nossa personalidade. Por isso a pergunta ‘Se os personagens de *A Guerra dos Tronos* existissem nos dias de hoje, como seriam as suas páginas pessoais no Facebook?’ acabou por ser a base de toda a campanha” completa Marcelo Lourenço.

Assim nasceu o “Facebook of Thrones” que traz três anúncios, cada um com uma “página” pessoal, criada a partir de um dos personagens da série. Vemos o misterioso e dúbio Petyr “Mindinho” Baelish a trocar a “front page” da sua página com o mesmo à vontade com que troca de aliados na série. E que melhor maneira de mostrar o relacionamento incestuoso entre os irmãos Jaime e Cersei Lannister do que o seu “relationship status” no Facebook – algo que vai de “irmãos”, passa por “amantes” e acaba num “é complicado”.

Mas, claro, nenhuma presença da série nas redes sociais pode competir com o “Red Wedding”, algo que incendiou a web há alguns meses, quando na série de TV (adaptada dos livros) se descobriu o destino trágico que o autor tinha preparado para o “Rei do Norte” e a sua esposa.

“Esta campanha não poderia existir sem Rob Stark e o seu “check in” no castelo dos Frey, mais conhecido como as “Gêmeas”” diz Pedro Bexiga, também director criativo da Fuel e um dos criativos que assina a campanha.

“Com um simples “post” na sua (fictícia) página do Facebook, toda a história está contada – a maneira confiante com que Rob entra no castelo e cai numa armadilha preparada pelos seus supostos aliados – que fazem “like” no seu “post” enquanto afiam as suas espadas”.

“A Fuel é uma das melhores agências de publicidade de Portugal, trabalha com grandes clientes como a Worten, o Continente, a Volvo e o centro comercial Colombo. São também uma das agências criativas mais premiadas do país. Além disso, conheço o Marcelo e o Bexiga, os directores criativos há muito tempo, sei do seu talento e sabia que eles entende-



A GUERRA
DOS TRONOS

Editora Saída de Emergência. Agora no facebook.



riam perfeitamente o ‘briefing’ que lhes foi passado” diz Luís Corte Real, director da Editora.

“Quando me contaram a proposta de usar *A Guerra dos Tronos*, um dos nossos grandes sucessos, para promover a editora nas redes sociais, aprovei na hora: era exactamente a ideia que estávamos à procura” completa Luís Corte Real”.

A campanha foi criada a oito mãos pelos directores criativos e pela dupla Nádía Pinto e Rita Carmo e, antes mesmo de ser lançada, já era um sucesso na internet, onde começou a ser divulgada.

Foi destaque no site “Ads of The World” e entrou no top 5 semanal do blog “Best Ads on TV”, um dos sites mais respeitados da publicidade mundial. “Além de todos os ‘likes’ e comentários positivos que recebeu na página da Editora no Facebook” diz Luís Corte Real. **BANG!**



Equipa FUEL

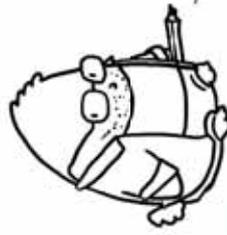
GEORGE Q. Q.
PATIN

HECTOR
COLUMBUS

HECTOR É POMBO E SONHA EM FAZER SUCESSO
COM OS SEUS LIVROS, MAS PARA ISSO ELE PRECISA VENCER
AS AGRURAS DE UM MERCADO SELVAGEM, EDITORES TIRANOS
E AMIGOS QUE NÃO CONFIAM EM SEU POTENCIAL, COMO O AFONSO.
MAS O QUE ELE NÃO SABE É QUE GANHOU UM NOVO
E PODEROSO INIMIGO!



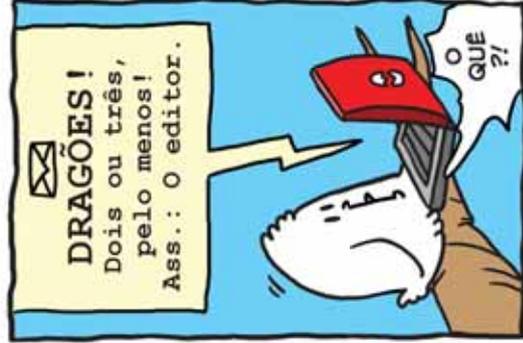
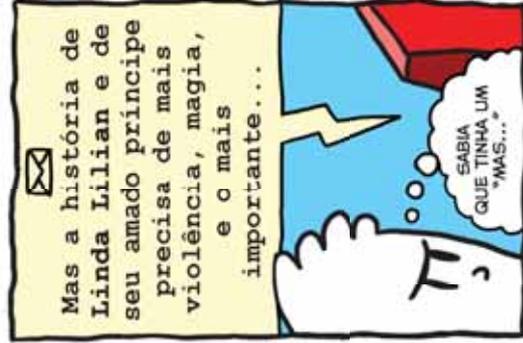
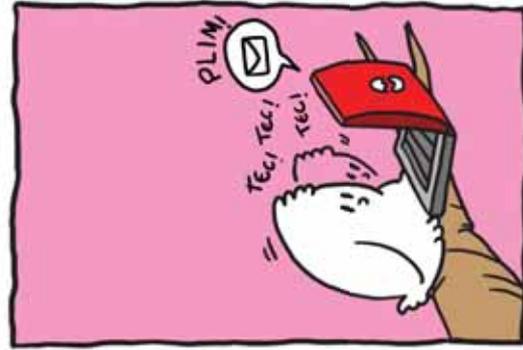
A GUERRA DOS POMBOS

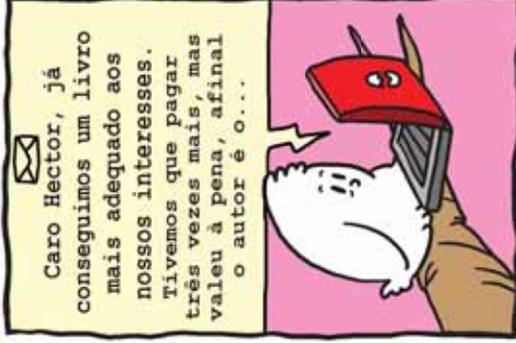
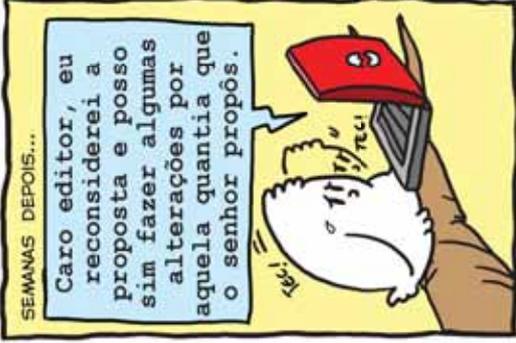
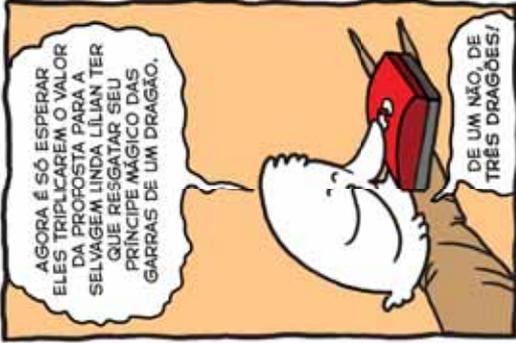
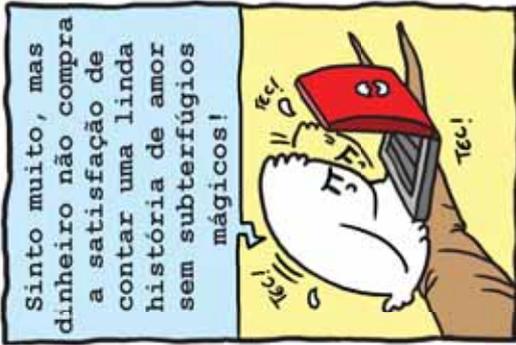
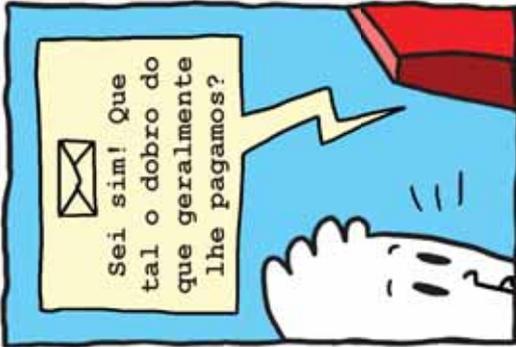


Estevão Ribeiro é brasileiro,
escritor, roteirista e autor de
histórias em quadrinhos.

Entre seus trabalhos destacam-se o
álbum em quadrinhos Pequenos
Heróis, publicado no Brasil e

nos EUA, seu thriller paranormal A
Corrente e a série de tiras cômicas
Os Passarinhos.





É P I C A A P R E S E N T A

FORUM FANTÁSTICO LISBOA 2013

BIBLIOTECA MUNICIPAL
ORLANDO RIBEIRO

15-17 NOVEMBRO



O MÊS DE NOVEMBRO ASSISTE AO REGRESSO DA 8.ª EDIÇÃO DO FÓRUM FANTÁSTICO.

A BIBLIOTECA MUNICIPAL ORLANDO RIBEIRO, EM TELHEIRAS,
VOLTA A SER O PALCO DE NOVOS ENCONTROS ENTRE OS LEITORES,
ARTISTAS, AUTORES E EDITORES.

Entre 15 a 17 de Novembro, os leitores poderão aceder a uma programação eclética. As sessões abrem na sexta-feira com uma apresentação dos prémios Adamastor, bem como o respetivo regulamento para a edição de 2014. Nelson Zagalo estará presente para uma conversa sobre a publicação do livro *História dos Videjogos em Portugal*. A ilustração no género fantástico marca presença através do convite feito a vários artistas portugueses que mostrarão os seus trabalhos. Ao fim da tarde, David Soares, António Monteiro e José Pedro Lopes estarão presentes para conversas sobre o horror.

O Fórum Fantástico trouxe este ano a Portugal um convidado de peso: o britânico Ian McDonald, autor de obras visionárias como *River of Gods*, e *Brasyl*, esta última editada em Portugal pela ASA/Leya. O autor publicou mais de 20 romances e dezenas de contos, ganhando notoriedade pelos seus arrojados ambientes de ficção científica em países em desenvolvimento – como na premiada trilogia temática composta por *River of Gods* (2004), *Brasyl* (2007) e *The Dervish House* (2010), cuja acção futurista decorre respectivamente na Índia, no Brasil e na Turquia.

A componente audiovisual estará representada através das curtas *Jogo Maldito* de David Rebordão, que também falará do seu projeto cinematográfico, *RPG*. Serão igualmente apresentados o filme *Collider* e a série *Sangue Frio*, assim como várias curtas-metragens, com presença dos realizadores.

O dia de sábado abre ao início da tarde com a apresentação da nova edição da revista Lusitânia, um projeto dedicado à publicação de ficção especulativa de raiz cultural portuguesa. O autor Luís Corredoura apresenta de seguida o seu livro *Nome de Código Portogral*, uma obra de história alternativa em que

descreve Portugal ocupado pelos nazis.

Não poderia faltar o novo almanaque Steampunk de 2013, organizado pelo grupo Clockwork Portugal e que estará presente para apresentar o Almanaque, assim como a criadora Angélica Elfic.

A SDE irá marcar presença no evento através da revista Bang! 15, que estará disponível no Fórum Fantástico, e haverá uma sessão em que os editores irão discutir a expansão do projeto para o Brasil e a nova plataforma digital da revista.

O inusitado projecto Winepunk promete muitas surpresas numa divulgação em exclusivo dos seus primeiros materiais literários.

Ian McDonald termina em grande o dia de sábado com uma sessão de apresentação do seu livro *Brasyl*, seguida de sessão de autógrafos.

O último dia do evento, domingo, conta com as participações de vários autores que têm publicado contos fora de Portugal: João Ventura, João Ramalho-Santos, Inês Montenegro e João Rogaciano.

A sessão de sugestões de livros por Artur Coelho, João Barreiros e João Campos não poderia também faltar.

A secção de banda-desenhada do Fórum Fantástico irá contar com as participações dos autores da BD *Dog Mendonça e Pizzaboy*, Filipe Melo e os ilustradores Juan Cavia e Gustavo Villa, bem como João Mascarenhas do projeto Butterfly Chronicles e Ricardo Venâncio, com o projecto Hanuram, o Dourado.

Como tem sido habitual nas sessões anteriores, haverá feira do livro gerida pela D. Kartoon,

a banca da Saída de Emergência, mesa de jogos e outras actividades.

Em paralelo, encontra-se a decorrer o concurso de fotografia ZORAN-FRAMES, promovido pela editora Cavalo de Ferro em colaboração com o Fórum Fantástico, com a parceria da Sony, da Xerox e da Biblioteca Municipal Orlando Ribeiro, em torno dos quatro livros do escritor sérvio **Zoran Zivkovic** traduzidos por essa editora em Portugal: *A Biblioteca*, *O Escritor-Fantasma*, *O Último Livro* e *Sete Notas Musicais*. Os resultados do concurso serão anunciados no dia de sábado por João Morales, e o mesmo será objecto de uma exposição a abrir no FF e a permanecer até 7 de Dezembro. **BANG!**

O programa completo poderá ser consultado no site:

<http://forumfantastico.wordpress.com>

Ian McDonald





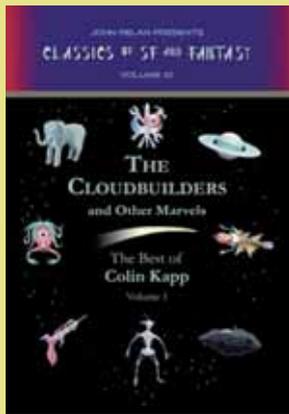
O problema de muitos de nós está no facto de preferirmos ser arruinados por elogios do que salvos pela crítica.

Norman Vincent Peale

▶▶▶ Lá fora

The Cloudbuilders and Other Marvels Colin Kapp Ramble House

Às vezes, vindas de um passado profundo, ascendem à superfície pequenas maravilhas como esta, que julgávamos para sempre perdidas. Bem haja o editor John Pelan que tem vindo a ressuscitar autores de FC que o tempo e a indiferença editorial resolveu enterrar para sempre. Colin Kapp será um autor que provavelmente ninguém ouviu falar. Mas, embora imbuído do espírito “pulp”, chegou a ser tão confrontacional como o próprio Alfred Bester. Quem afirma não gostar de ler contos, nem sabe o que perde. Contudo, para quem se atreva a regressar às esquecidas glórias da pós-Idade do Ouro da FC, aqui está uma mão cheia de FC hard (ou pelo menos tão hard quanto nos permitiam os idos anos 50). Todos os contos desta antologia pertencem ao mesmo universo da Liga dos Engenheiros Não-Ortodoxos. Aqueles que pensam fora da caixa. Aqueles que encontram sempre soluções divergentes para solucionar problemas aparentemente irresolúveis. Os mal-criados que costumam trocar as voltas à ditadura militar dos planetas ocupados pela espécie humana. Todos homens, *helás*. Nestes contos, tan-

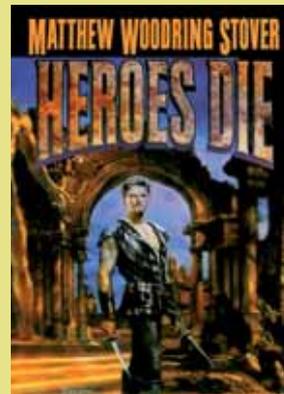


to quando me lembra, não aparece uma única mulher. Um pouco de chauvinismo e culto do macho Alfa não faz mal a ninguém. O que aqui aparecem, em deliciosas diversidades, são ruínas e artefactos. Ruínas de extintas civilizações alienígenas cujos artefactos, inexplicavelmente, continuam a funcionar e a tramar a vida aos colonos humanos. Cabe aos Engenheiros “desligar” os sistemas ainda activos ou utilizá-los para outros fins. Perceber o que raio queriam os alienígenas fazer com aquilo, desde supermetropolitanos à escala planetária, a estruturas feitas de sombra onde o tempo funciona de modo diferente. Cada conto seu mistério. Cada mistério, com uma solução que não lembra o diabo. O ciclo dos UNORTHODOX ENGINEERS estava vedado aos fãs desde as edições esgotadas dos anos 70. Ei-lo que regressa em todo o seu esplendor. E frescura. / João Barreiros

**“Heroes Die”
e as sequelas, “Blade
of Tyshalle”,
“Caine the Black Knife”,
“Caine’s Law”**
Mathew Woodring Stover
Del Rey

Imaginem um herói de fantasia, à la Conan, num mundo recheado de elfos, fadinhas, orcs e deuses sequiosos de sacrifícios de sangue. Um mundo onde a magia funciona com o mesmo rigor de uma equação matemática. Banal? *Been there, done that?* Nem pensem. Hari Michelson é um actor a soldo das Mega Corporações num

futuro próximo da nossa Terra, onde as massas proletárias se alheiam de uma vida de penúria e exploração capitalista, à custa de espectáculos televisivos de jogos violentos de massacre. Missão? Passar para



o tal mundo de fantasia, OVERWORLD, através de um buraco verme, e massacrar, durante um período de tempo limitado, tudo o que são elfos, feiticeiros, Princesas Guerreiras e Senhores das Trevas. Como um jogo

de computador tornado real. Hari Michelson tem os músculos amplificados, nanomáquinas a correr-lhe no sangue, uma câmara incrustada no olho e uma espada com filamento monomolecular, capaz de cortar carne de orc como nós cortamos manteiga. Os direitos das fadinhas e elfos? Quer lá ele saber, pelo menos de início. O que as Corporações realmente desejam, é explorar os recursos naturais deste novo mundo. Minerais, petróleo, urânio, água não contaminada. Com um humor ácido, uma feroz crítica social ao sistema de castas anunciado pelo capitalismo selvagem, Matthew Stover diverte-se a desconstruir todos os clichés dos mundos de fantasia que infelizmente começaram a preencher as estantes das nossas livrarias com um excesso de palha melosa. A Terra Média do Tolkien nunca mais será a mesma depois da “visita” envenenada deste ciborg ultra-hitech que não olha a meios para subir na pirâmide social do pesadelo corporativo deste nosso futuro já tão próximo. A vida é dura para os actores. Absolutamente a não perder. / João Barreiros

A Bang! recomenda...

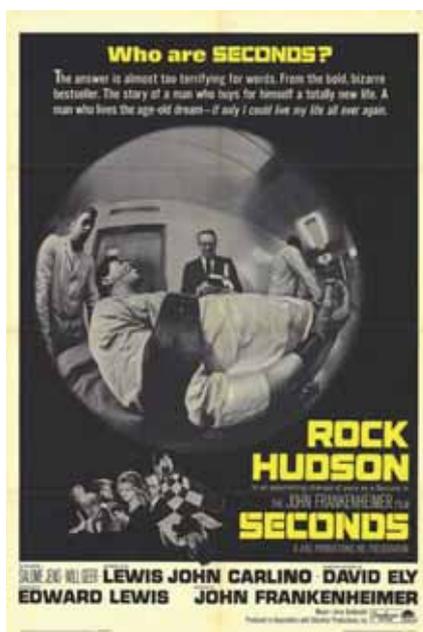
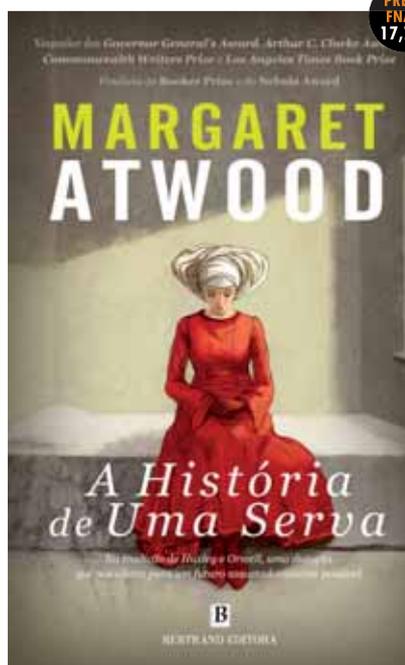
A História de uma Serva

Margaret Atwood

Bertrand

(livro)

A Bertrand lançou recentemente um dos clássicos de literatura distópica e uma das mais obras mais influentes nos estudos feministas. Margaret Atwood conta a história de Defred, uma serva na república de Gileade, onde assistimos à descrição de uma sociedade distópica em que as mulheres apenas existem para procriação, sendo negada qualquer identidade ou possibilidade de amor. Uma obra audaciosa e marcante que concebe um futuro negro como forma de alerta para os perigos do fundamentalismo e extremismo religioso.



Uma Segunda Vida

John Frankenheimer

(filme)

É quase impossível de acreditar que Rock Hudson, um dos maiores galãs de melodramas e westerns das décadas de 50 e 60, tenha entrado num filme tão sombrio e retorcido como esta estranha obra-prima de ficção científica e horror de John Frankenheimer, mas a verdade é que Hudson não só entrou, como teve um dos papéis mais convincentes da sua carreira. A primeira parte do filme é interpretada por um protagonista mais velho que é contactado por uma misteriosa agência que lhe oferece juventude e uma nova vida abastada. Ao ganhar uma segunda vida, rapidamente cede à insatisfação e anseia por desfazer o compromisso com a agência... Um filme moderníssimo, e em nada datado, que termina com um dos finais mais perturbadores vistos em cinema.

O Baile

de Nuno Duarte (argumento) e Joana Afonso (desenho)

Kingpin Books

(BD)

Recentemente consagrado como o melhor Álbum Português de BD no Festival de BD da Amadora de 2013, *O Baile* conta a história de um inspector da Pide enviado para investigar uma série de ocorrências sobrenaturais numa pequena vila costeira em 1967. Aparições de zombies e caças a bruxas não faltam, mas Nuno Duarte vai muito para além da mera aventura e o seu herói improvável demonstra uma tocante profundidade no meio da loucura, opressão e paranóia do regime do Estado Novo. Uma história bem urdida ao qual o talento de Joana Afonso provou estar à altura. **BANG!**



VENHA DESCOBRIR MAIS NO
SITE DA REVISTA BANG!

WWW.REVISTABANG.COM

BANG!

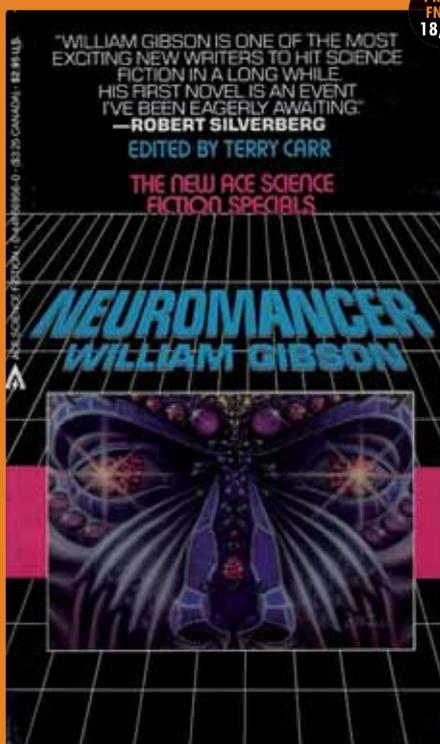
Sugestões Fnac

por Rui Mártires / Fnac Portugal

Neuromancer de William Gibson

Este é, sem dúvida, um dos maiores e mais emblemáticos romances do género “Cyberpunk”, com uma influência que se estende ao Cinema (com a trilogia *Matrix* dos irmãos Wachowski), Jogos de Computador (*Shadowrun Returns*), Banda Desenhada (*Akira*) e Animação (com o revolucionário *Ghost in the Shell* do mestre do anime Masamune Shirow) de entre outros que vão da Moda à Música.

Curiosamente saiu no mítico ano (para os futuros distópicos) de 1984, sendo a obra de estreia de William Gibson e conseguiu a proeza de arrecadar os três principais prémios da ficção científica o “Nebula Award”, o “Philip K. Dick Award” e o “Hugo Award”.



Neste livro são introduzidos conceitos revolucionários como a “Matrix”, que designa um quase universo alternativo no ciberespaço (termo aliás popularizado pelo autor), onde computadores e programas são usados para projetar a consciência humana permitindo a ligação direta entre o homem e a máquina.

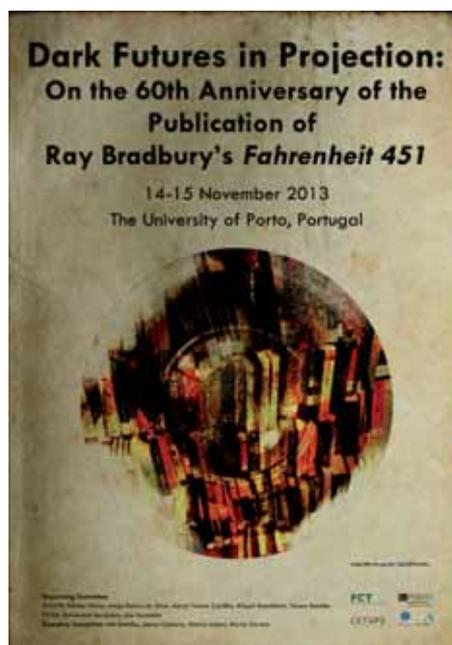
Um futuro predominantemente sombrio e dominado por mega-corporações em que o Homem e a Máquina se fundem para “melhorar” o homem. *Neuromancer* é um livro de referência e de certa forma um olhar para o que a humanidade se pode tornar num futuro próximo (talvez mais próximo do que o que seria desejável). **BANG!**

RAY BRADBURY E DOCTOR WHO NA CIDADE DO PORTO

Para comemorar os 60 anos decorridos desde a publicação do clássico de Ray Bradbury, *Fahrenheit 451*, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto organiza uma série de conferências em torno da temática “Projectando Futuros Negros” nos dias 14 e 15 de Novembro. Uma obra distópica que reflecte parte da situação política do seu tempo, *Fahrenheit 451* expôs, por um lado, a censura do Estado, o conformismo compulsivo e a erosão de ideais democráticos e, por outro, a forma como os média e a publicidade esmagam o individualismo e criatividade. O filme de François Truffaut de 1966, que conferiu uma maior visibilidade à obra literária, fará parte do programa e será exibido no dia 15 de Novembro.

Também na cidade do Porto, realizam-se nos dias 15 e 16 de Novembro um tributo a *Doctor Who*, a série britânica de ficção científica da BBC que, este ano, celebra o seu 50.º aniversário. Como parte das comemorações, uma série de fãs portugueses está a organizar uma exposição de tributo ao universo de *Doctor Who* no Alma Porto Hostel. De acordo com a informação fornecida pelo evento, esta exposição conta com trabalhos de vários artistas nacionais de norte a sul do país e, para além das criações expostas,

também estará disponível aos visitantes catering e merchandising temáticos, bem como jogos e entretenimento relacionados com o universo Whoviano. **BANG!**





LEIA MAIS LITERATURA FANTÁSTICA

WWW.REVISTABANG.COM
OS MELHORES CONTOS, ENSAIOS E ENTREVISTAS

BANG!



**I WANT YOU
PARA A REVISTA BANG!**

SE TENS TALENTO E VONTADE DE SER PUBLICADO

QUER PARTICIPAR NA REVISTA BANG!?

A revista Bang! aceita submissões que se enquadrem no género fantástico nas categorias de ficção e não-ficção (ensaios, críticas literárias, entrevistas). Os textos deverão ser inéditos, em formato rtf, com limite não superior a 6000 palavras, e podem ser enviados para o e-mail bang@saidadeemergencia.com

Artistas também poderão submeter portfólios à apreciação da editora.

**CONTAMOS COM A VOSSA
PARTICIPAÇÃO!**

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO EM FORMATO TYRION



COM
CAIXA
ORIGINAL E
EXCLUSIVA

FINALMENTE EM BOLSO, A MELHOR
SAGA DE FANTASIA DE SEMPRE.

PACK INCLUI A GUERRA DOS TRONOS, A MURALHA DE GELO,
A FÚRIA DOS REIS, O DESPERTAR DA MAGIA, A TORMENTA DE ESPADAS.

